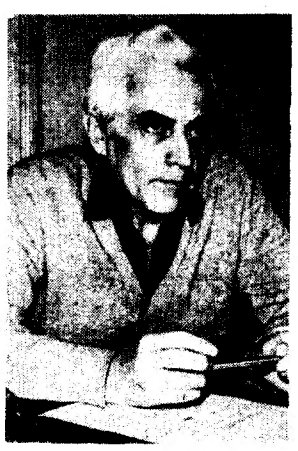
Diário de Lisboa

Abril 1978
Terça-feira
25
ANO 58.°
N.° 19 640
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

SOUSA E CASTRO: o 25 de Abril está vivo!

Pág. 2



ÁLVARO CUNHAL: duas coligações afectam o País

Pág. 2

MÁRIO SOARES: só falta alcançar uma sociedade mais justa

Pág. 3

Contos de Maria Judite de Carvalho e Luís de Sttau Monteiro

Págs. 9/11

Partidos políticos em Portugal

Págs. 5/6

Quando acreditou no 25 de Abril?

Págs. 7/8

...e mais textos de jornalistas e colaboradores do «DL», páginas de Otelo e Diniz de Almeida — e um «poster» a cores

Nas vésperas do 25 de Abril

Golpe contra a Democracia

• Os agressores de Almeida Santos em liberdade

A quatro anos do 25 de Abril, os cidadãos deste País escutaram, atónitos e indignados, a declaração do Primeiro-Ministro: «Os homens de Estado estão sem meios». E, atónitos e indignados, receberam a notícia de que um juri decidiu enviar em paz os arruaceiros dos Açores que espancaram um membro do Governo e, como fascistas, à Democracia portuguesa declararam guerra.

Não é necessário encarecer a extrema gravidade desta decisão politicamente irresponsável. A Democracia não poderá existir e fazer-se respeitar sem uma magistratura independente. Mas a Democracia não se poderá consolidar com uma magistratura politicamente irresponsável ou solidária dos inimigos do 25 de Abril, da Liberdade e da própria Independência Nacional.

Foi, há dias, a decisão que permitiu a saída das prisões da Polícia Judiciária, à revelia desta e com grave prejuízo para a continuidade das investigações, de um bombista, detentor de armas e explosivos, averiguadamente incurso na prática de acções terroristas e ligado a um plano de atentado contra o Presidente da República. Firmado numa trica processual o juiz mandou o bombista em liberdade.

Agora, o juiz do 5.° juízo de Instrução Criminal considerou ilegais as prisões dos agressores do ministro Almeida Santos, membros conhecidos de grupos fascistas que arvoram a bandeira de reivindicações separatistas para atacarem a Liberdade e a Democracia em 25 de Abril reconquistadas.

Não se poderá admitir que o Conselho Superior Judiciário dê cobertura a esta decisão insólita, escandalosa, politicamente irresponsável. Não se poderá aceitar que a Assembleia da República não forneça ao Governo, dentro do respeito pela verdadeira legalidade democrática, os meios necessários para defender as conquistas e os ideais de Abril, a Liberdade e a Democracia.

O juiz Martins Jacinto é um «retornado». Nem todos os «retornados» estarão apostados na sabotagem da «ordem constitucional». Muitos integraram-se neste Portugal novo que andamos a contruir. Mas o juiz Martins Jacinto, cuja de-

Continua na pág. 20

Tónica da mensagem do EMGFA

Defesa da Democracia

Elementos da Academia Militar quando esta manhã passavam junto à tribuna presidencial, na Praça do Império

Pág. 20

Esta edição do «Diário de Lisboa», iniciativa da Comissão de Trabalhadores que em todos os sectores da empresa encontrou boa vontade e voluntários generosos, é uma saudação unitária ao 25 de Abril.

Independente de esquerda, o «DL» não podia deixar hoje de descer às ruas, indo a encontro dos democratas que para sempre juraram um futuro feliz para a Pátria libertada no dia 25 de Abril de 1974.

Quem o folhear, encontra nas páginas o nosso abraço e nós, que o fizemos, o aperto de mão dos leitores de todos os pontos do País.

Viva o 25 de Abril de 74! Viva o 1.° de Maio! Viva a Fraternidade!

Comissão de Trabalhadores

Governo recusa trocar Moro pelos 12 «brigadistas»

Neste momento existe em Itália o sentimento de se viver sob ocupação como em 1944», escreve hoje o jornal de extrema-esquerda, «Il Manifesto», aludindo ao estado de espírito com que em Itália se comemora o 25 de Abil, data em que o país se libertou da ocupação nazi. Os «ocupantes» de hoje são as Brigadas Vermelhas, que desde o dia 16 de Março, mantêm sequestrado o presidente da DC, Aldo Moro, e que nos últimos dias intensificaram até ao paroxismo a guerra de nervos desencadeada contra o Estado democrático italiano.

Um novo comunicado — o número oito — emitido ontem pelas Brigadas Vermelhas exigia a libertação de 12 elementos do seu bando e um delinquente de direito comum reiterando a ameaça de «executarem» a sua vítima, caso as exigências não fossem satisfeitas. Ao contrário do que aconteceu da última vez, não marcaram agora prazo limite para a satisfação das suas exigências. Entre os terroristas, cuja libertação era exigida contam-se o fundador das BV, Renato Curcio, e três dos seus principais colaboradores, actualmente a serem julgados num tribunal de Turim. A lista incluia também Cristoforo Piancone, que foi deixado pelos seus companheiros à porta de um hospital de Turim, gravemante ferido após um tiroteio de que resultou a morte de um polícia no dia 11, além de três elementos do grupo «22 de Outubro», com sede em Génova e uma mulher, Paola Besuschio, presa em Pavia.

Após a recepção dum comunicado, o Governo reuniu-se, tendo decidido rejeitar negociações com as BV. No documento emitido no final da reunião, o Conselho de Ministros

Continua na pág. 20

SOUSA E CASTRO, UM DOS CAPITÃES

"O 25 de Abril está vivo!"

«O 25 de Abril está vivo!» — sublinhou o capitão Sousa e Castro, membro do Conselho da Revolução, responsável pelas comemorações oficiais deste ano, que o «DL» ouviu, para este número especial, na qualidade ainda de um dos «capitães» que, na madrugada de há quatro anos, abriu caminho à libertação do nosso Povo do fascismo.

Sousa e Castro, presidente da Comissão das Comemorações do 25 de Abril: liberdade e democracia «solidificam-se em Portugal»

— «Acha que o 25 de Abril ainda está vivo ou capaz de resistir aos saudosistas do anterior regime?»

— «O 25 de Abril está vivo no fundamental, dado que o que ele teve de essencial ou seja: o conceito de liberdade política, de democracia política, prevalece e, penso eu, solidifica-se em Portugal. Os saudosistas que sustentaram o sistema autocrático e ditatorial e a quem o regime democrático actual leva a sua tolerância ao ponto de admitir que se exprimam livremente, devem contar com um facto decisivo: as leis num Estado democrático, as leis que são legitimadas pelas maiorias, devem ser cumpridas intransigentemente e, portanto, os saudosistas ficarão reduzidos, em termos democráticos à sua expressão minoritária».

— «Mesmo nas Forças Armadas, considera que o espírito democrático e libertador do 25 de Abril se mantém?»

— «A minha resposta anterior foi de natureza global e contempla já, naturalmente, essa questão, pois no Estado democrático, e à medida, como eu julgo e espero que a democacia se for realizando no nosso País, as Forças Armadas não terão um papel excepcional nesse quadro, dado que terão que obedecer ao poder político, ao poder legitimado pela representação popular.».

— «Como estão previstas as comemorações nas ilhas e nos países onde há importantes colónias de emigrantes portugueses?»

— «A Comissão Organizadora tomou a iniciativa de comemorações de âmbito nacional, que são cerimónias já conhecidas, que se realizam em Lisboa, e deixou todo o outro tipo de comemorações à iniciativa e ao critério das autarquias locais e entidades não-oficiais. De facto vai-se comemorar por todo o País o 25 de Abril inclusive em países com comunidades de emigrantes, embora a comissão organizadora, porque não tinha dinheiro, não pudesse apoiá-las materialmente.

. «Temos entretanto conhecimento de que, desde o Brasil até às comunidades portuguesas na Europa, há numerosas celebrações. Quanto às ilhas temos igualmente conhecimento de iniciativas tomadas por grupos de cidadãos particularmente na Madeira de festejar o 25 de Abril. Aliás no caso concreto da Madeira deliberámos apoiar essas iniciativas mesmo financeiramente.»

— «Como correu a colaboração com os partidos?»

— «Foi dado conhecimento aos partidos do programa e das intenções ou tema das comemorações. Todos eles ficaram, portanto, sabedores do que se pretendia e todos eles — e refiro-me aos partidos com representação parlamentar — se puseram à disposição para colaborar».

— «Falou-se num diploma que visaria por ocasião da data, a amnistia dos militares suspensos e que, embora de diferentes sectores, estiveram ligados ao 25 de Abril».

— «Penso que nada acontecerá neste 25 de Abril. Não tenho conhecimento de qualquer iniciativa desse tipo».

COOPERANDO
COM O ESFORÇO
DE EXPORTAÇÃO
NACIONAL

VENDOR, LDA.

R. Sampaio e Pina 50 - 2.º Esq.º Lx 1
682185/6/7

EXPORTA

Papel, cartolinas, cartões,
frutos diversos, conservas,
tomate, flores, etc.

O secretário-geral do PCP quando falava ao nosso redactor

ÁLVARO CUNHAL, SECRETÁRIO-GERAL DO PCP

"Duas coligações afectam neste momento o País — a governamental PS/CDS e a fascista Kaulza-Sá Carneiro"

«Venho de uma reunião, vou para outra reunião. Reuniões de trabalho... Tenho pouco tempo disponível. Mas direi, sim, direi alguma coisa sobre o 25 de Abril. E também sobre o momento presente. Isto é: sobre os acontecimentos dos Açores, sobre o processo que aponta para o fascismo conduzido por Kaúlza e Sá Carneiro... Vemos a isso...? Pergunta e resposta, valeu...?»

Assim se expressou Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista, quando, sobre a hora do quarto aniversário do 25 de Abril, o abordámos nas instalações do Comité Central daquela organização política. Tem, pois, aqui o leitor um depoimento breve, mas que se enquadra, com a verdade de todas as palavras, na actual conjuntura política nacional.

●

«Quatro anos passados, como pensa que o povo encara hoje o «Movimento dos Capitães»...? O 25 de Abril de 74 é ainda uma determinante...? É ainda uma causa...?»

«A reacção procura atribuir todas as dificuldades que o País atravessa ao 25 de Abril. Mas a verdade é que o 25 de Abril respondeu a muitas das mais profundas aspirações que o povo português tinha acalentado ao longo de uma luta de meio século contra a ditadura fascista...»

E Álvaro Cunhal pormenoriza tudo quanto o 25 de Abril concedeu ao povo português:

«As liberdades democráticas, o fim da guerra colonial (com a independência de países amigos outrora submetidos ao colonialismo português), a liquidação do capitalismo monopolista e dos latifúndios, a satisfação de necessidades urgentes das classes trabalhadoras — e o reconhecimento dos seus direitos fundamentais...»

Afirmou o secretário-geral do PCP que «a reacção e Governos sucessivos têm procurado destruir muito daquilo que se alcançou com o 25 de Abril».

«Entretanto (disse) o povo português tem sabido defender no essencial as conquistas da Revolução e confiamos em que conseguirá assegurar o prosseguimento do regime democrático consagrado na Constituição».

AUTONOMIA REGIONAL TEM DE RESPEITAR CONSTITUIÇÃO

«O que se passou nos Açores...»

. «Não diga mais... Os acontecimentos dos Açores têm importância por si mesmos e pelo que significam no quadro da situação política nacional. O fascismo e a reacção conseguiram até hoje manter os arquipélagos numa situação antidemocrática, na qual se viola diariamente a Constituição e se não respeitam as liberdades e os direitos dos cidadãos nela consignados».

Álvaro Cunhal sublinhou que esses acontecimentos (agressão ao ministro Almeida Santos, etc) mostram que «PPD, CDS, Governos Regionais e separatismo actuam dentro de linhas fundamentais comuns».

«Dentro de linhas fundamentais comuns (repetiu), e com objectivos bem definidos: manter os privilégios das classes exploradoras dos arquipélagos e utilizar a situação aí existente e a ameaça da separação como instrumentos de opressão contra a política democrática em Portugal».

«Logo, portanto, uma manobra de desestabilização...»

. «Sim. Os últimos acontecimentos inserem-se numa grande manobra de desestabilização da situação democrática, tendo em vista preparar condições para a liquidação do regime através de golpes ou pronunciamentos. É um empreendimento anticonstitucional, antidemocrático e antinacional contra o qual é necessário tomar medidas urgentes».

E destacando bem as palavras:

. «A autonomia regional, reconhecida pela Lei Fundamental saída do 25 de Abril, não autoriza as autoridades regionais e insurgirem-se contra o Poder Central, contra a Constituição e contra a unidade e a integridade da Nação Portuguesa».

ULTRAPASSAR DIFERENÇAS DE OPINIÃO

Demorando-se sobre o processo de desestabilização que presentemente afecta os interesses do País, disse o secretário-geral do Partido Comunista:

«De facto, existe hoje, além da coligação governamental PS/CDS, uma outra coligação: a coligação Kaúlza-MIRN-PPD-Sá Carneiro, que polariza de momento os sectores mais extremistas da reacção».

Posta assim a questão, afirmou Álvaro Cunhal que «o povo português tem de conduzir a luta no momento presente em duas frentes principais: a primeira, contra a política de recuperação capitalista, agrária e imperialista do Governo PS/CDS, que atira o preço da crise para cima dos trabalhadores, sem que com isso consiga resolver qualquer dos grandes problemas nacionais; e uma segunda frente, a da luta contra o fascismo e os planos que se desenvolvem com o objectivo de liquidar a democracia portuguesa por meios inconstitucionais e ilegais».

A unidade, tónica coerente do PCP, surgiu na continuação das palavras de Álvaro Cunhal:

«No momento em que o nosso povo comemora a data gloriosa do 25 de Abril, e presta homenagem aos heróicos capitães do MFA, é um dever essencial de todos os democratas de todos aqueles que não querem regressar ao passado fascista, saberem ultrapassar diferenças de opinião, chegar a entendimentos e acordos que lhes permitam uma acção comum para fazer frente à ameaça fascista e garantir o prosseguimento da democracia no caminho aberto pela Revolução 2de Abril».

MÁRIO SOARES, PRIMEIRO-MINISTRO

"Dos grandes objectivos do 25 de Abril só falta alcançar uma sociedade mais justa"

«Eu penso que os grandes objectivos que trazia consigo a Revolução de Abril — uma revolução extremamente importante, um marco histórico na vida nacional — foram, em primeiro lugar a destruição do fascismo e a construção de uma ordem democrática no nosso País; em segundo lugar, pôr fim às guerras coloniais e assegurar a descolonização; em terceiro lugar, desenvolver economicamente o País, de modo a possibilitar uma via em direcção a uma sociedade mais justa, «socialista», como diz a Constituição. Os dois primeiros objectivos foram atingidos».

Há quatro anos, quando os capitães de Abril quebraram a disciplina das casernas e vieram para as ruas de armas na mão, este homem era um exilado político. Hoje é o Primeiro-Ministro eleito pelo povo português e concede, pela primeira vez, uma entrevista ao «DL». Mário Soares, chefe de um Governo a braços com a inflação, o défice da balança de pagamentos, o desemprego, a impopularidade das medidas de austeridade, o avanço das forças de direita, as provocações do separatismo ilhéu, é um português de meia-idade, metido na sua gravata e no seu fato cinzento, que como qualquer cidadão deste País convalesce de uma gripe. Com a diferença que ele o faz no seu gabinete de trabalho e este se situa no palácio de S. Bento.

Une-o a muitos portugueses o facto de ter pertencido às fileiras da Resistência ao fascismo salazarista — e ter pago o seu preço. Esse mesmo motivo o separa de muitos outros portugueses.

Hoje, quatro anos depois do 25 de Abril, Mário Soares fala-nos de «pontos quentes» deste tempo de aprendizagem da democracia: a descolonização e as relações com os novos países africanos de expressão portuguesa, a crise económica e as negociações com o FMI, a escalada das forças direitistas, as medidas de austeridade e a necessidade de aumentar a produção. Tempos difíceis estes da modificação de uma sociedade, porque «em 25 de Abril de 1974 houve a ideia um pouco ingénua, um pouco demagógica, de que era possível resolver tudo pela vontade das pessoas que dirigiam, no sentido de que era possível aumentar, indefinidamente ou quase, os salários dos trabalhadores, diminuir as horas de trabalho, aumentar os benefícios sociais, e fizeram-se muitas promessas de que era possível resolver, como por encanto, os problemas». Passada a euforia de Abril, o povo português descobriu que uma revolução não é alegre nem fácil. Exige esforço e sacrifício. Eles aí estão. Etapa necessária da modificação profunda de um País que se quer na via do socialismo. Foi o que votaram os portugueses e é o que diz a Constituição.

Mário Soares, referindo os objectivos do 25 de Abril, afirma-nos:

— «Os dois primeiros objectivos foram atingidos, isto é, quanto à destruição do fascismo, existe hoje uma Constituição, que é uma Constituição progressista, existe hoje uma democracia que funciona. A descolonização foi feita, acabaram as guerras coloniais.»

SEM DESCOLONIZAÇÃO NÃO HAVERIA DEMOCRACIA

Ainda sobre a descolonização: «O processo não foi tão feliz quanto deveria ter sido, houve mesmo dramas graves com traumatismos profundos na sociedade portuguesa. Depois de ter existido uma guerra durante tantos anos, era previsível que isso acontecesse. Porventura terá havido erros que se poderiam ter evitado e que não foram evitados, mas tudo isto está também ligado às vicissitudes do processo interno português.»

Desta descolonização que, na opinião de Mário Soares, «não foi nem linear nem fácil nem mesmo agradável», ressalta hoje «o esforço que Portugal tem feito para normalizar as relações com as suas ex-colónias, na base do princípio da igualdade e da não-ingerência nos negócios internos».

Mas o processo deixou marcas, «traumatismos que são conhecidos, todo o súbito regresso a Portugal de centenas de milhares de retornados, que criaram situações sociais, económicas e políticas graves, mas que felizmente estão ultrapassadas, visto que na sua maior parte estão resolvidas».

O Primeiro-Ministro português tem muito orgulho em afirmar que sempre foi anticolonialista, sempre se bateu contra a guerra colonial.

— «Depois do 25 de Abril, quando regressei do exílio, disse e é um facto: sem que houvesse descolonização nunca poderia haver democracia em Portugal. Não se pode abstrair desta realidade.»

Ao tempo ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares acompanhou o processo até princípios de 1975, na medida em que, como titular daquela pasta, pertencia à Comissão de Descolonização.

Nesse processo — diz-nos — muitos factos se passaram, muitos deles não foram ainda examinados detidamente, e muitas vezes atiram-se para cima de certas pessoas. Por mim estou tranquilo. A história um dia se fará.»

Hoje, e «apesar de tudo, e apesar dos novos países africanos terem seguido caminhos que, sob certos aspectos, não eram muito previsíveis, procuramos manter com eles as melhores relações, tentanto ultrapassar o contencioso existente».

APRENDER A VIVER EM DEMOCRACIA

Outro dos grandes objectivos de Abril, a democracia, foi «um processo contraditório».

Mário Soares afirma:

— «Como se sabe, houve tentativas para empurrar essa democratização para qualquer coisa de diferente, houve uma tentativa de tomada do poder pela força por parte do Partido Comunista, tentativa que resultou gorada. A verdade é que hoje se abrem neste País largas perspectivas de progresso. Poderemos desenvolver a democracia portuguesa, não a curtíssimo prazo — visto que temos sem dúvida problemas difíceis — mas a prazo mais longo, deixando em aberto os caminhos para atingir uma sociedade mais justa, onde haja não somente completa liberdade mas também igualdade de oportunidades para todos». Porque, diria mais adiante o Primeiro-Ministro, «a democracia é progressiva. Se é certo que hoje existe uma democracia política — uma Constituição que funciona, órgãos de soberania delimitados, com poderes próprios e independentes, os direitos humanos salvaguardados, partidos políticos a funcionar normalmente e sindicatos livres, bem como total liberdade de Imprensa — teremos que acrescentar que a democracia não é só isso. A democracia tem outros aspectos, que são igualmente importantes, e que consistem no desenvolvimento da democracia económica e da democracia social. A democracia significa igualdade dos cidadãos; mas não só perante a lei. Também igualdade nas oportunidades e nas condições de vida».

«É indispensável desenvolver a riqueza do País no seu conjunto para que todos os cidadãos possam ganhar»

Para atingir esta nova etapa da democracia, que se confunde com o socialismo, «é preciso desenvolver a riqueza nacional. Porque não é fácil desenvolver a igualdade entre os homens se não houver riqueza para partilhar».

A conquista e a consolidação da democracia passa, assim, pelo desenvolvimento económico do País.

— «É indispensável desenvolver a riqueza do País no seu conjunto para que todos os cidadãos possam ganhar, para que haja melhor segurança social, melhor assistência médica, melhor ensino, melhores condições de vida, melhor participação, melhor qualidade de vida para todos os portugueses».

Tudo isso leva o seu tempo. «Nós hoje estamos numa fase de adaptação. Saímos de um sistema totalitário, opressivo. Estamos a viver num sistema ultrapermissivo. Muitas pessoas criaram uma ideia de liberdade, que se poderia confundir com anarquia, com a noção de que tudo era permitido, a toda a gente. Ora, como se sabe, isso não é assim. Felizmente, estou convencido, com a educação democrática, com a experiência que as organizações políticas vão adquirindo, todas elas, com a correcção das suas próprias orientações quando não são consentâneas com a realidade portuguesa, nós vamos pouco a pouco construindo uma sólida democracia».

Porque — sublinha Mário Soares — «a democracia é progressiva».

— «Penso que a orientação do País rumo à Europa, como nós estamos a seguir, vai contribuir para desenvolver esse estado, essa vivência democrática, que é preciso criar no nosso País».

CHEGAREMOS A ACORDO COM O FMI

Toda a mudança tem o seu preço.

— «Quando se começa uma Revolução profunda e uma transformação profunda nas estruturas, tal como ela foi feita em Portugal, começam os verdadeiros problemas e há certas regras da economia que têm que ser mantidas».

«A nossa preocupação — diz-nos o Primeiro-Ministro — é, neste momento, antes de mais nada, salvar a economia portuguesa. Nós, de facto, temos neste momento um défice muito grande da balança de pagamentos. A primeira das prioridades é diminuir esse défice e encontrarmos financiamentos externos que nos permitam «tapar» provisoriamente esse «buraco».

Assim, decidiu o governo, «tomar, enquanto se podem, medidas de fundo para corrigir as deficiências da nossa economia.

Sobre as negociações com o Fundo Monetário Internacional Mário Soares pensa que «chegaremos a acordo com o FMI, os empréstimos virão». E algo que «tem que se fazer» e que significa «sacrifícios para conseguir a redução do défice, sacrifícios esses que representam um imperativo nacional e que se farão sentir indiferenciadamente em todas as camadas da população».

— «Nenhum outro governo — declarou o Primeiro-Ministro — fosse qual fosse a sua orientação, poderia dispensar-se de passar por esta fase e por negociações com o Fundo Monetário Internacional e por esta política que é impopular mas necessária — a política de austeridade».

Na fase final das negociações, Mário Soares afirma que a distância que nos separa do FMI «já é relativamente próxima». — «Creio bem que vamos chegar a acordo» — comenta.

DIREITA PASSA POR S. MIGUEL

A par com a difícil situação económica, a jovem democracia portuguesa enfrenta neste momento outro problema: a escalada das forças de direita.

Exemplo mais recente, a agressão de que foi vítima o ministro Almeida Santos, em Ponta Delgada.

Mário Soares pondera a situação nos Açores, problema que considera «extremamente grave».

— «Não se trata nada do povo açoriano, português como os melhores e que sente os problemas nacionais como qualquer outro. Trata-se de uma minoria de pessoas que, por razões muito concretas, querem desestabilizar a situação. Servem-se da bandeira de uma organização que é ilegal, a soldo do estrangeiro, separatista, são apoiados pelas forças mais reaccionárias, quer de lá quer de cá. Não se pode ignorar que jornais extremamente direitistas, e que até fazem «profissão de fé» de um nacionalismo estreito, tomam neste momento o partido dos agitadores da FLA. São eles próprios separatistas! Isto significa querer desestabilizar a situação açoriana para, através disso, desestabilizar e atacar a democracia portuguesa».

Segundo o Primeiro-Ministro, «não é um caso de somenos importância um ministro da República ser injuriado e ser agredido como o foi o dr. Almeida Santos».

— «E, portanto, necessário que se tomem medidas enérgicas para evitar que factos desses se repitam, para que em S. Miguel exista o mesmo tipo de segurança, de liberdade e de democracia que existe em todas as outras partes do território nacional».

A situação que se vive naquela ilha açoriana é de medo.

Continua na pág. 4

Pub.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALURGICOS

PARA QUE O 25 DE ABRIL SE CUMPRA
VIVA O 25 DE ABRIL

A direita reaccionária e fascista tem intensificado, nos últimos dias, a ofensiva contra as instituições democráticas, perante a incompreensível passividade do Governo. Multiplicaram-se as provocações e as ameaças, cresceram os atentados à liberdade em diversas zonas do país, enquanto alguns membros do Governo, evidenciando uma vesga miopia, fazem questão em minimizar a gravidade dos acontecimentos, atribuindo aos órgãos de Informação o empolamento destes factos.

Indiferentes às advertências dos trabalhadores e à aspiração manifestada por amplas camadas da população, o Governo alimenta, com a sua política, a ofensiva crescente contra o regime democrático, contra o diploma fundamental. O actual Governo de coligação PS-CDS, herdeiro da política de recuperação capitalista, agrária e imperialista, tem acentuado, desastrosamente, a crise económica e financeira do país e prosseguido uma política de agravamento das condições de vida das massas trabalhadoras.

Neste contexto, caracterizado por medidas constantes contra os trabalhadores, retirando-lhes direitos e regalias legitimamente conquistadas, as forças reaccionárias, o capitalismo nacional e estrangeiro manobra, descaradamente, na tentativa de fazer inverter a marcha da história para o futuro.

A direita reaccionária, os os saudosos do passado, comprometidos com o regime fascista, estimulados pelas cedências e passividade do Governo, abandonaram já o verniz democrático e vêm, à luz do dia, reclamar a revisão do diploma fundamental, veicular ataques frontais às instituições democráticas e constitucionais.

Por seu turno, o Governo, soçobrando às exigências do patronato empacota um conjunto de medidas que pretende fazer os trabalhadores e amplas camadas da população suportarem o preço da crise. Porém, a determinação dos trabalhadores em defenderem os seus direitos, reforçando a sua unidade e as acções de massas desenvolvidas obrigaram o Governo a promulgar algumas das reivindicações contidas nas conclusões do plenário da CGTP-IN de 4 de Fevereiro de 1978.

Contudo, esta vitória não esgota a luta das classes trabalhadoras. Pelo contrário, reforça a firmeza de lutarem pela concretização das restantes propostas e reivindicações e em defenderem as conquistas alcançadas em 25 de Abril de 1974.

No 4.º aniversário desta gloriosa data os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica manifestam a sua disposição de se baterem pelas transformações verificadas no nosso país e assegurarem as conquistas alcançadas, defendendo os interesses nacionais e o projecto da sociedade que a Constituição consagra.

A Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos, interpretando o sentir dos milhares de trabalhadores que representa, saúda o 25 de Abril e apela à mobilização das classes trabalhadoras em torno dos seus objectivos e à participação nas realizações que se efectuarem nesta data, para que, comemorando o Dia da Liberdade, o 25 de Abril se cumpra.

Lisboa, 20 de Abril de 1978 *O SECRETARIADO*

Mário Soares fala ao "DL"

Continuação da pág. 3

Não há dúvida de que, qualquer pessoa que visite a ilha de S. Miguel — e isto passa-se exclusivamente em S. Miguel, é preciso «destrinçar» entre «os Açores» e «S. Miguel» — vê que as pessoas se sentem atemorizadas. Mesmo as forças da ordem são permanentemente provocadas, e agentes da Polícia Judiciária e funcionários diversos, quando não tomam posição que sejam interpretadas de uma maneira favorável a essa organização subversiva que actua por métodos mais ou menos terroristas, são ameaçados».

— «Rebentaram bombas, foram destruídos automóveis, incendiados casas, como por exemplo a do actual ministro Jaime Gama, agora é espancado um ministro... Se deixarmos ir assim em crescendo, é evidente que estamos a encorajar a arrogância dessses homens que querem desestabilizar não somente a situação nas ilhas e tornar irremediável uma situação de separação entre S. Miguel e o continente, como, através dessa desestabilização, atingir objectivos concretos em relação à democracia portuguesa, e ao sistema constitucional vigente».

— O dr. Mota Amaral declarou à imprensa que o Governo central «violou a Constituição», pois não informou o Governo regional dos Açores sobre a visita do ministro Almeida Santos...

— «O sr. dr. Mota Amaral julga que é chefe do Governo de um estado federado e não de um Governo regional! Era o que faltava, que um ministro de Portugal não pudesse, quando isso lhe apetecesse,

Povo açoriano? UMA MINORIA!»

deslocar-se a qualquer das regiões do País!»

PRODUÇÃO É O NOME DESTA BATALHA

Para um País que conta apenas com quatro anos de democracia, hoje ameaçado por forças de vária ordem, a batalha prioritária está relacionada com «a aptidão do povo português para desenvolver os seus próprios recursos nacionais».

— «Nós estamos com problemas financeiros muito agudos, que tentamos resolver pelo menos a médio prazo, e com problemas económicos. Temos de aumentar e valorizar os produtos de exportação para assim podermos contralançar as várias necessidades de importação que temos, visto que somos um País carente de certas matérias-primas».

Afirma o Primeiro-Ministro:

... — «Precisamos de aumentar a produção. Isso não se faz de um momento para outro, tem que se fazer com tempo... A racionalização do trabalho, a disciplina no trabalho, o reestabelecimento da hierarquia das competências, dentro das fábricas, das empresas, no comércio e nas indústrias...»

Esta é a actual batalha do povo português.

Quanto à revolução de Abril, pensa Mário Soares que ela «esteve a pontos de perder-se em 1975, pois teria sido absorvida por aquilo a que já chamei a «perversão totalitária», mas esse risco foi ultrapassado. Temos agora riscos de extrema-direita, que são sérios, mas penso que os vamos igualmente vencer e ultrapassar. A Revolução será consolidada».

O 25 de Abril de 1974, o dia em que os «militares progressistas», quebraram a disciplina das casernas e vieram para as ruas de arma na mão, esse «será lembrado pelas gerações futuras como uma data tão importante para a História de Portugal, como o 5 de Outubro ou a Revolução de 1820».

A habitação é um autêntico fenómeno a exigir que se encontrem soluções para a sua resolução.

A esmagadora maioria dos portugueses

para além de múltiplas razões e da necessidade de conseguir um alojamento

prefere ser dono da sua própria casa.

A habitação proporciona-lhe a si e aos seus

grande segurança

porque se vai ser dono de um bem apreciável e até em contínua valorização.

A Marvaco vai resolver o seu problema habitacional,

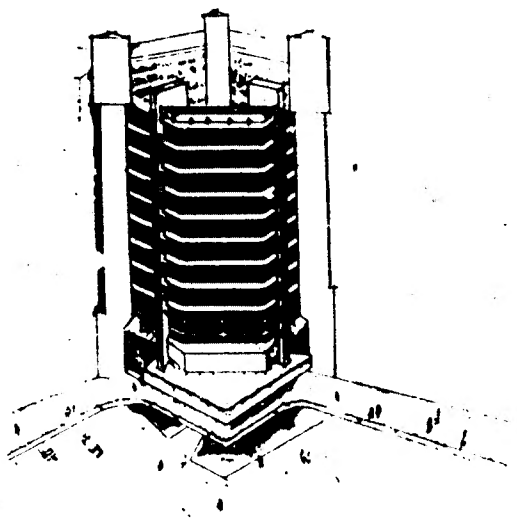
só pedimos de si um pequeno sacrifício.

Venha ter connosco. Nós iremos vencer a crise habitacional.

Andares na Cruz de Pau - 2 / 3 / 4 assoalhadas, parque privativo,

encaminhamento de todo o processo para as instituições de crédito.

Não somos, melhores nem piores. Somos simplesmente nós.



MARVACO

AGÊNCIA DE MARKETING, PUBLICIDADE, INFORMAÇÕES,
COMPRA E VENDA DE ANDARES, Lda.
Rua do Arco do Cego, 75-2.º Esq. - Lisboa — Telfs. 766849/778445

Partidos políticos em Portugal

Quando se formaram o que pretendem como funcionam

Como é Portugal, após o derrube do fascismo e ao cabo de quatro anos de vida democrática? Com as indicações breves e naturalmente incompletas que aqui fornecemos ao leitor, pretendemos dar-lhe alguns dados e informações sucintas sobre o historial e organização dos partidos que compõem o mapa político de Portugal e sobre a evolução da sua força eleitoral. Não podíamos, por razões de falta de espaço, ocupar-nos aqui de todas as formações políticas que compõem o vasto leque partidário actual. Tivémos assim de optar, como naturalmente o leitor compreenderá, por aqueles que, ou por terem integrado Governos, ou por resultados assinaláveis nas várias consultas eleitorais a que o povo português acorreu após o 25 de Abril, ou por qualquer outro motivo relevante, justificavam que os mencionássemos.

CDS

Partido do Centro Democrático Social

Em Maio de 1974, poucos dias após a Revolução de Abril, alguns dos mais altos expoentes da chamada «nova direita marcelista», como Diogo Freitas do Amaral (ex-procurador da Câmara Corporativa), Xavier Pintado (ministro do Comércio antes do 25 de Abril) e Adelino Amaro da Costa (ex-chefe do gabinete do ministro da Educação Nacional do regime marcelista), entendendo existir uma lacuna no espectro de forças que então se esboçara no País, decidiram fundar o Partido do Centro Democrático Social.

Em Janeiro de 1975 realizou-se no Porto, no Palácio de Cristal, o primeiro congresso da nova organização política, onde estava prevista a eleição dos dirigentes e a apreciação e debate das bases programáticas e dos estatutos do partido. A Assembleia veio a ser suspensa e só no começo de 1976 teria a devida continuidade. Foram então eleitos os actuais dirigentes e aprovados os princípios programáticos.

Seguidamente, realizou-se na Póvoa do Varzim, em Março de 1976, um Encontro Nacional que procedeu à definição da estratégia eleitoral do partido, apresentação e estudo do Manifesto Eleitoral, etc.

O CDS tomou sempre as suas distâncias em relação ao processo revolucionário iniciado em 25 de Abril, nunca participou nos governos provisórios, e tem contestado a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário e de modo geral tudo quanto procura imprimir à nova sociedade um curso socialista. Foi o único partido que votou em bloco contra a aprovação da Constituição da República Portuguesa (Abril de 1976).

No CDS, a coordenação da orientação política cabe ao presidente da Comissão Política, Diogo Freitas do Amaral, desde a fundação do partido, tendo sido ratificado no cargo pelo congresso de Janeiro de 1975.

Órgãos superiores do CDS são o Congresso, o Conselho Nacional, a Comissão Política, o Conselho de Coordenação Regional e o Conselho de Fiscalização. Como órgãos auxiliares, há ainda a Comissão Central de Angariação de Fundos, a Comissão Central de Admissões e a Comissão Central de Disciplina.

O partido publica regularmente um semanário (a Folha CDS) e um mensário (Democracia).

Nas eleições para a Constituinte, em 1975, o CDS obteve 433.343 votos (7,6 por cento), elegendo 16 deputados. Para a Assembleia Legislativa em 1976, 858.783 votos (15,9 por cento), 41 deputados.

Nas eleições para as Autarquias Locais (Dezembro de 76), o CDS obteve 620.052 votos para as Assembleias de Freguesia (15,26 por cento) equivalente a 5104 mandatos (19,41 por cento do total de mandatos). Para as Assembleias Municipais 685.462 votos (16,43 por cento), 1048 mandatos (20,43 por cento). Para as Câmaras Municipais, 692.869 votos (16,61 por cento), 317 mandatos (16,63 por cento). O CDS obteve a maioria em 475 freguesias.

O CDS participa no II Governo Constitucional com três ministros e cinco secretários de Estado.

PCP

Partido Comunista Português

A fundação do Partido Comunista Português, a 6 de Março de 1921, está ligada ao desenvolvimento histórico do movimento operário e realizou-se num clima marcado por grandes lutas de classe, travadas pelos trabalhadores portugueses, e pelo impacto da Revolução de Outubro. No mesmo ano foi fundado «O Comunista», o primeiro órgão do Partido.

Em 1922, o Partido adere à Internacional Comunista, de que fará parte até à dissolução desta em 1943. Em 1923, realiza-se o I Congresso do PCP. Em 29 e 30 de Maio de 1926, tem lugar o II Congresso. Desde Janeiro desse ano que o PCP adverte contra a ameaça de um golpe fascista. Em 1927, a sede do PCP é definitivamente encerrada, terminando a efémera existência legal do Partido.

Em 1929, o Partido inicia a actividade clandestina com a Conferência de 21 de Abril, que abre com uma intervenção de Bento Gonçalves, posteriormente escolhido para secretário-geral do Partido (Bento Gonçalves é preso em 1935 e viria a morrer em 1942 no campo de Concentração do Tarrafal, criado pelo regime fascista em 1936. Neste período são presos e assassinados destacados dirigentes e militantes do Partido). Em 1931, sai o primeiro número do «Avantel». Em 1933, sai «O Militante».

A ditadura fascista sufocava pela repressão as mais elementares formas de oposição. Nessas condições, o PCP, para poder assegurar a continuidade da luta popular e do movimento democrático foi forçado a lutar na clandestinidade, tomando as medidas de defesa necessárias para que a sua acção não fosse destruída pela PIDE. O PCP agiu na clandestinidade durante os 48 anos da ditadura fascista. Foi o único partido que teve acção política (clandestina) durante toda a duração do regime fascista. Outras formas de organização clandestina foram os comités de greve, os organismos coordenadores da luta reivindicativa dos trabalhadores, as brigadas de agitação, as organizações antifascistas nas forças armadas.

. . Em 25 de Abril de 1974, as organizações e militantes do PCP participam activamente nas grandes movimentações populares que, em aliança com as forças armadas, derrubaram o regime fascista. No dia seguinte, uma nota do Secretariado do Comité Central sublinha a importância da aliança entre as massas populares e o MFA como condição essencial para se prosseguir na consolidação de um regime democrático.

Álvaro Cunhal (membro do PCP desde 1930, funcionário desde 1935) é o secretário-geral do Partido (desde 1951).

A cupula da estrutura organizativa do Partido é o Comité Central (90 membros), com um Secretariado (7 membros) e uma Comissão Política (13 membros). Seguem-se as DOR (Direcções das Organizações Regionais), as Comissões Distritais, Concelhias, de Freguesia, Locais, de classe profissional e de sector, e os secretariados e núcleos de células (em empresas).

O PCP dispõe de 427 centros de trabalho edita o «Avantel», o «Militante», a «Revista Internacional» e a revista «Economia». Controla ainda a editorial «Avantel», com centenas de títulos publicados.

Nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 1975, o PCP obteve 709.659 votos (12,53 por cento do total) e teve 30 deputados eleitos. Para a Assembleia Legislativa, foi de 40 o número de deputados eleitos por 785.594 eleitores (14,6 por cento do total). Para as Autarquias, em Dezembro de 1976 o PCP integrou a FEPU, que obteve os seguintes resultados: 743.741 votos (18,29 por cento) e 3005 mandatos (11,40 por cento), nas Assembleias de Freguesia: 756.337 (18,13 por cento) votos e 674 mandatos (13,14 por cento), nas Assembleias Municipais; 737.586 votos (17,68 por cento) e 267 mandatos (14 por cento) nas Câmaras Municipais. A FEPU obteve a maioria em 171 freguesias.

O PCP teve dois ministros no I Governo Provisório, um no II e III, 2 no IV, e um ministro e dois secretários de Estado no VI.

Continua na pág. 6

Partidos políticos em Portugal

Continuação da pág. 5

PSD

Partido Social-Democrata

Após o êxito do movimento de 25 de Abril de 1974, Sá Carneiro, Magalhães Mota e Pinto Balsemão (ex-deputados da Assembleia Nacional fascista, onde desenvolveram esforços no sentido de liberalizar o regime e, porque não conseguiram afastar-se daquela Câmara) fundam em 6 de Maio de 1974 o Partido Popular Democrático (PPD). Em Novembro desse ano realiza-se em Lisboa o I Congresso do Partido.

Em Outubro de 1976, o Conselho Nacional do PPD decide, entre outras alterações de natureza estatutária, modificar o nome do partido, que passará a chamar-se Partido Social-Democrata (PSD). Entretanto, no II Congresso do PSD, realizado em Aveiro, a discussão da linha política e das alterações aos estatutos faz com que alguns militantes abandonem o partido e na Assembleia Constituinte surge um grupo de deputados independentes, formado pelos dissidentes que saíram no II Congresso.

Pode dizer-se que a partir daí o PSD tem estado em permanente crise interna, assinalada pelas frequentes entradas e saídas de Sá Carneiro, numa luta surda pelo controlo do aparelho partidário que parece estar ainda longe do fim.

Na cúpula do PSD encontra-se uma Comissão Política Nacional, composta por 19 membros, à frente da qual estará uma direcção política permanente de que fazem parte um presidente, tres vice-presidentes, um secretário-geral e ainda o presidente do grupo parlamentar. Na Comissão Política Nacional estarão presentes dois elementos da JSD e um do grupo parlamentar. Há ainda um Conselho Nacional, composto por 30 membros, e um Conselho Jurisdicional, com 15 elementos.

Actualmente, com poderes análogos aos da Comissão Política Nacional demissionária, e mandatada para, em Congresso a realizar até ao próximo mês de Junho, promover as diligências necessárias à eleição de uma nova Comissão Política Nacional, foi designada uma Comissão Permamente composta por elementos afectos à linha «sá-carneirista».

Nas eleições para a Assembleia Constituinte, o PSD obteve 1.495.017 votos (26 por cento), elegendo 81 deputados. Para a Assembleia da República, contou com 1.296.246 votos (24 por cento), correspondentes a 73 deputados. Para as Autarquias Locais, o PSD obteve 997.139votos (24,54 por cento) e 9086 mandatos (34,56 por cento) nas Assembleias de Freguesia; 1.021.192 votos (24,48 por cento) e 1659 mandatos (32,34 por cento) nas Assembleias Municipais; 1.012.351 votos (24,27 por cento) e 623 mandatos (32,68 por cento) nas Câmaras Municipais. O PSD obteve a maioria em 1157 freguesias.

O PSD participou com dois ministros no I Governo Provisório, 1 no II e no III, 2 ministros e 2 secretários de Estado no IV, 2 ministros e 8 secretários de Estado no VI.

PS

Partido Socialista

O Partido Socialista foi fundado na República Federal Alemã, em 1973, no último Congresso da Acção Socialista Portuguesa, que tomou a decisão de transformar aquela associação política em partido.

Com o 25 de Abril, o PS pode deixar a clandestinidade, transformando-se rapidamente, após o seu I Congresso na legalidade (Dezembro de 1974), no partido mais votado em sucessivas eleições.

Tendo participado nos 4 primeiros Governos Provisórios, o PS abandonou posteriormente o IV desses Governos, não participando no V e voltando a entrar no VI. Com a entrada em vigor da Constituição, o PS veio a formar sózinho o I Governo Constitucional do nosso país, e depois do seu derrube na Assembleia da República, formou o II Governo, actualmente em funções, em coligação com o CDS.

O secretário-geral do partido, desde a sua fundação, é o dr. Mário Soares, actual Primeiro-Minisitro.

O órgão central do PS, presidido por António Macedo, é a Comissão Nacional, composta por 150 membros, que engloba a Comissão Directiva (38 membros), o Secretariado Nacional (14 membros) e a Comissão Nacional de Conflitos (7 membros).

Ao I Governo Provisório, o PS deu três ministros e três secretários de Estado; ao II, dois ministros e seis secretários de Estado, ao III dois ministros e seis secretários de Estado; ao III, também dois ministros e seus secretários de Estado; ao IV, dois ministros e cinco secretários de Estado; ao VI, quatro ministros e 20 secretários de Estado.

Dr. Mário Soares fez parte de todos estes governos, menos do VI. Quanto ao dr. Vítor Constâncio, também esteve no elenco de todos, menos no do IV. De realçar que o PS integrou ou presidiu, em todos estes Governos, menos no IV, as equipas responsáveis pelos departamentos económicos, com relevo para o dr. Salgado Zenha, que foi ministro das Finanças do VI Governo Provisório, e para o dr. Vítor Constâncio, que desempenhou as funções de secretário de Estado do Planeamento Económico nos I, II, III e VI Governos Provisórios.

O I Governo Constitucional, presidido pelo dr. Mário Soares, foi da responsabilidade exclusiva do PS. Ao II, também presidido por Soares, os socialistas deram 11 ministros e 19 secretários de Estado.

Nas eleições para a Assembleia Constituinte, o PS obteve 2.145.618 votos (37,9 por cento), com 115 deputados eleitos. Para a Assembleia da República, o PS teve 1.886.932 votos (35 por cento), elegendo 106 deputados. Para as Autarquias Locais, o PS obteve os seguintes resultados: 1.346.946 votos (33,21 por cento) nas Assembleias de Freguesia e 8.407 mandatos (31,98 por cento); 1.389.980 votos (33,33 por cento) e 1.700 mandatos (33,14 por cento) nas Assembleias Municipais; 1.386.362 votos (33,24 por cento) e 691 mandatos (36,25 por cento) nas Câmaras Municipais. O PS obteve a maioria em 983 freguesias.

UDP

União Democrática Popular

Tendo por suporte o Comité de Apoio à chamada reconstrução do Partido (marxista-leninista), os Comités Comunistas Revolucionários Marxistas-Leninistas e a Unidade Revolucionária Marxista-Leninista, a UDP realizou o seu primeiro Congresso em Março de 1975, apresentando-se como «uma frente destinada a unir todos os que querem participar na luta pela democracia popular e socialista».

Os órgãos de direcção da UDP são a Comissão Nacional, composta por cerca de 30 membros, e a Comissão Nacional Permanente, com 6 membros efectivos.

Nas eleições para a Assembleia Constituinte, a UDP obteve 44.546 votos (0,8 por cento), elegendo 1 deputado. Para a Assembleia da República, conseguiu 91.383 votos (1,7 por cento) e elegeu também um deputado. Nas eleições para as autarquias locais, integrou os GDUP's, já dissolvidos, que obtiveram, nas juntas de freguesia, 92.812 votos (2,28 por cento) e 102 mandatos (0,38 por cento), com maioria absoluta em duas.

Pela sua representação indirecta na Assembleia da República (caso da UESD), pela sua participação na composição de alguns dos Governos Provisórios e pelos resultados obtidos nas várias eleições realizadas após o 25 de Abril (MDP), pela vitória conseguida numa Câmara Municipal, nas últimas eleições para as autarquias locais (PPM), são ainda de referir a União da Esquerda Socialista, o Movimento Democrático Português e o Partido Popular Monárquico.

UESD

União da Esquerda Socialista e Democrática

Organizada e dinamizada por militantes da esquerda, na sua maioria vindos do PS e pertencentes à Fraternidade Operária e ao MSU, a UESD realizou a sua primeira Convenção Nacional no final de Janeiro do ano em curso.

Entre os objectivos tácticos da UESD aponta-se, segundo a moção de orientação política aprovada na Convenção, «a imposição de uma nova saída no domínio do poder político» através de um Governo de esquerda que deve ser construído «nas lutas quotidianas a todos os níveis, das fábricas aos campos e às escolas, à cultura em todos os terrenos onde se materialize uma oposição à classe dominante e ao sistema de alianças».

Entre os dirigentes do seu órgão máximo, o Conselho Nacional, encontram-se Lopes Cardoso, César Oliveira, Eduardo Prado Coelho, Fernanda Lopes Cardoso, José Brás Pinto, José Luís Gaspar, Kalidas Barreto, Nuno Teixeira Neves, Rui Namorado, Rui Polónio Sampaio, Vital Rodrigues e muitos outros nomes destacados da oposição democrática e socialista.

Os dirigentes da UESD Lopes Cardoso, Vital Rodrigues e Brás Pinto são deputados à Assembleia da República, na qualidade de independentes (dissidentes do PS).

PPM

Partido Popular Monárquico

Constituído em 24 de Maio de 1974, o PPM é o prolongamento da Convergência Monárquica, reagrupamento que desde os anos 50 tem vindo a preconizar a restauração da monarquia.

Entre os objectivos básicos do PPM está, segundo o programa eleitoral do partido em Abril de 1976, o «crescimento real do produto, a redistribuição do rendimento nacional e a salvaguarda dos direitos da pessoa humana contra o totalitarismo da colectividade». (sic).

Com fracos resultados nas eleições para as assembleias constituinte e legislativa, o PPM conseguiu a maioria absoluta numa Câmara Municipal (a de Ribeira de Pena) nas eleições para as autarquias locais.

MDP

Movimento Democrático Português

Única formação política «legal» da oposição democrática nos últimos tempos da ditadura fascista, a Comissão Democrática Eleitoral (CDE), que depois do 25 de Abril, daria origem ao Movimento Democrático Português (MDP/CDE) teve um papel da primacial importância durante a Resistência. Foi esse movimento o ponto de aglutinação da esquerda portuguesa, o núcleo donde partiram diversas iniciativas de actuação, o instrumento da consciencilização política possível nos tempos repressivos da ditadura. Após o 25 de Abril o MDP continou a exercer esse papel nas circunstâncias históricas radicalmente diferentes que então surgiram. A nível local, foi o MDP/CDE que libertou as autarquias do poder fascista, tendo desenvolvido um importante papel de gestão e saneamento das estruturas pré-existentes. Nas jornadas históricas do 28 de Seetembro e do 11 de Março, o MDP/CDE teve um papel de vanguarda na mobilização de massas em defesa da democracia. Embora não se reclamando duma ideologia específica, o MDP/CDE defende a prática de um socialismo verdadeiro. De vocação frentista e âmbito nacional o MDP/CDE tem tido um papel mobilizador e consciencializador sobretudo a nível de autarquias locais e outros órgãos do poder local. Fez parte da FEPU e continua agora integrada na organização unitária dela nascida, a APU.

Com 250.000 votos (4,1 por cento do total de sufrágios expressos), o MDP teve 5 deputados eleitos para a Assembleia Constituinte. Não concorreu às eleições para a Legislativa e, em Dezembro de 1976, para as autarquias locais, integrou as listas da FEPU.

O MDP fez parte de alguns dos primeiros Governos Provisórios.

Quando acreditou no 25 de Abril?

Mal-grado acontecimentos recentes como a marcha de 16 de Março sobre as Caldas da Rainha, a que Marcelo Caetano tentara dar resposta com o beija-mão dos generais da chamada «Brigada do Reumático», os factos ocorridos às primeiras horas da madrugada de 25 de Abril de 1974 não apareceram desde logo muito claros aos olhos da maioria dos portugueses: com conotação progressista através da leitura dos primeiros comunicados do Movimento das Forças Armadas, mas a que a figura de Spínola emprestava forte dose de preocupações e incertezas, conhecido como era o itinerário do ex-cabo de guerra do exército colonialista na Guiné, o qual antes de ser o autor do mais acabado projecto neocolonialista conhecido por «Portugal e o Futuro», tinha marcado presença em Espanha, ao lado de Franco, e na Frente de Estalinegrado, integrado como observador nas hostes nazis de Hitler.

Depois havia as experiências frustrantes de Beja, em 1961, e de Humberto Delgado, em 1958, e o «espectro» de Kaúlza que círculos melhor informados sabiam ter tentado instrumentalizar os capitães na fase ainda embrionária do MFA, sobretudo através da sua influência sobre oficiais bem situados nas forças pára-quedistas.

É pois à distância de quatro anos que ao colocarmos a pergunta «Quando acreditar no 25 de Abril?», enquanto data histórica do derrube de um regime que há 48 anos subjugava um povo, pretendemos dar forma às dúvidas e preocupações que então teriam assaltado elementos bem demarcados da sociedade portuguesa, não esquecendo os representantes de cidadãos privados da liberdade por motivos políticos ou na clandestinidade.

AMEAÇAS DE MORTE NAS CELAS DE CAXIAS

«Sair? Aguardar contactos? Seriam as duas primeiras interrogações com que Manuela Bernardino, jovem militante do PCP, na altura da clandestinidade, se confrontaria, ao tomar conhecimento pela Rádio numa vila do Norte de que os militares haviam saído para a rua em várias zonas do País. E Manuela Bernardino recorda-nos a sua experiência»: Qual o cariz do golpe militar? Que fazer? Lembrei-me do 16 de Março e com o rádio sempre ligado verifiquei que as notícias não faziam quaisquer referências às cadeias políticas, onde tantos antifascistas se encontravam. Na escada do prédio ouvia os comentários das vizinhas. Os seus pareceres não eram favoráveis nem desfavoráveis à possibilidade de o fascismo cair. Debruçavam-se mais sobre os pormenores das versões que corriam do que com as questões de fundo. Havia naturalmente grande receio em manifestarem as suas opiniões. Saí à rua e comprei o «Jornal de Notícias». Nenhuma referência ao que se estava a passar. Já em casa sintonizei de novo o aparelho e foi então que ouvi: «povo na rua exige a demissão de Marcelo e Tomás. A situação começava a clarificar-se, mas só a 28, teria elementos fornecidos pelo órgão do Partido, dando-me uma perspectiva detalhada sobre os reais objectivos do MFA. Dia 30 deixei finalmente a casa clandestina».

José Manuel Tengarrinha, membro destacado do MDP, era na altura um dos antifascistas detidos no Reduto Norte da Cadeia de Caxias:

. «A meio do dia 25, na cela incomunicável em que me encontrava (cela da frente), notei um movimento anormalmente baixo na Marginal e no troço de acesso à auto-estrada. Foi-me comunicado de que teria havido um golpe militar sem me explicarem exactamente a sua natureza. Eu que já havia participado em algumas reuniões com militares, antes do 25 de Abril, sabia que, após a marcha das Caldas, havia uma grande inquietação nos meios militares e se preparava uma acção de características progressistas. Mas também era conhecido que elementos da extrema-direita pretendiam antecipar-se a esta acção, estabelecendo um regime ainda mais duro. Através de contactos muito breves que tive com o carcereiro, durante o resto do dia, não me foi possível obter qualquer informação concreta. O 25 de Abril era precisamente o dia em que iria começar a ser interrogado, longos interrogatórios que, segundo ameaças dos «pides», seriam acompanhados de várias torturas. Por isso a primeira estranheza que tive foi não me terem levado para a sala de torturas. Lembrei-me então da ameaça que dias antes me fora feito por um inspector ao afirmar-me que, se acaso houvesse um golpe democrático, os presos que se encontravam na incomunicabilidade não sairiam dali vivos. Assim passei do dia 25 para 26, tendo conseguido estabelecer algumas pequenas ligações com os companheiros das celas mais próximas. Receando que fossemos liquidados nessa noite, combinámos barricar-nos dentro das celas e esconder-mo-nos dos ângulos de tiro das janelas. Ma madrugada de 26 vi colocarem-se, em volta do forte e nas traseiras, pára-quedistas armados de metralhadoras o que provocou a minha preocupação, pois sabia que alguns comandantes daquela arma tinham uma posição de extrema-direita.

Nas primeiras horas, cerca das 8 horas da manhã, abriram-se as portas que davam acesso ao sector, ouvindo-se passos pesados pelo corredor. Abriu-se a porta da cela, entrando um oficial pára-quedista e dois soldados armados de metralhadoras. Só nessa altura me foi dito que iria ser libertado. Que se tinha dado uma revolta democrática. Esses segundos, desde que a porta foi aberta até que essa declaração foi feita, tornar-se-iam os mais longos da minha vida. Reunimo-nos posteriormente à porta do forte, onde recebemos algumas informações dos jornalistas que nos entrevistaram, mas depois voltámos para as celas onde estivemos ainda durante todo esse dia incomunicáveis. Recusámo-nos a sair se não fossemos todos libertados, pois sabíamos que na Junta de Salvação Nacional o general Spínola impunha restrições à libertação de alguns presos políticos. Já passava da meia-noite quando finalmente nos libertaram, isto no dia 27, enquanto cá fora éramos aguardados por milhares de pessoas. Estas hesitações da Junta de Salvação Nacional eram já elucidativas sobre as contradições nela existentes e da pressão das forças que, mais tarde, iriam desncadear golpes sucessivos sobre o regime democrático.»

Autor, juntamente com Cesário Borga e Mário Cardoso, de dois livros mais importantes até agora publicados sobre as origens e evolução do Movimento dos Capitães, o jornalista Avelino Rodrigues, neste momento ao serviço da RTP, deu-nos o relato da sua vivência: «Foi a violenta reacção dos «capitães» ao Congresso dos Combatentes do Ultramar, em 1973, que me fez esperar a queda próxima do regime fascista e a eclosão de profundas mudanças na sociedade portuguesa.

Era uma ideia vinculada em certos meios da opinião democrática que o regime não subsisteria à queda do Ultramar. E era tão profundo o envolvimento da classe dominante na exploração colonial que a perda das colónias viria abrir necessariamente na fortaleza burguesa uma brecha irreparável, por onde poderiam irromper novas forças sociais. Já em 1967 pudera aperceber-me de que a oficialidade portuguesa punha graves problemas de consciência sobre as motivações patrioteiras dos caciques colonialistas. Isto deu-se numa confraternização de 15 ou 20 tenentes e capitães, em que pude participar nos arredores das Caldas da Rainha. Mas tudo isto estava longe de uma ideia revolucionária. Seguiu-se um tempo em que pude admitir uma evolução neocolonialista sob a égide de Spínola. O único político coerente da evolução na continuidade, proposta abandonada por Marcelo Caetano. A «caxia» da classe dominante tornou impossível a solução. E as vitórias dos Movimentos de Libertação eram imparáveis. Após o 25 de Abril a Revolução esteve mais ameaçada do que nunca quando os spinolistas tentaram controlar os comandos das Forças Armadas.

Só em Julho de 1974, depois da criação do COPCON, pude concluir que os soldados estavam ao lado do povo e que faltava ao Estado burguês a força repressiva militar que seria imprescindível para a sua recuperação. Foi nesse Verão de 74 que eu acreditei no começo da Revolução Popular. (que depois se passou toda a gente sabe (não sabe). Muita água correu sob as pontes mas as nascentes não secaram...».

Carlos Gil, então na «Flama», seria o primeiro repórter fotográfico a chegar ao Terreiro do Paço, defendendo ali, em instantâneos inéditos e cheios de força, a tese de que valerá mais uma boa fotografia do que mil palavras: «Como estamos em época de austeridade contarei apenas que foi o capitão Salgueiro Maia (onde estará agora?) o «responsável» para que eu acreditasse no 25 de Abril. E tudo isto aconteceu logo nos primeiros momentos do golpe, no Terreiro do Paço.

Eu à rasca porque todos os militares me pareciam polícias e por experiência, dura experiência já conhecia muito bem a reacção habitual das forças policiais para com os jornalistas. E o capitão Salgueiro Maia a inquirir-me, a transmitir-me força, confiança, a situar os verdadeiros objectivos do MFA: «Ouça lá, então vocês da Imprensa não andam há tantos anos a lutar pela liberdade de expressão e para que acabe a Cesnsura? Pois olhe que é para que tudo isso acabe que nós aqui estamos. Tire lá as fotografias que quiser, documente lá bem isto que esta é uma hora histórica». E o resto, «escrevo» com as fotografias juntas, e nos por cá ... já não sei!».

Quer através da difusão das duas canções, «Grândola Vila Morena» e «Depois do Adeus», que funcionariam como senhas para o arranque dos militares dos quartéis, quer através da emissão dos primeiros comunicados do MFA, a Rádio teve um papel preponderante na consumação dos ideais democráticos dos capitães de Abril. José Manuel Nunes, neste momento responsável pelo programa «Contraponto», transmitido diariamente pela RDP-1, não se encontrava, porém, em Portugal: «Ainda não eram oito horas da mahã quando a campainha da porta isiste em me acordar. Estava em Colónia há quatro meses e não era hábito quem quer que fosse tocar aquela hora, já que transferira, intacto, para a Alemanha o vício de me deitar tarde.

Havia apenas alguns dias que fora buscar a Paris o resto da família, e não esperava visitas. Levanto-me, dou com a porta, o que não era difícil dado o tamanho do apartamento, e abro-a. Dois largos sorrisos dizem-me que em Lisboa havia um golpe de Estado, que os militares estavam na rua desde a madrugada. Era o Belchior e o Carlos Martins, colegas de Redacção na «Deutsche Welle». Se não fosse a autenticidade da alegria que inundava o patamar da escada e o desejo de ver a Ditadura cair no meu País, não acreditaria: «— Eh pá, porreiro. É só o tempo de

Continua na pág. 8

ATENÇÃO
AVISA-SE O PÚBLICO!
Visite já a sensacional campanha de baixos preços em mobiliário da fábrica directamente ao público.
Atenção não se iluda, não compre sem nos visitar só assim verá se vale a pena a diferença.

	ERA	É
Quarto de casal de luxo	35 000$	21 500$
Quarto de casal moderno	25 500$	15 500$
Quartos de criança de luxo	18 500$	11 500$
Quartos século XVII em mogno desde	30 000$	20 950$
Salas moder. de luxo desde	22 000$	15 500$
Móveis cama, roupeiro e escrivaninha	21 000$	15 500$
Jogos de maples de luxo	30 000$	22 000$
Jogos de maples em tecido desde	12 000$	6 300$
Arcas orientais	3 900$	2 500$
Mesas de vidro de luxo	11 000$	7 500$
Colchões Molas das melhores marcas		
183x133 — 183x128	2 800$	2 400$
183x 98 etc.	2 950$	2 300$
Ortopédicos		
183x133 — 183x128	3 850$	3 150$
195x140 etc.	4 580$	3 750$

Muitos mais conjuntos de mobilias e maples.
ABERTO À HORA DE ALMOÇO E ATÉ ÀS 21 HORAS
Darty Portuguesa Soc. Revendedora de Mobiliário e Equipamento de Conforto, Lda. das Organizações A. S. NUNES
7 lojas ao seu serviço
Móveis DARTY a solução para si
R. LUCIANO CORDEIRO Nº 18 A - TELEF. 577521 - LISBOA
LOJA Nº 7, AV. S. JOSÉ, LOTE 1 - TELEF. 2510029 - SACAVÉM

BASTOS
ÓPTICA ALMADENSE
FORNECEDOR OFICIAL DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
A.D.S.E., A.D.M.A., ETC...
R. Incrivel Almadense, 5-B
Telef. 2751246 - ALMADA

SEGUROS
Seguros em todos os ramos Rua Cabo da Boa Esperança, 3-D
tel. 2750855-2761793
Cova da Piedade

Quando acreditou no 25 de Abril?

Continuação da pág. 7

me arranjar, já vou ter convosco. Vão andando...»

Fechei a porta, corri para a telefonia e para a banheira. Liguei para «os belgas», abri a torneira do chuveiro. Do chuveiro saíam as notícias da Revolução, da telefonia jorrava o banho da Liberdade, acrescentado com uma lágriam lusitana que não quis perder o acontecimento... Nunca gostei tanto de trabalhar na Rádio como nesse dia, gravando tudo o que pela Europa os meus colegas noticiavam. Que importava estar longe? A festa far-se-ia também em Colónial»

NA MITRA DA EUROPA OU NO POLEIRO DA PERIQUITA...

A escritora Maria Velho da Costa, recentemente galardoada com o «Prémio Cidade de Lisboa», atribuído em função do seu último livro, «Casas Pardas», afirmou-nos:

«Acreditar acreditei logo, que eu tenho tendência a ser muito crédula a toda a boa nova. Até chorei de gosto e disse: Agora é que é mesmo, quando o general Spínola, o próprio, veio dizer que todos os políticos saiam, porque a violência legítima e o MFA e etc. Agora o que é acaso mais grave em termos de diagnóstico de idade mental é que quatro anos (duração de séculos) volvidos, ainda acredito — apesar da recuperação do que este País tinha de mais desesperante — a verborreia bacharelada das suas élites muito massadas, a tendência da mãozinha portuguesa para a gorjeta em dólares, o alastramento da penúria. E as birras entre a esquerda que me levariam a passar de bicicleta em Lisboa o próximo 25 de Abril, tantos são os genuínos locais de celebração popular que vai haver. Já a direita e a mania que os militares em caquexia têm de mandar quando se assustam não me preocupa tanto. Pode lá ser que este País vire outra vez mitra da Europa ou poleiro de trepadora tão afinal periquita quanto o sr. Sá Carneiro. É que três anos de alguma melhoria nos consumos (chão embora que deu uvas ácidas), mais quatro de liberdade de expressão (gonçalvismo compris, que senão não caía), sempre apuram o senso estético e o crítico — parafraseando a D. Natália, a que houve só uma, o tendo em mente a D. Vera, que ficará dupla na história curta — eles são tão feios, tão feios.

Gama Kira, um dos pintores mais promissores e conscientes da nova geração, igualmente autor de vários livros ilustrados para crianças, retrospectivou-nos assim os momentos vividos naquele dia:

..«Fazia a barba, às 7 horas, quando a minha vizinha do 2.º direito entreabriu a porta e me disse: 'Ai vizinho não vá para Lisboa que há lá coisa grande. Parece que é um Revolução, os soldados estão nas ruas, andam barcos de guerra no Tejo». «Revolução?», retorqui, abrindo de imediato o rádio, de forma a ainda poder ouvir o aviso para que as pessoas não saíssem das suas casas.

Saí de casa, apanhei o barco do Barreiro para Lisboa e, através das versões escutadas fiquei, desde logo, com uma certeza: «O Caetano estava mesmo à rasca». Já no Campo das Cebolas pude ver dezenas de vizturas carregadas com pessoal da GNR. Do lado do Terreiro do Paço estavam vários militares. Aproximei-me do local e perguntei a um deles: «Eh camarada o que é isto?» . E ele respondeu-me: «O que é é que estamos aqui para deitar os fascistas abaixo». Voltei ao Campo das Cebolas, onde pude ver um homem alto de barba crescida encostado a uma viatura da GNR. O homem de repente virou-se para os guardas ao mesmo tempo que dizia «Tomem! Tomem!», fazia o gesto peculiar na sua direcção. Houve quem o convidasse para beber um copo no bar da estação. Formou-se uma pequena multidão que se dirigiu para o bar, acompanhando as notícias transmitidas por vários rádios portáteis, aos gritos de «Morte ao fascismo». Depois dos copos, voltámos ao Campo das Cebolas e, então, o «Tomem! Tomem!» do homem alto foi acompanhado, em uníssono, por centenas de vozes. Foi o meu 25 de Abril que se prolongaria ao longo das telas que pintei sem o espectro da Censura a cortar-me o impulso, até ao 25 de Novembro e ao poema do capitão Calvinho: «Quando reacontecer Abril, se acontecer, que se prendam todas as flores de madrugada».

Maria M'Zambi, do elenco da «Cooperativa de Teatro Adoque» e animadora do programa infantil «Na Loja do Mestre André», transmitido aos domingos na RTP: «A data do 25 de Abril era aluna do Curso de Formação de Actores do Conservatório Nacional e possuía da política uma certa visão humanista, direi mesmo um pouco empírica. E seria nessa condição que participei nas movimentações populares de rua que se seguiram à queda do regime marcelista. Seria, porém, já no Adóque, que em contacto com o público, com as pessoas nas suas reacções, sem peias nem censura, que eu acreditaria na verdade de Abril. Razão porque temo pelo amanhã, um amanhã em que eu (actriz) sem liberdade, poderia estar condenada a ser uma maioneta manipulada pelos cordelinhos de um poder autocrítico, logo negação da própria Arte Total pela qual me dava no liceu, em Beja, por volta de 1966-67. Ligado à esquerda revolucionária, fui para Paris em Outubro de 1971, para não ir à guerra colonial, mas pensando voltar logo de seguida para me integrar na luta clandestina. Motivos de diversa ordem impediram esse regresso, pelo que ainda lá me encontrava à altura do 25 de Abril de 1974.

altua do 25 de Abril de 1974.

Como reagi ao 25 de Abril? A situação era esta: sabíamos que o regime não podia aguentar indefinidamente a guerra desgastante em 3 frentes. Sabíamos também que a resistência do nosso povo crescia. A repressão da PIDE atingia o histerismo próprio do desespero: reprimia a torto e a direito, manifestantes e não manifestantes, da forma mais brutal. Isso era sinal de que sentia próximo o seu fim. Por outro lado, os acontecimentos das Caldas da Raínha eram sinal de que o aparelho colonial-fascista se estava desfazendo. Mas não pensávamos que fosse tão rápido. Subestimávamos as contradições internas do regime. Quando o 25 de Abril se deu, pensei que era mais

bato».

Milhares de jovens encontrariam no exílio, a forma de dizerem não à guerra colonial, confrontando-se assim com o fascismo e expressando simultaneamente a sua solidariedade, ainda que na maioria dos casos passiva, para com os movimentos de libertação. Ângelo Barreto foi um deles:

«Comecei a paticipar na luta contra o fascismo quando ainda tentativa abortada. Só quando, no outro dia, veio nos jornais a queda do Marcelo e do Tomás, a prisão do Governo e as prisões e perseguições aos pides, é que vi que era qualquer coisa a sério. Mas, mesmo assim, era tudo muito confuso e desconfiávamos. Pois não aparecia à frente o Spínola, com o passado que nós lhe conhecíamos? Víamos em tudo isso uma manobra, pensávamos que não passava de prender alguns mais odiados pelo povo para manter o aparelho nos seus aspectos fundamentais. Hoje sabemos que, quanto às intenções do Spínola, acertávamos. O que ignorávamos por completo era a existência de uma ala do MFA sinceramente antifascista e disposta a lutar pela democracia e pelo socialismo. Foi, pois, meio desconfiados, e ainda até temendo ser presos, mas ao mesmo tempo cheios de euforia, que eu e muitos outros companheiros iniciámos a «debandada» do regresso.

O 25 de Abril para nós, foi o regresso. Mas não só. Foi o início de uma nova fase da luta pela libertação do nosso povo da exploração capitalista e pela Revolução Socialista. E isso devemo-lo aos gloriosos Capitães de Abril. Se hoje eles são perseguidos, seria negarmo-nos a nós próprios não os defendermos energicamente. Uma coisa é certa: o 25 de Abril não pode morrer e muito menos pode ser assassinado!»

SE FOSSEM SÓ CANHÕES NÃO TERIA ACREDITADO

Colocado na altura como furriel miliciano na Escola Prática de Transmissões, José Alberto Rodrigues, seria um dos militares que, com cravos na ponta das baionetas, tornaram possível o derrube de um regime caduco e opressivo: «Soube dos primeiros acontecimentos ainda de madrugada pelo meu pai (os meus pais levantam-se muito cedo para o trabalho), o qual através da Rádio ouvira aconselhar as pessoas a não saírem de casa. Desloquei-me imediatamente para a minha unidade, mas só começaria a acreditar nos verdadeiros objectivos do 25 de Abril a partir da altura em que se começaram a desenrolar todas as operações militares com vista a ocupar todos os pontos vitais, nomeadamente as emissoras de Rádio, a Televisão, a PIDE, a Legião».

Joaquim Emídio Silva, sócio-gerente de uma pastelaria na Rua da Conceição, ao chegar ao Terreiro do Paço às 7.30, sentiria uma «alegria tremenda», ao aperceber-se de que aquilo era para derrubar o Governo que estava», e isso passar-se-ia porque vi desde logo as massas populares a colaborar com as Forças Armadas, pois se fossem só os canhões talvez não acreditasse tão convincentemente».

Operário na Cintura Industrial, Domingos de Oliveira soube dos acontecimentos no Aeroporto. Conta-nos: «Ouvi a «Grândola» e antes já ouvira o Paulo de Carvalho. Encontrava-me na Portela à espera de pessoas vindas de Lourenço Marques. Para mim até posso considerar que foi dum impacto dramático e de alegria. Sabia, não a data, mas adivinhava que qualquer coisa de semelhante iria acontecer. Ao princípio coloquei reservas aos militares. Só alguns dias depois os capitães mostraram que eles eram afinal gente nossa. Não, o que digo não é grave, pois eu acredito que os capitães, os autênticos capitães de Abril eram — e são — homens de esquerda. Os capitães que fizeram o 25 de Abril são todos de esquerda».

No Alentejo, a par com a nacionalização da Banca e com o Controlo Operário, a Reforma Agrária seria uma das grandes conquistas que Abril trouxe ao povo português. De lá, pela voz do camponês José Remexido, veio o último depoimento que recolhemos: «Etava afastado da aldeia, não tínhamos rádio no «monte», e por isso só três ou quatro dias depois soube por alto que se passara qualquer coisa. Que o Marcelo e o Tomás tinham ido à mãe. Mas para mim até ali aquilo era apenas uma «giga-joga» entre grandalhões, a que o povo não chegava. Por isso só quando a malta do campo se começou a mexer e os patrões já davam mostras de se encontrar «acagaçados» eu me convenci de que afinal talvez a coisa desta vez fosse mesmo a sério. Mas agora que já tenho uma visão mais certa dos direitos por que devemos lutar, penso que a vitória total, embora certa, ainda exige muita luta».

(Depoimentos recolhidos por Manuel Geraldo)

PORTE PAGO

página um

Semanário ... saí à 6.ª-feira Ano II • N.º 226 • Sexta-feira, 3 a 9 de Fevereiro de 1978 • 10$

... redacção - administração - rua ..., 52-7.º - 52-9.º - lisboa-1 — telefones 535610 - 534675 - 537971 - 536605

O 25 de Abril foi o fim da censura e o início da liberdade de expressão. Mas também a responsabilidade de procurar novas formas de comunicação ao serviço dos explorados.

Hoje, 4 anos depois, quando o fascismo avança, a autocensura é um perigo imediato que espreita.

Os trabalhadores do «Página Um» estão solidários com os camaradas do «DL» na luta por uma informação ao serviço dos oprimidos.

Sr. Camionista

Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular e viver.

NA NOTÍCIAS DA AMADORA

SEMANÁRIO POPULAR

O dia 25 de Abril de 1974 tem para nós um significado muito particular, amordaçados e perseguidos como todos os que pretendiam uma informação livre e verdadeira, sobre o «NA», uma semana antes, tinha-se abatido a repressão feroz dos esbirros fascistas. Gente do «NA» encontrava-se em Caxias, a PIDE/DGS preparava-se para encerrar o jornal.

Porém, o 25 de Abril representa sobretudo o alvorecer de um projecto de sociedade que a nossa Constituição consagra, ligado às profundas transformações ocorridas no nosso país e forjado pelo poderoso movimento popular de massas.

Saudamos a data gloriosa e todos os que, na sua comemoração, empenham a férrea determinação de construir o futuro, neles incluindo os que no «Diário de Lisboa» trabalham e foram, como serão, nossos companheiros de jornada.

«Notícias da Amadora»
Semanário Popular

Pub.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

1.º DE MAIO

Aos Trabalhadores Fluviais

Aproxima-se mais um 1.º de Maio, Dia Mundial dos Trabalhadores. A direcção do Sindicato apela a todos os trabalhadores, para que com a sua participação transforme, uma vez mais, as comemorações que a CGTP-IN e Uniões Locais levarão a cabo, numa grandiosa jornada de luta de todos os trabalhadores portugueses.

Lutemos pela defesa da Constituição e das conquistas de Abril. Afirmemos o nosso mais veemente repúdio pelo congelamento de salários, aumento de custo de vida, despedimentos e desemprego.

Unamo-nos na defesa dos nossos direitos e conquistas.

VIVA O 1.º DE MAIO

VIVA A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES

A DIRECÇÃO

SAUDADE

Um conto de Maria Judite de Carvalho

Ela bateu as pálpebras verdes e disse por fim com ar virtuoso: «Estive a ler o livro. Melhor, estive a folheá-lo».

Antes hesitara, abrira várias vezes a boca, fechara-a de novo. Quando por fim dissera o que tinha urgência em dizer, a sua voz possuia o som inesperado de um objecto de louça que alguém tivesse partido, mas se mantivesse inteiro, embora não intacto.

«Sentes-te bem?»

As suas pupilas boiaram, lentas, plácidas, oleosas. E ela respondeu que assim-assim, nem muito bem, nem muito mal, práli. E então estivera a ler — enfim, a folhear, ler era difícil, não era? — o livro. Tinha-o encontrado no fundo do armário das «cassettes» e dos «slides». Por detrás da máquina de projecção. Um livro velho. Com pessoas dentro, não era?

Ele riu. «Já o viste várias vezes na televisão. Em todos os canais. Interessas-te por leituras, agora? Que diabo te deu? Trouxe-o há tempos da **biblioteca** (e a palavra surgiu rara, rebuscada, por entre palavras vulgares) por causa de uns dados úteis ao meu trabalho. Tenho que o restituir. Ver se não me esqueço amanhã. Mas tu...»

«Ora! Achei-o e... Como era dantes?»

Dantes? Riu com superioridade discreta. Sabia porque era um estudioso e só os estudiosos tinham possibilidade de chegar às fontes.

Havia dantes e dantes, disse. Naquele dantes do livro o tempo era lento, depois fora ficando mais rápido. Dantes... As pessoas pensavam isto e aquilo e davam-se ao trabalho de escrever no papel os seus pequenos problemas e os que se punham a inventar. Às vezes gastavam nisso centenas e centenas de páginas. Eram, como diria... Mas era lá coisas para perguntas e respostas assim...

Ela espreguiçou-se um pouco, ao de leve.

«O meu tempo é lento, nunca percebeste? Mesmo quando não estou doente e tenho muito que fazer e o meu corpo corre, fico de vez em quando esquecida, perdida. Como se...»

Claro, pensou o homem. E reparou uma vez mais que as pupilas dela eram às vezes semicirculares e que as pestanas funcionavam nos seus olhos como um Equador ou talvez um trópico de Capricórnio. E que nessas alturas a pupila quase desaparecia de tão leve, de tão flutuante.

«Pergunto a mim própria, disse ela. Pergunto muitas vezes a mim própria...»

Mas o homem não quis saber o quê, estava com pressa, os amigos deviam chegar de um momento para o outro, já tomara o comprimido para estar atento, levemente brilhante, e pôs de lado o outro, para dormir, que tomaria mais tarde, quando se fossem embora. Tirou do armário a máquina de projecção, verificou se havia bebidas em quantidade, perguntou à mulher que quadro preferia hoje, que quadro talvez preferissem hoje os amigos. A criança e a pomba de Picasso? O Cristo de Mantegna? Outra coisa? Que tal aquela Virgem da Leonor Fini? Um quadro mais moderno? Um contemporâneo? Carregou num botão antes mesmo de ela se decidir, de ela resolver decidir-se, e a sala foi inundada por uma suavíssima, luz-longe que parecia ter feito desaparecer, dissolver, as paredes. Depois a pintura mural surgiu, foi surgindo nos mais pequenos pormenores. Uma mulher sentada, de mãos perdidas sobre os joelhos, de corpo também perdido, graciosamente prostrado. Só os olhos paréciam viver. Na própria boca havia uma marca que o sorriso — quando? — lá deixara. Simples gesto que perdera o significado, mesmo quando a pintora, muitos anos antes, a olhara.

«Dantes as pessoas tinham quadros, não era?» — perguntou a mulher ali, viva e quieta, olhando com toda a sua alma. «Pessoas muito ricas?»

«Sim, as que compravam telas valiosas. Mas havia também quadros com pouco valor. E reproduções. E as pessoas podiam tocar-lhes ou vê-las sempre ali, no mesmo sítio e pensar que eram autênticas, ou nem isso, simplesmente belas, tranquilizadoras. Vê lá tu...»

«Sentavam-se a olhar em frente, como eu estou agora. Mas sabiam que ele ficava ali e não havia botão nenhum que o apagasse da parede.»

«Mais ou menos isso», concedeu o homem cheio de boa vontade. «Ou então...»

«Ou então?»

«Não sei. Talvez as pessoas pensassem que um dia iam morrer e eles ficavam e essa ideia fosse, como direi...»

«Não era isso», afirmou ela com indignação. «Sei que era outra coisa. Há pouco, quando peguei no livro...»

Ele, porém, já não estava a ouvi-la, pensava no que diria aos amigos que estavam a chegar. E ela olhava perdidamente para aquele nada que enchia de lindas cores a parede lisa. Depois levantou-se, foi-se aproximando e a sua mão delgada deslizou pela superfície desconsoladoramente vazia.

«Devia ser...»

O homem chegou de onde tinha estado e sorriu, superior. O seu tempo era o tempo das imagens belas e fugidias, e o seu deus era a técnica. A arte, para ele, não estava numa parede mas dentro da pequena máquina de projecção. Sorriu pois, superior, sem reparar que havia grandes lágrimas redondas no rosto da mulher. E ela ficou contente por ele não as ter visto. Porque não as compreenderia e ela talvez não soubesse explicar-lhas. Era uma mulher, na verdade, pouco inteligente.

Pub.

25 DE ABRIL SEMPRE

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL

MOÇÃO

CONSIDERANDO que na próxima 3ª. feira se comemorará o 4º. aniversário do Glorioso 25 de Abril, dia da Liberdade do Povo Português e do fim da ditadura fascista que durante 48 anos nos oprimiu e explorou;

CONSIDERANDO as importantes conquistas alcançadas com o 25 de Abril, pelos trabalhadores em aliança com o Movimento das Forças Armadas;

CONSIDERANDO que os T.F.P.s, foram uma das maiores vítimas do fascismo, impedidos de se reunir, manifestar ou associar para defesa dos seus justos e legítimos interesses, privados assim dos seus mais elementares direitos, os quais vieram a ser reconquistados com o 25 de Abril, que lhes possibilitou a formação de sindicatos e a defesa dos seus direitos e reivindicações;

Os Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul reunidos em Assembleia Geral a 21 de Abril de 1978,

DECIDEM:

1. Saudar calorosamente os Capitães de Abril, cuja acção corajosa conduziu ao derrube do regime fascista;

2. Apelar à participação massiva dos T.F.P.s, nas comemorações do 25 de Abril de 1978, fazendo deste dia uma Jornada de Luta contra as forças reaccionárias, em defesa das conquistas da Revolução, da Constituição da República e das instituições democráticas.

MOÇÃO

Considerando que as comemorações do 1.º de Maio, dia Mundial dos Trabalhadores, Jornada de Unidade e Luta, têm por objectivo fundamental unir os trabalhadores e a população na luta pela defesa da Constituição e das grandes conquistas da Revolução que ela consagra, na luta pelas reivindicações dos trabalhadores portugueses e no combate às manobras cisionistas que visam dar cobertura e colaborar com uma política contrária aos interesses e direitos dos trabalhadores portugueses e de outras camadas mais desfavorecidas da população;

Considerando que o anúncio por parte do Governo da satisfação de algumas reivindicações pontuais dos trabalhadores portugueses em geral, e dos TFPs em particular, representa uma vitória dos trabalhadores, só possível pela sua grande combatividade, capacidade de luta e organização;

Considerando que apesar destas posições pontuais, os trabalhadores não alimentam esperanças de que a linha geral da acção política do Governo seja no sentido da resolução dos problemas que afectam o Povo Português, atitude esta plenamente justificada pela recente divulgação de «medidas de austeridade» com aumentos superiores a 20 por cento dos produtos essenciais, o que veio agravar de forma assustadora as já precárias condições de vida dos trabalhadores; e

Considerando finalmente que o dia 1.º de Maio deverá constituir uma poderosa afirmação do movimento popular de massas através de uma grandiosa Jornada em que os trabalhadores, uma vez mais, farão ouvir a sua voz, exigindo do Governo uma resposta urgente e global às suas justas reivindicações:

— PELA DEFESA DO NÍVEL DE VIDA DOS TRABALHADORES;

— PELO RECONHECIMENTO E GARANTIA DO DIREITO À NEGOCIAÇÃO COLECTIVA;

— PELO RECONHECIMENTO E GARANTIA DO EXERCÍCIO EFECTIVO DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES E DAS SUAS ORGANIZAÇÕES DE CLASSE;

— PELO RECONHECIMENTO E GARANTIA DO DIREITO AO TRABALHO E À SEGURANÇA NO EMPREGO;

— PELA DEFESA E CONSOLIDAÇÃO DAS GRANDES CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO — AS NACIONALIZAÇÕES; A REFORMA AGRÁRIA E O CONTROLO OPERÁRIO.

Os Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul, reunidos em Assembleia Geral a 21-4-78, DECIDEM:

1. Expressar a sua firme determinação de, em conjunto com o Movimento Sindical e todas as organizações unitárias, participar activamente nas comemorações do dia do Trabalhador. 2. Apoiar a acção da Direcção do Sindicato, no sentido de, integrando a Comissão Organizadora das Comemorações do 1.º de Maio, dinamizar a mobilização de todos os trabalhadores, nomeadamente através da criação em todos os locais de trabalho de Comissões de Apoio, que levem a prática o Programa das Comemorações.

Lisboa, 21 de Abril de 1978.

A DIRECÇÃO

Pub.

NA FORÇA DO TEU TRABALHO ESTARÁ A RIQUEZA DO PAÍS

EM 25 DE ABRIL REPENSAR O 25 DE NOVEMBRO

Ultimos exemplares exclusivamente à venda no Centro do Livro Brasileiro Rua do Ouro 160 e Rua Rodrigues Sampaio 30-B, ou na Socicultura Rua Portugal Durão, 7-B

A TROCA DO ZÉ BÊ

Na faina desde manhã cedo e nem um ponto negro no mar a dar esperança de volta. Pontos negros, só coisa de uma dúzia deles, e esses em terra, espalhados pela praia, uns parados, outros fazendo por caminhar, ora para a frente, para trás, ao gosto das pernas.

A mexer-se, a mexer-se mesmo, com força e com destino traçado, só a vaga, mais alta que a casa do faroleiro, vinda lá do fim do mundo para rebentar na costa, em cima dos barcos e da vida da gente.

Coisa de uma dúzia de pontos a que se junta mais um.

Vem lá de cima, do casario que cerca a taberna do «Gago», e detém-se, hesitante, mesmo na berma da areia, onde os pinheiros se rendem à vegetação amarelada que rasteja entre os dois mundos, sem saber se tem alma de mar ou de terra.

Uma pausa, e o Zé Bêbado retoma a andança, arrastando a perna reumática que não dobra vai para seis anos e tudo o mais que lhe dobra o lombo sabe-se lá desde quando: um filho no mar desde manhã cedo, outro levado pelas guerras de África, duas mulheres enterradas no cemitério, o bagaço do «Gago», os anos, a puta da vida.

A perna reumática, cada vez mais retesada e inútil, deixa um risco na areia a marcar a passagem do Zé Bêbado, que desce a praia lentamente, parando aqui e além para ver se a vida lhe dá, de esmola, um bocado do fôlego que lhe levou.

Atrás dele, sacudindo a cauda pelada na ponta, o «Bombo» fareja e refareja na mira de encontrar alguma coisa que possa comer para arrancar mais um dia à vida.

Quando o Zé Bêbado pára, o «Bombo» dá-lhe duas voltas sem tirar o nariz da terra senão uma vez, já a meio da praia, quando pára também, mas para levantar a perna contra a do amigo.

O Zé Bêbado sente a mijada do cão a escorrer-lhe pela perna abaixo e lembra-se da bexiga: abre a braguilha e puxa cá para fora aquilo que foi e já não é, depois de uma luta demorada com as ceroulas.

Com aquilo arrumado outra vez lá dentro, o Zé Bêbado volta ao caminho, arrastando o filho que partiu manhã cedo mais o que ficou em África, as mulheres enterradas no cemitério, a perna, a puta da vida.

Lá em cima, longe do alcance da vaga, mesmo nos dias em que o demónio vem de visita, o «Gago» chega à porta da taberna e vê o Zé Bêbado e o «Bombo» caminhando a meio da praia. Acende um cigarro e resmunga para a mulher, com o cigarro já colado aos lábios. «Se o filho do Zé Bêbado não me paga hoje o devido do pai, nunca mais me entra em casa. Parece que andam a mangar com a gente». A mulher responde-lhe do fundo da casa: «Se não lhe fiasses tanto, ele não te devia o que deve. Andas a matar o velho com a bebida». Durante um instante o «Gago» segue os dois vultos com os olhos. Depois, encolhe os ombros e volta ao balcão resmungando baixinho: «Eu é que o ando a matar! Então eu é que o ando a matar! As gajas não percebem «puto» da vida...»

Na praia os pontos negros continuam na mesma, uns parados, outros a andar, uns agrupados aos molhos de três ou quatro, outros separados.

Atrás da taberna do «Gago», na escada da igreja, o padre Alves levanta a cabeça e cheira o tempo. De olhos arregalados, a Josefina pergunta-lhe com a boca torcida para a direita:

«Isto não amaina, pois não, senhor padre Alves? Olhe que isto não amaina...»

O padre Alves põe-lhe os olhos no torcido da boca e ela recua um passo, cruza as pontas do xaile e volta a cara para a esquerda, resmungando: «Deus Nosso Senhor sabe muito bem o que faz...»

Outro ponto negro na praia, a filha do «Safio», esguia como um pé de milho verde, toda ela olhos azuis colados à vaga. Caminha lentamente, com os braços cruzados, sem tirar os olhos do mar. A meio caminho da vaga começa um Padre Nosso que abandona no «Santificado seja o vosso nome». Daí em diante, em vez de palavras, um chorar mansinho que nem aos ouvidos lhe chega.

Primeiro estaca o Zé Bêbado, depois o «Bombo», um e outro apanhados de surpresa pelo vento que se levanta sem aviso e que percorre a praia, de uma ponta à outra, arrastando limos secos, levantando papéis, obrigando os pontos negros a ajustar capotes e a apertar botões.

O vento desaparece, agitando as copas dos pinheiros, levantando as telhas da capoeira do «Malvadinho», atirando para o chão a roupa que está a secar à janela da Raimunda.

O Zé Bêbado e o «Bombo» retomam a marcha. A filha do «Safio» começa a ganir baixinho. O padre Alves ajoelha-se junto do altar. A Josefina benze-se na sacristia. O «gago» poisa o copo no balcão e encaminha-se para a janela.

Na praia, tudo na mesma: vaga sobre vaga a desfazer-se na areia, pontos negros vagueando ao acaso e uma linha de água cada vez mais atulhada de nadas trazidos pelo mar. Da ponta do farol à rocha do Cruzeiro, uma linha contínua de garrafas vazias de plástico, pedaços de madeira, pensos higiénicos meios desfeitos, pontas de cabos escurecidos pelo alcatrão, objectos disformes esquecidos do que foram, nadas.

O Zé Bêbado e o «Bombo» aceleram o passo e o rasto da perna reumática do Zé Bêbado torna-se mais recto, mais nítido. A coisa de cem metros da linha de água o Zé Bêbado estaca e o «Bombo» senta-se na areia.

Volta o vento, mas agora parido no mar. Volta, mas não em rabanada de passagem. Volta bufado pelo diabo, com a força do mal no ventre, e em lugar de percorrer a praia de uma ponta à outra amaranha por ela acima e esbarra no casario da aldeia. O «Gago», apanhado já ao pé da janela, corre para a porta e tenta fechá-la, ferindo a mão direita na fechadura. A janela da sacristia abre-se e a Josefina larga o paramento que está a arrumar no armário grande de mogno. Primeiro grita «Santo Deus», depois deixa-se cair em cima dele e começa a beijá-lo, gritando pelo torcido da boca. O padre Alves estava a meio da igreja e fita, de frente, os olhos do Cristo que a domina, lá do alto do crucifixo. Na barbearia, o Lopes dos Correios larga o jornal, levanta-se de um salto e repete pela centésimavc vez: «Nao há nada a fazer! Se ao menos tivéssemos um salva-vidas decente, um transmissor, uma coisa qualquer...»

Na praia os pontos negros começam a juntar-se, primeiro aos dois e dois e depois aos magotes.

O rapazio corre de banda, ao longo da linha de água, com a cabeça inclinada para fugir ao vento, à procura de sinais.

O vento dobra, redobra, remoinha, desfaz e refaz as dunas, cobre os barcos de areia, ensarilha os passos do Zé Bêbado, obriga o «Bombo» a deitar-se com o focinho escondido entre as patas.

Os pontos negros aconchegam-se uns aos outros, formam uma muralha contra o vento, inclinam os corpos para a frente, cospem a areia que lhes entra pela boca e pelo nariz, levam as mãos aos olhos avermelhados, esperam. O Zé Bêbado chega à linha da maré e estaca. O «Bombo» fica onde está, com o focinho metido entre as patas.

A filha do «Safio» encaminha-se para o Zé Bêbado volta a cabeça, vê-a e vira outra vez os olhos, abertos como cavernas, para a vaga.

O «Gago» veste o capote e encaminha-se para porta da taberna chupando o sangue que lhe sai da ferida da mão direita.

O padre Alves entra na sacristia e pergunta: «Que é isso, mulher? Para que está você com esse berreiro?». A Josefina agarra o paramento e responde-lhe do chão da sacristia: «Ali senhor padre Alves, que vem aí o dia do Juízo!»

O vento solta o cabo do sino da igreja, sobe pela torre acima, badala o sino, atira com o telhado da igreja para

ÈBADO

Um conto de Luís de Sttau Monteiro

a horta da Raimunda, leva as badaladas do sino aos ouvidos dos pontos negros que estão na praia, arranca da terra os cinco pessegueiros do quintal do faroleiro.

As badaladas abrem uma brecha na muralha dos pontos negros que viram para o casario da aldeia os olhos avermelhados. Dois cães largam a correr, praia acima, à doida, empurrados pelo vento. Da linha do rapazio que percorre a praia em busca de sinais saem dois catraios que correm de braços no ar para a muralha dos pontos negros.

Um deles traz um balde na mão.

A muralha dos pontos negros desfaz-se.

Catraios e pontos negros encontram-se a meio caminho. O balde anda de mão em mão e volta ao mar atirado do centro da muralha.

Refaz-se a muralha dos pontos negros. Os catraios voltam à linha que percorre a praia à procura de sinais.

Entre a aldeia e a praia um turbilhão de areia esconde o mar, a ponta do cabo, a rocha do Cruzeiro.

Papéis, sacos desfeitos, roupa arrancada às cordas da seca giram, caem, erguem-se de novo no ar, pousam por instantes nos beirais dos telhados, volteiam em torno do pára-raios da torre da igreja que está enfiado no talhão das nabiças da horta da Raimunda e voltam ao princípio da viagem para repetir tudo outra e outra vez.

As badaladas tiram do mar os olhos abertos como cavernas que o Zé Bêbado mantêm colados à rebentação e atiram-nos para a cara da filha do «Safio» que permanece parada a dois passos deles esbelta como um pé de milho verde. O «Bombo» levanta-se, experimenta dois passos contra o vento, volta-se de revés e deixa-se cair de novo com o focinho voltado para a rocha do Cruzeiro.

Lentamente, tão lentamente que o «Bombo» não volta a cabeça, a filha do «Safio» percorre os dois passos que a separam do Zé Bêbado e estaca, junto dele, esbelta como um pé de milho verde.

Nuvens baixas, muito baixas, cruzam ao largo correndo à frente do vento e deixam, por vezes, que o sol borre a crista das ondas aqui e além. A tornear os amarelos, para lá da rebentação, um mar cinzento, de vaga larga.

O Zé Bêbado põe a mão no braço da filha do «Safio» e o «Bombo» levanta-se a aproxima-se dos dois, a dar ao rabo.

O Zé Bêbado abre a boca para falar, o Zé Bêbado que não fala desde que recebeu a carta a dar a notícia de que o filho não tinha conquistado Angola mas que ficava por lá, desfeito em mil pedaços por uma mina.

Não lhe sai nada da boca, nada.

O vento abate vinte pinheiros para lá das dunas, cobre de areia e de terra a estrada que liga a aldeia ao Casal das Noras, arranca as chapas de zinco que servem de telhado ao Manel Tinhoso e atira-as contra a montra da ourivesaria.

Da boca do Zé Bêbado sai uma palavra: «rapariga». A palavra chega aos ouvidos da filha do «Safio» misturada com o ruído do vento e da vaga.

As nuvens correm mais depressa, cada vez mais depressa, e o vento sopra mais forte, cada vez mais forte.

O «Bombo» levanta-se, dá duas voltas e agacha-se junto ao capote do Zé Bêbado.

Lá ao longe, junto à ponta do farol, a linha do rapazio desfaz-se e refuz-se para fugir à vaga que entra pela praia dentro para lá da pedra da Maria Louca.

A mão do Zé Bêbado aperta o braço da filha do «Safio» e a pergunta sai-lhe rouca e áspera: «Quantos anos tens, rapariga?»

Um capuz negro solta-se da muralha dos pontos negros, levado pelo vento, e sobe no ar. A vaga está mais alta e desfaz-se com mais força contra a areia da praia.

Ao longe o rapazio corre a favor do vento com as camisas enfunadas. O «Bombo» levanta a cabeça e, durante um instante, fareja a dobra da saia da filha do «Safio».

As palavras saem, sem música, da boca do Zé Bêbado: «És muito nova, rapariga. És nova de mais para ficar sem homem, nova de mais. Eu é que já não conto para nada, já vivi tudo».

A maré sobe e a espuma das vagas molha o cabelo da filha do «Safio».

O Zé Bêbado arranca outra fala: «O mar levou-me tudo, tudo.»

A Josefina deixa-se cair, de joelhos, em frente do altar. O Lopes pergunta se alguém já viu uma coisa assim. O padre Alves senta-se na sacristia e apoia a cabeça nas mãos. O «Gago» leva o copo à boca e bebe o bagaço de um trago.

Desaparecem os papéis, os sacos desfeitos, as roupas que volteiam sobre o casario.

Fica o vento, cada vez mais duro e frio, a bater-se contra os pontos negros da praia, contra o casario, contra as rochas.

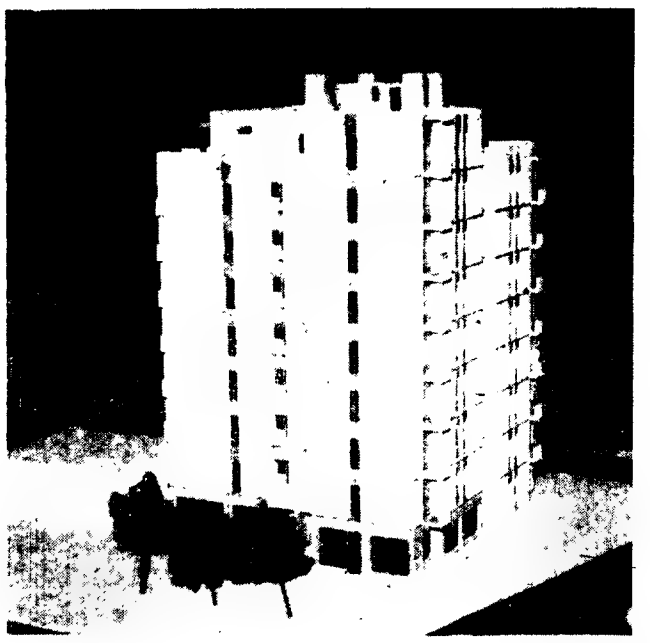
As palavras saem da boca do Zé Bêbado sem ritmo, sem música, sem nexo: «O mar levou-me tudo o que eu tinha. O mar e o viver. Tudo. Andei em cima dele a vida inteira e não tenho nada. Duas lá no cemitério, um em África, e ando para aí às esmolas do rapaz com esta perna que nem para mancar

Continua na pag 18

torres de setúbal FORTE VELHO

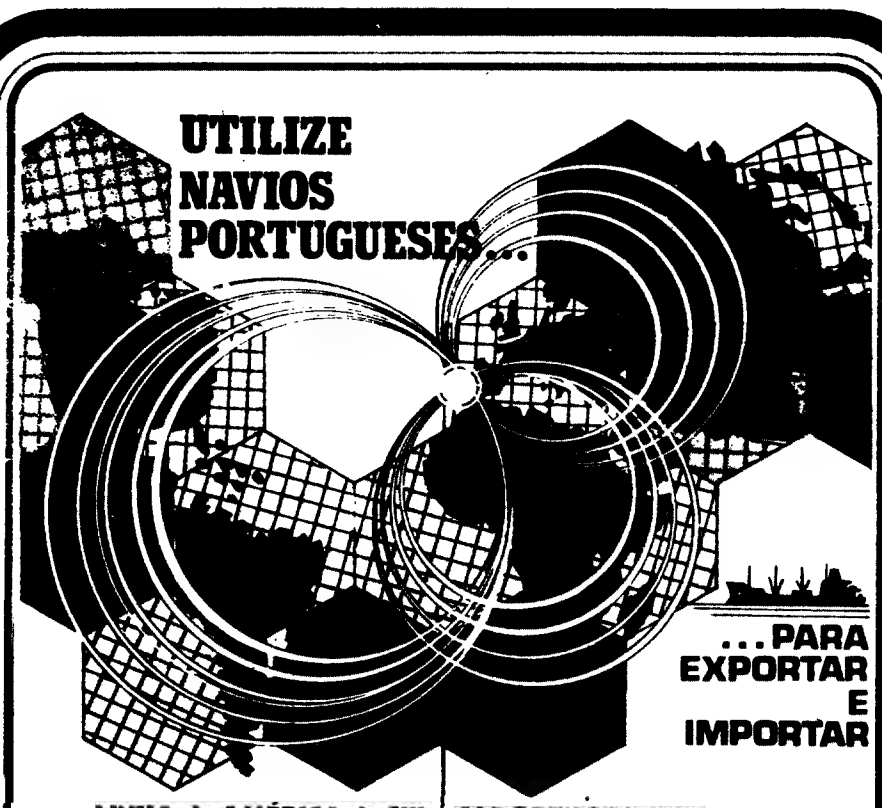
SOMOS UMA EMPRESA ESPECIALIZADA EM HABITAÇÃO

TEMOS ANDARES
NUM DOS MELHORES LOCAIS DE SETÚBAL
• *ANDARES AMPLOS*
• *BEM ACABADOS*
• *A PENSAR NO SEU CONFORTO*
VENDEMOS A BOM PREÇO
COM CONDIÇÕES DE PAGAMENTO
EXTREMAMENTE ACESSÍVEIS



VISITE-NOS

Rentifix, Lda
R. Santiago — Setúbal
Av. Miguel Bombarda 133-4.º A tel 562421-538798 LISBOA



LINHA da AMÉRICA do SUL
Linha regular entre portos do norte de ESPANHA e PORTUGAL para o BRASIL. URUGUAI e ARGENTINA

LINHA N/EUROPA-AFRICA
Linha regular escalando os portos de HAMBURGO. BREMEN. ROTERDÃO. ANTUERPIA. LONDRES. LE HAVRE e BILBAO no N. Europa. LISBOA e LEIXÕES em Portugal. CAPE TOWN P. ELIZABETH. EAST LONDON. DURBAN e MAPUTO em Africa

LINHA dos E.U.A.
Linha regular escalando os seguintes portos: em Portugal LISBOA, LEIXÕES, FUNCHAL e PONTA DELGADA Em Espanha BILBAO e CÁDIZ. Nos E.U.A. PHILADELPHIA. BALTIMORE e NEW YORK

LINHA MADEIRA/AÇORES
Servico regular entre os portos de Portugal continental e os insulares da Madeira e dos Acores.

ALPORTUGAL LINE
Ligações semanais entre os portos de LISBOA e LEIXÕES e os portos de BREMEN e HAMBURGO

BENELUSO LINE
Ligações semanais entre os portos de LISBOA e LEIXÕES e os portos de ANTUERPIA e ROTERDÃO

LUSITAINER SERVIÇE
Serviço semanal de contentores entre os portos de LISBOA e LEIXÕES e os portos de ROTERDÃO e LONDRES (Serviço associado com a C.N.N.)

FRAMAPORT LINE
Ligações semanais dos AÇORES e MADEIRA com o N. Europa — LE HAVRE, ROTERDÃO e BREMEN

CRUZEIROS INTERNACIONAIS
AMERICA DO SUL, ESCANDINAVIA, N. EUROPA e MEDITERRÂNEO

COMPANHIA PORTUGUESA DE TRANSPORTES MARITIMOS

LISBOA R. S. Julião, 63
Tel. 369621/9-360648

PORTO
R. Infante D. Henrique, 5/9
Tel. 31 55 90-313324

FÁBULA DA FOME MAIOR

Pedro Alvim

Quando a promessa é grande, caem no esquecimento as fomes pequeninas do dia a dia. Abandona-se tudo a caminho da colheita fraternal. Assim aconteceu em 25 de Abril de 74...
(Do saber comum)

I

Uma corrida, um bater de portas e a casa ficou vazia. Foi logo pela manhã, manhãzinha, o gato enroscado no canto do fogão, o cão na casota com um olho fechado, os periquitos na gaiola como dois nomes por chamar...

II

Foi-se a manhã tornando grande, a luz a entrar por todas as frestas, e subindo clara nas paredes como um olhar que se ergue do chão.

III

O gato desenrolou-se todo, não encontrou leite no prato, miou ao longo das horas.

IV

O cão, orelhas caídas a cada foguete, a cada grito, não tinha osso para os dentes, girava doido pelo pátio, busca aqui, fareja acolá.

V

Na gaiola, os periquitos miravam do poleiro a alpista já no fim. Já nenhuma. Já só um grão que não se via na escuridão.

VI

Que entretanto viera a noite, viera pelas frestas, sentara-se nas cadeiras, deitara-se na cama, assim como à espera de quem acendesse a luz.

VII

Quando os da casa chegaram, com cravos de rua cheia, com a cidade nos dedos, só então se deram conta da fome dos animais. Após leite, osso e alpista «Eh, amigos (lhes disseram), perdoai o esquecimento: nossa fome era maior, e liberdade o alimento!»

PREDIAL DELMA

Compra e venda de propriedades

Av. Ant.º Augusto Aguiar, 150 - 1.º Esq.

Para resolver o seu problema de habitação 578231

Andares aos melhores preços em Lisboa e Província

Prédios

Temos para todos os fins, todos os preços, em toda a parte. Tudo para habitação ou rendimento, tratamos toda burocracia

ASTER
23 ANOS

QUALIDADE
AO SERVIÇO
DO ENSINO

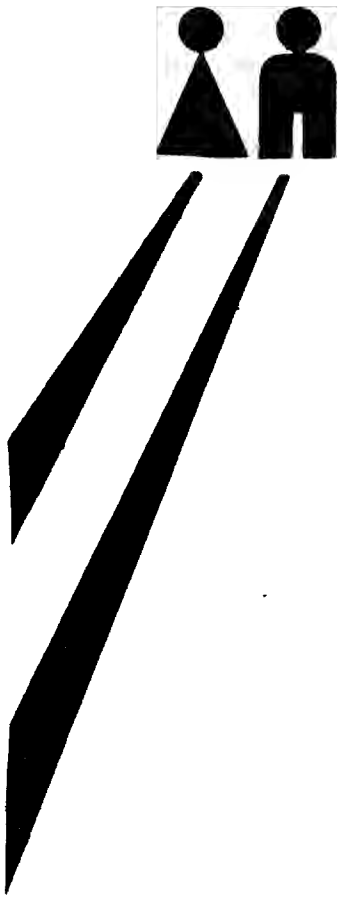
ENSINO PRIMÁRIO
Aprender, Ler, Divertir (2.ª Fase)
Maria Isabel Saraiva e Raul Diniz

CICLO PREPARATÓRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Viver 1
Viver 2
Voz da Terra 1
Voz da Terra 2

A VENDA EM TODO O PAÍS

TOP ROSS



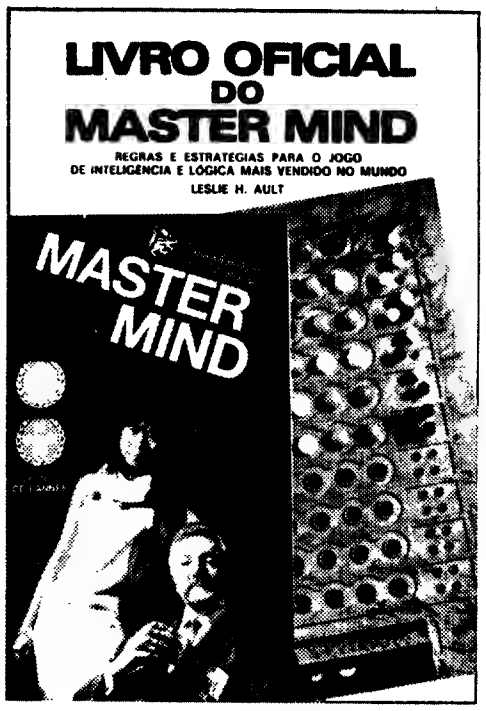
Mais Moda por menos preço

Boutique Bissexo

Onde você encontra o mais moderno que há em Jeans, Vestidos, Camisaria, Malhas, T. Shirts a preços verdadeiramente baixos.

Rossio, 85

Telef.: 36 50 18



APRENDA A JOGAR
E A CONHECER
O MASTER MIND

esfera

O que é o MASTER MIND. As suas regras. Torneios. Interpretações. Um livro fundamental que o iniciará neste apaixonante desporto. Para si que gosta de utilizar a inteligência.

Edição: CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO
À venda em todas as livrarias

Se deseja conhecer as nossas iniciativas editoriais, escreva-nos a pedir catálogos mensais para:

Sector de Promoção
Rua Almirante Barroso, 13-1º LISBOA

Nome _____
Morada _____ Telef. _____

Da reunião de Évora...

DINIZ DE ALMEIDA

"Uma simples festa de despedida de solteiro..."

Advertido o brigadeiro Carrinho para averiguar da suspeita irregularidade, após várias tentativas, concluiu tratar-se de um simples desvio...

Pagos pelos fundos privativos do Q.G, logo uma complexa rede de informações se pôs em campo para detectar entre outras informações, o possível local de reunião.

Contactada a Escola Prática de Artilharia, foi o próprio oficial de dia, conivente com o Movimento, que declarou nada saber do assunto.

O mais curioso é que chegou a ficar entendido que no caso de alguém se perder da direcção do local de reunião, deveria contactar o oficial de dia à EPA.

Foi posteriormente a perfeição do sistema adoptado que anulou tal decisão quanto a este constituir-se como um possível ponto de irradiação de reserva.

Finalmente, presentes no Largo do Templo de Diana, o general Câmara e o brigadeiro Carrinho que o acompanhava, anotaram as matrículas dos carros dos oficiais que iam chegando, ingenuamente disfarçados com óculos escuros e traje civil.

Da Pousada dos Lóios, Celestino Garcia e a família observavam tudo isto, justificadamente apreensivos.

Facilmente reconhecido, não tardou que Vasco Lourenço se aproximasse, cumprimentando-os polidamente ao mesmo tempo que lhes estandia um «croquis», já passado a «stencil», e os convidava a aparecer na reunião.

Apesar de Vasco Lourenço referir que os assuntos a tratar eram de natureza estritamente profissional, Moreira da Câmara recusou.

Vasco Lourenço continuou a distribuir os envelopes com os «croquis» à medida que outros oficiais iam chegando, até que, ao chegar o capitão Florindo Morais, acompanhado de outros, este último foi chamado à presença dos dois oficiais-generais para que os informasse das razões por que ali se encontrava.

Florindo Morais referiu tratar-se de uma simples festa de despedida de solteiro, e comprometeu-se a voltar a comparecer no Q.G de Évora para informar do que se passara, promessa que cumpriu depois de haver obtido a autorização colectiva dos oficiais presentes na reunião. Assisti à chegada dos primeiros: Simões coadjuva-me nos preparativos da recepção dos restantes, Antero Ribeiro da Silva no cruzamento junto à herdade indicava o monte, enquanto Camilo os orientava já dentro de casa.

À medida que iam chegando os carros, cerca de quarenta, à Herdade do Sobral, eram escondidos entre uma comprida casa alentejana, uma pequena eira e um monte de feno de proporções descomunais. Pouco pontual, quando Veiga Vaz chegou, já não encontrou ninguém junto ao Templo de Diana pelo que regressou a Lisboa convencido de que não houvera qualquer reunião.

Inicialmente prevista a reunião para dentro de casa, cedo se constatou, pelo elevado número de presentes, cerca de 140 (dos quais só 136 assinaram) que se tornava necessária a mudança de local.

Um enorme barracão onde se guardavam alfaias agrícolas, prévia e prudentemente preparado, acabou por servir de local onde se efectuou a reunião.

Erguida a mesa, improvisada no alto de um reboque, nomearam-se logo de início os delegados representantes de cada curso. Entre outros, foram indicados, Ponces de Carvalho, Rodrigo de Castro, Vasco Lourenço, Albuquerque Gonçalves, Dinis de Almeida, etc. Foram montadas duas sentinelas substituídas de 15 em 15 minutos: uma fixa no alto de uma máquina agrícola, outra móvel nas traseiras de uma das casas junto aos automóveis.

Albuquerque Gonçalves foi designado presidente da mesa e moderador, função que cumpriu com senso.

O primeiro assunto a ser tratado foi saber qual a posição a tomar, caso um ou mais participantes da reunião viessem a ser molestados.

A discussão a este respeito, mais devida à escolha da posição que a outra coisa, termina pela decisão em defender todos os que participaram na reunião ou a promoverem, estendendo-se a protecção aos familiares que haviam cedido a herdade para o efeito.

Logo a seguir submeteu-se à votação a proposta de que mesmo se forças estranhas soubessem do local e o abordassem, todos ali ficariam até serem discutidos os motivos que nos haviam lá conduzido.

Foi perante o consenso obtido a este respeito que, mais tranquilos, passamos a abordar todos os problemas que nos vinham a preocupar há dois meses.

Rejeitados unanimemente ambos os decretos (um «espúrio» presente também se manifestou do nosso lado), a algazarra foi geral quanto à posição a tomar face à continuação em vigor dos referidos decretos. O capitão Riquito, incapacitado na ocasião, fez uma excelente intervenção, progressista e ousada.

Previamente preparada e acordada por Mariz Fernandes, Albuquerque Gonçalves e Antunes Ferreira, uma exposição muito moderadamente contestatória acabou por vir a ser aceite com o consenso da maioria. Ao tender-se para uma solução moderada, adoptou-se a única solução viável de momento, afastando propostas mais intempestivas tais como, desde a realização de uma greve de braços caídos, apresentada por oficiais da EPI, representando 47 camaradas, até a realização de uma manifestação de protesto em uniforme n.º 1 a realizar no Terreiro do Paço. A proposta dos camaradas da EPI escandalizou a grande maioria dos presentes. A maior desenvoltura por parte da EPI neste campo, devia-se ao simples facto de haverem tido o avanço de uma reunião.

Contudo, e sem que tal facto fosse percebido, outros grupos de elementos mais determinados, se constituíram e discutiram pelos cantos entre si, em simultâneo com a grande maioria dos restantes, que mais moderados, discutiam os pormenores da entrega do abaixo-assinado a Marcelo Caetano e Tomás.

Tal dicotomia escapou à esmagadora maioria dos presentes, que ainda hoje pecam por inexactidão, ao recordar a reunião de Évora como a única em que se não ultrapassou o âmbito do problema dos decretos.

Lobato Faria, Clementino Pais e Mariz Fernandes (com o capitão Luz como suplente) apresentariam no dia seguinte o abaixo-assinado na Presidência do Conselho e da República, missão que vieram a cumprir, embora não directamente aos próprios.

(in «Origens e evolução do Movimento de Capitães», de Dinis de Almeida, Edições Sociais, Lisboa, s/d)

Pub.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Comemorar o 25 de Abril é situar no tempo as suas origens, pulsar-lhe a sua própria dinâmica, estabelecer confrontos, ver até que ponto se concretizaram ideais e programas.

O 25 de Abril é a queda do fascismo, repúdio de um regime que oprimiu o povo português durante 50 anos.

O 25 de Abril é libertação e projectõ de construção de uma sociedade melhor e mais justa a que o povo deu o assentimento quando em 1 de Maio saiu para as ruas numa demonstração de unidade como ainda não houve igual.

Quatro anos vòlvidos, difícil se torna para o povo trabalhador descortinar na governação a busca diária e programada da construção de uma sociedade mais justa. De facto, o acesso do CDS ao Governo, pela mão de um partido com sérias responsabilidades perante uma vasta camada de trabalhadores, veio comprometer a marcha constitucional para o socialismo.

Na queda do I Governo Constitucional está implícito o repúdio popular por uma política que não teve em conta a salvaguarda dos legítimos valores e interesses nacionais e para lá caminha este Governo de coligação com a direita, que troca uma política realísta que devia ter em conta o empenho e capacidade dos trabalhadores por uma política de endividamento ao estrangeiro, em que se compromete a independência nacional.

Infelizmente conhecem os trabalhadores e o povo em geral as consequências de tal política, no aumento vertiginoso do custo de vida, no cada vez mais fraco poder de compra. Perante tal situação, como pode o Governo sustentar que esteja a defender os interesses das classes mais desfavorecidas, quando promove, sim, os interesses do capital?

Toda esta política antioperária e anticonstitucional tem vindo a ser sustentada por legislação que compromete seriamente os interesses dos trabalhadores e de que só a luta desenvolvida pelo Movimento Sindical Unitário consegue minorar os efeitos ou mesmo contrariar os objectivos, como no caso da vigência dos contratos.

Mas se de ataque ao 25 de Abril se trata, porquanto com a aplicação desta política se desvirtuam os objectivos e se põem em causa as conquistas da revolução, não é menos chocante ver que as forças reaccionárias organizam hoje verdadeiras campanhas de negação e anulação pura e simples de tudo o que tenha o cunho do 25 de Abril, com a complacência, por vezes, dos órgãos governamentais.

Elas começaram nos ataques à bomba contra pessoas e organizações progressistas e passam hoje pela insistência com que se pede a revisão da Constituição, pelos ataques ao Conselho da Revolução e ao próprio Presidente da República.

Visam tais campanhas, no fim de contas, anular as liberdades democráticas pelas quais dura luta desenvolveram os trabalhadores portugueses durante o fascismo e instalar de novo em Portugal o regime de opressão e de exploração das classes laboriosas e mais desfavorecidas.

Dizendo-se revolucionárias, mas de um revolucionarismo fácil e superficial, certas forças têm embarcado no jogo da reacção quando, em vez de se juntarem à grande massa dos trabalhadores, tomam iniciativas e avançam com lutas que nada têm a ver com a consolidação das conquistas de Abril, antes, pelo divisionismo em que baseiam a sua acção contribuem para o enfraquecimento do poder da classe trabalhadora.

Mas os trabalhadores portugueses têm oferecido resistência e saberão lutar para manter bem vivos os ideais do 25 de Abril. Unidos e organizados dentro das suas organizações de classe e em torno da Cònfederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, sob cuja orientação os trabalhadores têm derrotado todas as tentativas da reacção, os trabalhadores saberão defender o voto que fizeram e construir em Portugal uma sociedade socialista.

O SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA saúda neste Abril todos os trabalhadores portugueses e os rodoviários em especial e daqui dirige um apelo a que todos saiam à rua para fazer do 1.º de Maio uma grande jornada de unidade e de luta em torno da defesa das conquistas da revolução, que se identificam com os nossos próprios direitos e interesses.

VIVA O 25 DE ABRIL!
VIVA O 1.º DE MAIO!

A DIRECÇÃO

URSS

sensacionais viagens em 1978

MOSCOVO - KIEV - LENINEGRADO
RIGA - TALLIN
TASHKENT - BUKHARA
SAMARKAND

partidas: 20 Julho
3 Agosto
17 Setembro

CONHEÇA A VERDADEIRA URSS!
peça-nos já programas detalhados

Europeia

membro WATA em Portugal

CRUZEIROS 1978

nos magníficos paquetes
CAMBERRA e ORIANA

FIORDES DA NORUEGA - 29/6
MAR DAS CARAÍBAS - 30/6
ILHAS CANÁRIAS E AÇORES - 28/7
CAPITAIS DO NORTE DA EUROPA - 4/8
NOVA IORQUE E BERMUDAS - 2/9
MAR DAS CARAÍBAS - 30/9
VOLTA AO MUNDO - JAN/ABR 1979

preços de Lisboa a Lisboa

consulte-os

Av. Liberdade 233
Telef. 536121
Lisboa 2

membro WATA em Portugal

MORADIA
EM CASCAIS

2 pisos a estrear

2050 contos

Tel. 578231

... ao fecho do Posto de Comando da Pontinha

OTELO SARAIVA DE CARVALHO

"No meio de um mar de povo liberto enfim da opressão e do medo"

Vinte e dois minutos foi o tempo que demorou a primeira conferência de Imprensa dada aos órgãos de informação nacionais e estrangeiros pela Junta de Salvação Nacional. Das oito e quinze às oito e trinta e sete, na «sala de operações», Spínola, fatigado respondeu às perguntas que os jornalistas, ávidos, lhe faziam em catadupa. Um deles inquire:

— Senhor general, quem foi o oficial que chefiou as operações do Movimento?

Spínola volta-se para trás, procura furar à direita e à esquerda a massa compacta de circunstantes que querem a todo o custo marcar o seu lugar nas fotografias e filmes históricos que gravarão a cena para a posteridade. Bem atrás dessa muralha, não me movo perante o esforço de pesquisa do general. Vítor Alves, à sua esquerda, salva a situação do impasse e coloca a resposta:

— Não houve só um chefe. Fomos nós todos: Terminada a conferência, é a revoada dos repórteres, dos fotógrafos, dos homens de TV, correndo, açodados, na peugada de António de Spínola.

Pelas treze horas, encontro-me só na «sala de operações». Tudo está consumado. Foi já iniciada a libertação dos presos políticos em Caxias e Peniche. Às onze horas, Salgueiro Maia e as forças da EPC ocuparam o edifício do Secretariado-Geral da Defesa Nacional, na Cova da Moura, onde a Junta e o MFA passarão a funcionar. As nossas tropas mais móveis deslocam-se pela cidade, alvoroçadas, acorrendo a todas as chamadas e denúncias para detenção de agentes das defuntas DGS e Legião Portuguesa, que são conduzidos a Caxias. Rapidamente, o sistema é montado e até funciona. Os voluntários aparecem com fartura. Sinto-me desnecessário. E profundamente esgotado, a precisar de fazer a barba, tomar um banho regenerador e dormir algumas horas. Dá-me uma vontade imensa de abandonar finalmente, embora com saudade, aquelas quatro paredes pré-fabricadas.

Retiro da prancheta o meu «mapa de estrada», recolho a «ordem de operações». Luís Macedo mandará depois arrumar a sala e Garcia dos Santos providenciará para a recolha dos rádios e telefones. Dou um último olhar pelo compartimento, apago as luzes e fecho a porta. Sou o último a sair.

No quarto de oficiais, dispo a farda e visto-me à paisana. Meto no carro a pasta e o saco de napa com o uniforme e saio a porta de armas da unidade. O velho Morris 1100 rola pela fita da estrada, a caminho de casa, num país diferente.

Quando finalmente estaciono no parque de viaturas do prédio, minha mulher, casualmente, está na porta das traseiras. E é doce, terno, molhado em lágrimas, o sorriso feliz do nosso reencontro. Rapar a barba de dois dias e tomar um duche revigoram-me. Vamos almoçar, desanuviados, ao Habitat em Paço de Arcos. Tenho de lhe contar pormenores, alegrias, aflições. E faço depois uma proposta: não regressar a casa sem viver, fora do posto de comando, a exaltação do clímax que por certo se vai atingir em Caxias com a libertação dos presos políticos.

Uma multidão imensa se concentra nas estradas e terrenos das cercanias do forte e sobe até onde o cordão de fuzileiros barra o acesso. As buzinadelas, consigo ir furando aquela mole até à barreira. Identifico-me. Deixam-me passar. E no espaço fronteiro ao Reduto Norte deparam-se-me dezenas ou centenas de pessoas que aguardam ansiosas a abertura dos portões. O coronel Abrantes da Silva lá está, fardado, arvorando-se em elemento do MFA, rodeado de jornalistas, botando faladura e «mandado vir». Só reconheço, em toda aquela gente, a jornalista Maria Antónia Palla, que conheci em Bissau. Apresenta-me um camarada que está com ela, José Fonseca e Costa, realizador de cinema. E informa-me de que um casal em quem distingo algo de vagamente identificável são Francisco de Sousa Tavares e Sofia de Mello Breyner.

A demora na libertação dos presos está a prolongar-se demasiadamente. Os democratas e antifascistas exigiam-na imediata. A Junta, agarrada aos termos do programa, contrapõe com a argumentação da necessidade de distinguir os presos políticos dos presos de delito comum, «como é o caso de Hermínio da Palma Inácio, que roubou vinte e nove mil contos do Banco de Portugal na Figueira da Foz». Mas a verdade é que o próprio Regime deposto o classificara como preso político ao encarcerá-lo em Caxias!

— Mas porque será que demoram tanto tempo a libertá-los? — pergunta, enxofrada, Maria Antónia Palla.

E é uma pergunta que milhares de pessoas fazem também a si próprias. A excitação cresce. Verificam-se já atitudes de violência da turba contra ocasionais condutores de viaturas que, partindo da zona do forte, procuram passar através da multidão e seguir aos seus destinos. Há a tendência imediata para os identificar como elementos da PIDE em tentativa de fuga. Uma ambulância, chamada de urgência para transportar ao hospital a mulher de um guarda prisional em trabalho de parto, é assaltada pelos populares em fúria, que pretendem linchar ali mesmo o apavorado marido que a acompanha. Os «fusos» intervém dando tiros para o ar e salvam o casal daquele aperto.

A libertação ainda vai demorar. Decido retirar-me. Na manhã seguinte ali estarei de novo. Há um alarme quando o meu carro, descendo a estrada, se aproxima da multidão.

— Atenção! É PIDE! — gritam alguns. E logo a massa humana se comprime.

Aos que se encontram junto a mim e se agarram com fúria ao carro, tranquilizo com um sorriso indulgente.

— Estejam descansados que não sou.

Estou protegido. Mostro o meu cartão.

— É um oficial, é um oficial — avisam aos brados, com alívio, deixando-me passar.

E é entre palmas e gritos de «MFA, MFA, o Povo está com o MFA», que desço lentamente a estrada, a caminho de casa, no meio de um mar de povo liberto enfim da opressão e do medo, maravilhado com o milagre da liberdade reconquistada na aurora luminosa de uma manhã de Abril.

(in «Alvorada em Abril», de Otelo Saraiva de Carvalho, Bertrand, Lisboa, 1977)

Pub.

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

VIVA O 25 DE ABRIL

No próximo dia 25 de Abril o Povo e os trabalhadores portugueses comemorarão nas ruas do novo Portugal Democrático o quarto aniversário do dia maior da nossa História.

Naquela madrugada libertadora, com o auxílio do MFA o Povo português reconquistava a liberdade pela qual lutou durante os 48 anos da longa e tenebrosa ditadura fascista.

Com a conquista da liberdade os trabalhadores e o Povo português deram início a um processo revolucionário de transformação da sociedade.

As grandes conquistas do Povo trabalhador viriam mais tarde a ser consagradas na Constituição da República que é também uma grande conquista do nosso Povo. O preâmbulo da Constituição afirma que a **25 de Abril 1974 o Movimento das Forças Armadas coroando longas resistências do Povo português e interpretando os seus sentimentos mais profundos, derrubou o regime fascista!**

Os trabalhadores conquistam o direito à greve e a proibição do «lock out». Organizam-se nas empresas e realizam o controlo operário da produção. Impulsionam em aliança com o MFA as nacionalizações desferindo profundo golpe no poder económico monopolista e nas terras feudais do Alentejo realizam a Reforma Agrária.

Apesar de batida, a reacção nunca abandonou a sua prática de traição e nunca escondeu o seu desejo de rapina às conquistas, pelo Povo, arduamente conquistadas.

Demonstrando grande capacidade de organização e unidade os trabalhadores conseguem a força suficiente para bater a reacção em todos os campos.

Passados quatro anos sobre a data gloriosa que comemoraremos no próximo dia 25, os trabalhadores assistem a uma gigantesca ofensiva reaccionária que visa a destruição das nossas conquistas.

O Governo PS sozinho, aliado de facto à direita, ataca as conquistas dos trabalhadores, provoca a repressão no Alentejo com o objectivo de destruir a Reforma Agrária, restitui empresas intervencionadas, salvas da ruína pelos trabalhadores aos patrões sabotadores da economia nacional e liberaliza os despedimentos.

Não atende as alternativas dos trabalhadores para sair da crise, aumenta os preços, permite o aumento do desemprego, lança-se numa política de recurso sistemático aos empréstimos externos e institui o PACOTE como unidade de medida para reduzir progressiva e rapidamente o nível de vida do Povo e dos trabalhadores, aconselhando-o a guardar os restos para comer no dia seguinte.

O descontentamento popular, afirmado através de grandiosas manifestações realizadas em todo o País e em que participaram mais de 1 milhão de pessoas, faz cair esse Governo.

Na formação de novo Governo o Partido Socialista em vez de aceitar o preceito Constitucional de assegurar a transição para o Socialismo alia-se ao Partido que exprime os interesses do imperialismo e dos latifundiários, da CIP e da CAP, que votou contra a Constituição o CDS.

Com o II Governo, e como os trabalhadores afirmaram, verificou-se já o aumento do custo de vida, com incidência nos produtos básicos e de primeira necessidade, evidenciando a **necessidade de indemnizar** grandes exploradores dos trabalhadores. Afunda-se a economia com o recurso submissão do Fundo Monetário Internacional, põe-se em perigo a independência nacional com a submissão ao imperialismo e prossegue-se a ofensiva contra a Constituição e contra as conquistas dos trabalhadores.

Nos Açores arruaceiros, comandados pelos reaccionários da FLA agridem o ministro Almeida Santos, impunemente.

Na Madeira o PPD e CDS votam a não comemoração do 25 de Abril, na Assembleia Regional.

Mas a esta ofensiva saberão os trabalhadores no dia 25 dar a devida resposta nas ruas do Portugal Democrático.

A jornada de festa e de luta que o Povo português e os trabalhadores levarão a efeito em 25 de Abril de 1978 irá contrariar os desígnios da reacção e assegurar o caminho para a sociedade sem classes.

Para que esta jornada seja um êxito maior a direcção do Sindicato convida todos os Técnicos de Desenho a participarem nas numerosas manifestações que nesse dia serão realizadas.

VIVA O 25 DE ABRIL!
VIVA A CONSTITUIÇÃO!
PELA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE SOCIALISTA
TODOS ÀS COMEMORAÇÕES

Lisboa, 20 de Abril de 1978 **A DIRECÇÃO**

Discursos sobre a liberdade de imprensa

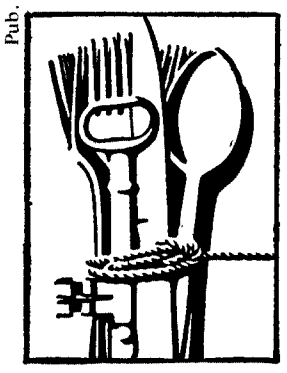
no primeiro Parlamento Português (1821)

OBRAS DE AUGUSTO DA COSTA DIAS

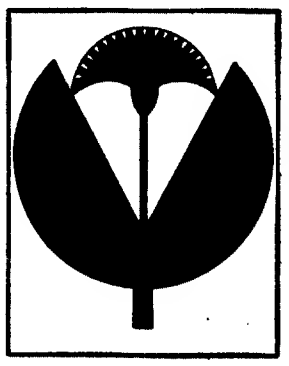
EDIÇÕES ESTAMPA

PREÇO 400$00

Pub.



25 de ABRIL



VIVA O 25 DE ABRIL

Na madrugada de 25 de Abril de 1974, as Forças Armadas, sob a direcção do MFA, derrubaram o fascismo que durante quase meio século oprimiu o Povo português, pondo termo a um regime de terror e medo, pondo termo à opressão colonial.

A acção levada a cabo pelo MFA em 25 de Abril e que veio a inaugurar uma era de liberdade, de imediato foi secundada por uma verdadeira explosão de apoio das massas populares, que com a sua mobilização e dinamismo logo vieram imprimir à Revolução o ritmo que veio a permitir grandes transformações políticas e sociais.

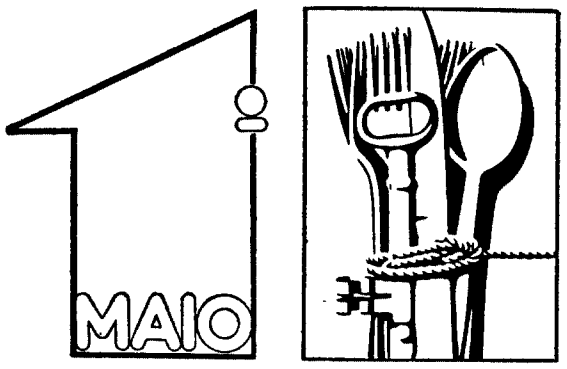
A aliança do Povo com o MFA que então se forjou na luta contra as tentativas da reacção para derrubar a jovem democracia, veio a tornar possíveis grandes conquistas das classes trabalhadoras, como as nacionalizações e a Reforma Agrária.

Sobre essa aliança se construiu a Constituição de Abril, hoje vilipendiada impunemente pelas forças fascistas que de novo levantam cabeça!

A passagem desta data deve constituir um marco na luta contra o retorno ao passado! Deve unir todos os trabalhadores, todos os antifascistas em torno de uma tarefa comum: A DEFESA DO 25 DE ABRIL, NA DEFESA DAS SUAS CONQUISTAS!

VIVA O 25 DE ABRIL!

A DIRECÇÃO

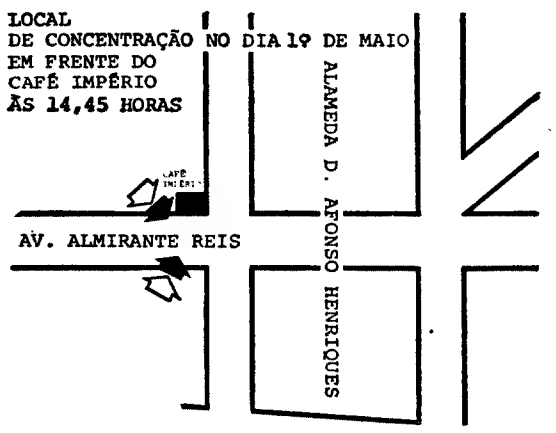


Todos à rua na grande jornada de UNIDADE e LUTA

1.º de MAIO

Este 1.º de Maio significa para nós, trabalhadores portugueses, o reconhecimento e consolidação da liberdade e da democracia e o início da grande arrancada das Massas Populares que em unidade com o MFA levaram à obtenção das grandes conquistas de Abril!

Estar presente na rua, na grande jornada de unidade e luta do próximo 1.º de Maio é honrar, relembrando-os, os heróicos trabalhadores que em 1886 deram a vida na luta pelas oito horas de trabalho diário.



TRABALHADOR DA INDUSTRIA HOTELEIRA

O local de concentração para os trabalhadores na hotelaria é na Avenida Almirante Reis, em frente do Café Império, junto à Alameda, às 14.45 horas. Ver na planta o local indicado pelas setas.

Na Indústria Hoteleira, o feriado do 1.º de Maio é diferente dos outros.

Para que trabalhadores, delegados sindicais e comissões de trabalhadores lutem nas empresas pela sua aplicação rigorosa, transcrevemos o que no Contrato Colectivo vem regulamentado sobre o 1.º de Maio:

1.º de MAIO

Cláusula 51.ª — Feriados

1 (...)

2 (...)

3. Excepto nos hotéis, pensões, cantinas abastecedoras de aeronaves e cantinas de estabelecimentos que não paralisem a sua actividade é obrigatório o encerramento dos estabelecimentos no dia 1 de Maio; porém, em relação àquelas que se mantenham em laboração deverá ser dispensado, pelo menos, metade do pessoal ao seu serviço.

Lisboa, 19/4/78.

Desporto de ontem para hoje

PORTO E OEIRAS COMANDAM NACIONAL DE HÓQUEI

O Oeiras passou para o comando da Zona Sul do campeonato nacional de hóquei em patins, ao bater o Parede (por 9-3) e beneficiando da derrota do Benfica, frente ao Sporting (7-2) após a realização da 16.ª jornada da prova. Resultados: **Zona Norte**: Candal-FC Porto, 4-10; Valongo-Carvalhos, 4-4; Invicta-Infante de Sagres, 5-3; Riba D' Ave-Oliveirense, 7-3; Académica de Espinho-Sanjoanense, 5-5. Na **Zona Sul**: Paço de Arcos-Salesiana, 2-2; Sporting-Benfica, 7-2; Campo de Ourique-CUF, 2-2; Oeiras-Parede, 9-3; Cascais-Académica da Amadora, 5-3.

Classificação na **Zona Norte**: 1.º FC Porto, 41, pontos; 2.º Valongo, 39; 3.º Infante de Sagres e Carvalhos, 38; 5.º Oliveirense (menos um jogo) e Espinho, 30; 7.º Riba D'Ave, 28; 8.º Invicta, 27; 9.º Sanjoanense, 26; 10.º Candal (menos um jogo), 18. Na **Zona Sul**: 1.º Oeiras, 44 pontos; 2.º Benfica, 43; 3.º Parede, 37; 4.º Sporting, 36; 5.º Cascais, 30; 6.º Salesiana e CUF, 28; 8.º Campo de Ourique, 26; 9.º Amadora, 24; 10.º Paço de Arcos, 23.

No jogo principal, arbitrado por Fernando Rodrigues, alinharam:

SPORTING — Basílio, fernando Pereira, Sobrinho, Picas, Jorge, Carlos Alberto e Rui Rosa.

BENFICA — Ramalhete, Casimiro, Garrancho, Quim, Piruça, Fanã e Bota.

marcador: 1-0, por Picas (aos 3 m e 30 s); 2-0, por Jorge (aos 13 m e 17 s), 3-0 por Picas (aos 15 m 20 s); 3-1; por Fanã (aos 18 m e 10 s), 4-1, por Jorge (aos 20 m e 5 s); 4-2 por Quim aos 26 m), 5-2, por Picas (aos 30 m e 40 s); 6-2, por Jorge (aos 30 m e 55 s), e 7-2 por Jorge (aos 39m e 28 s).

Cartão amarelo a Garrancho e Sobrinho.

Expulsão temporária (2 m) de Fanã.

Azar do varzinista Festas: fractura da tíbia e do peróneo da perna direita, no jogo com o Sporting. Ontem, o diagnóstico foi drástico: mínimo de seis meses fora do trabalho

FUTEBOL ANTECIPADO

Nos escalões principais, várias alterações nos calendários de futebol para este fim de semana, com a marcação para sábado dos jogos seguintes: Feirense-Guimarães e Sporting-Marítimo (16 horas) e Riopele-Belenenses (17, em Santo Tirso), todos da 1ª divisão; Leixões-Chaves e Marrazes-União de Coimbra (16), ambos para a 2ª divisão.

CICLISMO CONVOCA

Enquanto, por Espanha, o reconhecido profissional José Martins inicia hoje uma presença na «Volta a Espanha», por cá a Federação convoca, com vista aos «mundiais» (na Alemanha, de 13 a 27 de Agosto), os seguintes ex-profissionais: Celestino Severino (Lousa), Fernando Mendes (F. C. Porto), Firmino Bernardino (Lousa), Joaquim Andrade (Aguias), Joaquim Sousa Santos (Bomparralense) e Venceslau Fernandes (F. C. Porto). Amadores-Seniores: Adelino Teixeira (Lousa), Alexandre Rua (Aguias), Alfredo Gouveia (Aguias), António Fernandes (F. C. Porto), Carlos Santos (Benfica), Fernando Fernandes (Bombarralense), Floriano Mendes (Aguias), Lima Fernandes (Aguias), Marco Chagas (Aguias).

TOTOBOLA
Jogue connosco

Académico	Benfica	X
Braga	Portimonense	1
Setubal	Espinho	1
Estoril	Boavista	X
Porto	Varzim	1
Feirense	Guimarães	X
Riopele	Belenenses	2
Sporting	Marítimo	1
Farense	Famalicão	1
Covilhã	Beira Mar	2
U. Tomar	A. Viseu	1
Lusitano	Barreirense	2
Sesimbra	Montijo	2

Pub.

SAUDAÇÃO DO SECRETARIADO DA CGTP-IN

Ao comemorar-se o quarto aniversário da gloriosa jornada do 25 de Abril de 1974, o Secretariado da CGTP-IN saúda os capitães de Abril que, interpretando os profundos anseios do Povo português desencadearam a acção decisiva para o derrubamento da ditadura fascista e, ombro a ombro com o movimento popular, contribuíram para a conquista das liberdades democráticas e sindicais, para o fim da odiosa guerra colonial e para a consolidação do regime democrático.

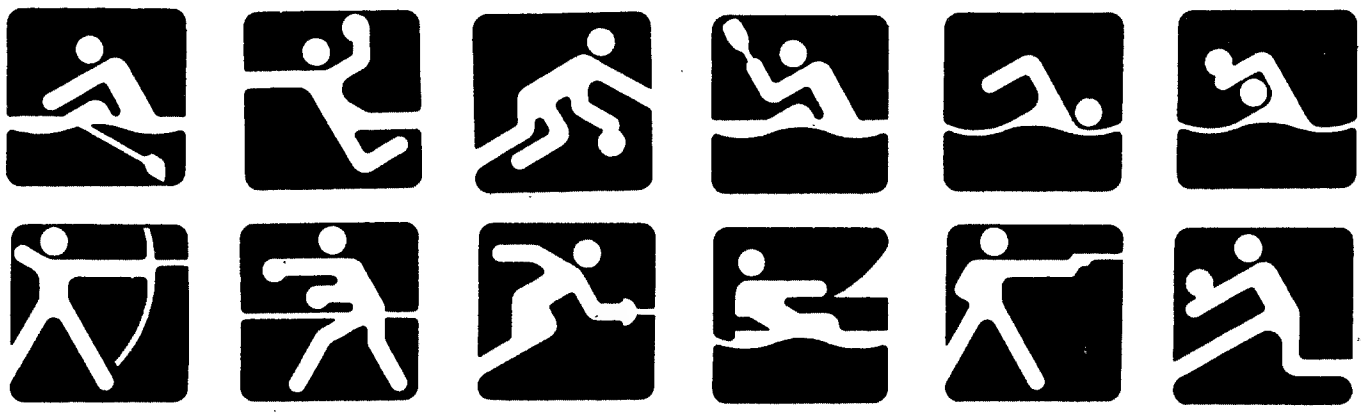
Saúda todos os democratas cuja participação activa na luta contra o fascismo foi um factor decisivo para a própria jornada libertadora do 25 de Abril e que, após essa data, participaram activamente na destruição do aparelho de Estado fascista e na consolidação das novas estruturas democráticas previstas na Constituição da República.

Saúda todos os trabalhadores cuja unidade, luta e organização contribuíram para a conquista das liberdades sindicais e do direito à greve, para a melhoria das condições de vida e de trabalho e foram decisivas para a liquidação do poder dos monopólios e dos latifúndios, criando as condições para o desenvolvimento económico planificado e independente do País.

Na actual situação em que as forças reaccionárias e fascistas tentam destruir as conquistas da Revolução, se propõem liquidar o regime democrático e rever a Constituição da República, o Secretariado da CGTP-IN endereça a sua confiança no futuro democrático e socialista de Portugal, certo que a unidade das forças democráticas e sindicais conseguirão consolidar as conquistas de Abril, resistir à ofensiva contra os direitos e liberdades democráticas, garantir a melhoria das condições de vida das camadas mais desfavorecidas do Povo português e assegurar o cumprimento do projecto Constitucional. A CGTP-IN exorta todos os trabalhadores a participar activamente nas comemorações do quarto aniversário do 25 de Abril, na convicção de que, comemorando massivamente esta data, os trabalhadores estão a lutar pela defesa das grandes conquistas da Revolução, consolidando a democracia, as liberdades e a independência nacional.

Lisboa, 20 de Abril de 1978

O SECRETARIADO NACIONAL
DA CGTP-IN



Nada de novo nesta frente ocidental

Ajoelhado aos pés do inquiridor, este Desporto que temos se confessa. Mão no peito, acto de contricção na ponta dos lábios, réstia de imodéstia varrida dos 1460 dias vergados, mira o espelho e mergulha para o rés-do-chão: palavras (letras alinhavadas de braço dado) saltaram em quatro anos para um fundo de nada, devoradas quotidianamente pela voracidade dos projectos não cumpridos. Excepções não confirmam regras: Lopes, Marques e Abreu é firma sem sucessão pela fronteira. Projectos, planos e esquemas, sorumbáticas procissões de verbos e substantivos, caíram no cesto: com adjectivos e réplicas, diagramas e relatórios. Nada mais triste: nem um passo andado em todo o reino da Revolução.

Armando Marques (tiro)

Carlos Lopes (atletismo) e Rui Abreu (natação)

Carlos Lopes, aquele moço beirão que corre com chispas nos pés e corda nos sapatos, é oásis no Atletismo. Adília, mulher também arrancada ao mato e à enxada, vive agora paredes meias com o conformismo, na mesma ladeira sem glória que parece aglutinar os saltos de Nora, a velocidade de Carvalho, o conta-quilómetros de Anacleto, Paiva ou Sena, a luta birrenta de Mamede contra o seu próprio sentir.

Armando Marques, testemunho equacionado entre Tinoco e o desconhecido, fica (igualmente) como miragem de tarde de primaveril, entre os estampidos alvoroçantes dos passarinhos de Monsanto e a luta ante o imobilismo de quem não tem ao dispor armas para uma guerra contra o alvo, jocoso, brincalhão, fauce escancarada.

Rui Abreu, esguio tritão moçambicano emergido em Coimbra, é outra (a derradeira) afirmação de valor no mapa sem relevos do Desporto destas bandas. Sacadura o comanda, por cá ficará, estiolando. Corta piscinas com a força em rodopio que recebeu nas piscinas de Lourenço Marques. Medalhas no bolso, glória local: uma única meta.

Atletismo, Tiro, Natação: três homens, três idades diferentes no mesmo prato da balança, sem darem o tom ao diapasão, a força ao dinamómetro. Um imenso vazio cerca a pequena ilhota que é fruto de todas as atenções e não encontra sucessora à perna. Porque amigos, não há mais Agostinho ou Eusébio, Belo ou Quina, Caiado ou Malta. A bicicleta voltou para Brejenjas e José Martins é produto com dez por cento de ouro. Chalana morre na casca e Oliveira, como Alves ou Humberto, vivem para consumo interno. As quilhas dos barcos que pedimos emprestados para estar em Montreal estão nos mesmos donos que pisam os longos relvados onde nascem (longe) outras «Gitane».

Para voltarmos a remar, pescou-se um irradiado após Munique. No andebol, como no basquetebol, vive-se entre a mentira do semiencapotado profissionalismo e o ostensivo amadorismo do praticante que foge para a cabina para fumar longe das visitas. Ténis de mesa contrange, polo aquatico não existe, tiro ao arco é para diletantes tomarem de bulício os domingos no Jamor. Ténis mergulhou no caos. Em espada, como em florete ou sabre, contam-se pelos dedos quantos se preocupam em saber o nome dos campeões. Halterofilia e luta ficam para (fraco) consumo interno. Em judo, como na ginástica, passamos vidas a aprender, a soletrar, b-á-bá, berço outra vez. No hóquei em campo, no râguebi, no badminton, a tristeza é total, o negrume nem sequer dá para mágica. E, quando aparece essa bandeira do hóquei patinado, clube ou selecção de estandarte em riste, logo o sagrado olímpico atira para o pó as esperanças mais fagueiras: Coubertin não queria, Coubertains de hoje não querem.

Quatro anos: um impávido, pleonástico, paradoxal marasmo. Nem tribunal desportivo nem remodelações de leis: na Torre do Tombo, como nos gabinetes da alta jurisprudência, os compêndios são da mesma edição. E quase fantoche o apoio médico que se oferta aos jóvens entusiastas desta ou daquela modalidade: arregimentados à porta de casa ou à saída de um pastilha de droga, largam para a estrada ou para o ginásio, para a pista ou sobre uma bicicleta, auscultados em segundos por complementos da medicina que se pratica em termos de Previdência, a vinte o quilómetro. Os árbitros são violentados, a multidão agride, os técnicos defendem o ganha-pão arrojando para a crítica ou para o azar fraquezas da sua incipiência. No meio disto tudo, siderado, grudado com pez, tolhido de reumático, Governo após Governo agradece as saudações do Povo. Já assim acontecia em Roma, já isso sucedia em Berlim. Só algumas caras mudaram.

NEVES DE SOUSA

Pub.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

COMUNICADO N.º 207

QUARTO ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul lembra todos os trabalhadores seus associados e população em geral que no próximo dia 25 se comemora o 4.º Aniversário da Jornada Histórica do 25 de Abril de 1974, quando os capitães do MFA lançaram a acção militar que prontamente apoiada pelo povo português, iria derrotar o regime odioso que nos oprimia durante quase 50 anos.

O significado histórico desta data é imenso:

.Derrubado o Governo de Tomás e Caetano, o povo português, os soldados e marinheiros, apoiados pelos oficiais progressistas do MFA, lançaram-se na luta pela conquista de muitos dos seus mais profundos anseios.

O fim da guerra colonial e da exploração e opressão dos povos das colónias;

A expulsão dos fascistas dos Sindicatos e o direito à greve;

As liberdades políticas e destruição da PIDE, da censura, a libertação dos presos políticos.

Foi o povo português, os soldados e os marinheiros que fizeram do 25 de Abril a Jornada libertadora que ele constituiu.

Quando o povo saiu para a rua a exigir o fim da guerra e a independência para as colónias, quando os operários paravam as fábricas e exigiram melhores salários, quando os trabalhadores do campo lançam a reforma agrária, quando os moradores dos bairros pobres se organizaram para lutarem por casas decentes, o 25 de Abril começou a ganhar a sua verdadeira face, não apenas uma mudança de regime, mas sim um processo que mostrou a cada passo que só o povo organizado, tomando o seu destino nas suas próprias mãos, poderia construir uma nova sociedade. Foi a força do movimento popular que impôs o avanço da Reforma Agrária, nacionalizações, controlo operário, foi essa força que conseguiu lançar aqui e ali os alicerces do poder dos trabalhadores.

O 25 DE ABRIL ESTÁ VIVO:

.Unidos teremos de estar em Abril de 1978, na luta contra a recuperação capitalista e o imperialismo.

Se hoje, quatro anos após o 25 de Abril, o povo português não viu profundamente alteradas as suas condições de vida, se centenas de milhares de famílias estão sem trabalho e sem pão, se o custo de vida aumenta e se torna incompatível para quem trabalha, se milhares de famílias ainda vivem em barracas.

A CULPA NÃO É DO 25 DE ABRIL NEM DAS LUTAS DOS TRABALHADORES.

Isto acontece porque cada vez mais quem manda no nosso País são os mesmos que já antes mandavam. São os imperialistas, são os capitalistas que recuperam o seu poder e as empresas que abandonaram, são os Pides e bombistas assassinos que são soltos e conspiram em segurança.

O caminho que o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul aponta é um caminho longo e difícil, é o caminho da resistência e da luta, o único caminho que os revolucionários podem apontar às massas populares.

Terá que ser um caminho de unidade popular, unidade dos explorados que nasce e se reforça nos sindicatos, nas cooperativas, nas Associações de moradores, unidade que é a mais importante barreira contra o avanço dos inimigos do povo, dos explorados.

Unindo a classe operária e o povo trabalhador, desmascarando a política da burguesia e seus partidos, bem como a dos conciliadores, estaremos de novo no caminho que o 25 de Abril aponta:

O CAMINHO DO PODER DOS TRABALHADORES, O CAMINHO DO SOCIALISMO.

O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul apoia activamente todas as comemorações populares e unitárias do 25 de Abril, que se venham a realizar.

— O 25 DE ABRIL ESTÁ VIVO!

— FAÇAMOS DO 25 DE ABRIL UM DIA DE FESTA E DE LUTA!

CONTRA O FASCISMO, CONTRA O IMPERIALISMO — DEMOCRACIA, LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

— DEFENDER AS CONQUISTAS E A CONSTITUIÇÃO — CDS NO GOVERNO NÃO!

— A LUTA CONTINUA!

— UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 13-4-78

QUINTA NA ASSEICEIRA

VENDE-SE

8 hectares, casa de habitação com 16 divisões, terras de amanho, vacaria instalações para porcas de criação. 5 poços, furo para 5 mil litros água/hora. — Trata 578231.

BOM PREÇO

A troca do Zé Bêbado

Continuação da pág 11

serve. Tudo. Levou-me tudo. Mas deve-me isto, deve. O mar deve-me a vida do meu filho».

Areia trazida pelo vento cola-se aos lábios do Zé Bêbado. As mulheres enterradas lá em cima, no cemitério, colam-se às palavras do Zé Bêbado. O filho que anda no mar cola-se aos olhos do Zé Bêbado.

As palavras saem de jorro da boca do Zé Bêbado e ficam a caminho da filha do «Safio», desfeitas pelo vento: «Descansa, rapariga, que hás-de ter homem. Descansa, rapariga, que eu nao te deixo assim. Descansa, ouviste? Nao estejas para aí a chorar, que eu ponho-te o homem na praia. O mar deve-me isto, deve-me isto e não vai fugir ao pagamento».

A cara do Zé Bêbado está encharcada. Pingos de água salgada entram-lhe na boca e saem dela misturados com as palavras. O «Bombo» levanta-se e coça o lombo à perna reumática do Zé Bêbado. A filha do «Safio» deixa-se cair no chão e volta ao Padre Nosso.

O Zé Bêbado volta-se para o mar e descarrrega: «Grande cabrão, matador de homens da merda, que é que tu queres do meu filho? Não te basta a minha vida, ladrão? Nao te basta ver como eu estou? Não te basta isto, grande corno?»

A filha do «Safio» levanta-se e fica parada ao pé do velho, esbelta como um pé de milho verde. «Padre Nosso que estás no Céu, taz o meu homem. Padre Nossso que estás no Céu, dá-me o meu homem. Padre Nosso que estás no Céu, quero o meu homem».

O Zé Bêbado dá dois passos em frente: «Oue é que tu queres, grande cabrão? Que é que tu queres?»

. O «Bombo» recua e fica a ganir, voltado para o Zé Bêbado, que grita para o mar: «Queres-me a mim, não é? Pois leva-me, cabrão, que já não presto para nada! Faz uma coisa honrada, uma coisa honrada, ó mar! Leva-me e dá o meu filho à rapariga! Eu troco contigo, mar, eu troco contigo! A minha vida pela dele! Deves-me isso, ouviste?»

. O «Gago» enche outra vez copo e leva-o à boca. Josefina volta o torcido da boca para a imagem da virgem e cospe outra reza. O padre Alves levanta a cabeça das mãos e fica a olhar para a parede branca da sacristia.

O Zé Bêbado entra pelo mar dentro a gritar «Leva-me, ó mar, leva-me e traz o rapaz. É uma troca. Tu deves-me isto. Tu deves-me isto! É uma troca, um negócio sério! Tu deves-me isto!»

. A filha do «Safio» levanta-se e corre atrás do Zé Bêbado mas pára a meio do caminho.

O «Bombo» saltita, de um lado para o outro, de rabo esticado, e ladra à vaga.

Com o mar a dar-lhe pela cintura, o Zé Bêbado é envolvido por uma onda: «É uma troca, mar! Uma troca séria!»

. A filha do «Safio» estaca e começa a gritar.

O vento envolve a muralha dos pontos negros num remoinho de areia, detém o rapazio que anda ao pé da ponta do farol, arranca o mastro do terreiro da aldeia.

A filha do «Safio» volta, a correr, à linha da maré, e deixa-se cair na areia com os braços à volta da cabeça.

A vaga envolve o corpo do Zé Bêbado e leva-o com ela.

O padre Alves continua a olhar para a parede branca da sacristia. A Josefina esfrega o torcido da cara com a mão direita e começa outra reza. O «Gago» senta-se no banco da taberna e põe-se a olhar para as botas. O «Bombo» corre junto a linha de água, a ganir.

Lá longe, para além da vaga, o filho do Zé Bêbado já não chora, já nao olha para as botas, já não dá pelo vento.

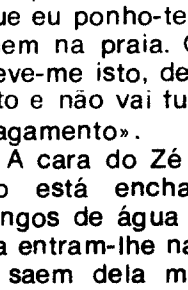
Pub.

Oferece-se

rapariga 23 anos

Para escritório, consultório ou fábrica com alguma experiência. Dão-se referências. Tel. 247 28 54.

Pub.



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

TRABALHADOR METALÚRGICO

A Revolução de Abril liquidou o regime fascista de opressão e exploração de todo o Povo pelos grupos monopolistas e latifundistas, pôs termo à guerra colonial e transformou profundamente as estruturas económicas, sociais e políticas do País.

Foi restituída a liberdade ao Povo, elevado o nível de vida das classes trabalhadoras, criadas instituições democráticas e aprovada a Constituição da República, com um projecto de sociedade socialista.

O balanço da Revolução de Abril continua a ser bastante positivo para o Povo Português, apesar dos constantes ataques às Conquistas da Revolução e da política de recuperação capitalista que tem diminuído o poder de compra dos trabalhadores e da população.

Ao comemorarmos o quarto aniversário do 25 de Abril, saudamos os gloriosos Capitães de Abril que souberam interpretar os profundos anseios do Povo Português.

Saudamos, igualmente, a classe operária e todos os trabalhadores metalúrgicos que, ao apelo do seu Sindicato, desempenharam um papel firme e decisivo nas grandes jornadas do 28 de Setembro, do 11 de Março, das nacionalizações e em todas as importantes acções através do Movimento Popular de Massas.

Neste momento, em que as forças fascistas lançam intensas campanhas de desestabilização político-militar, que põem em perigo as instituições democráticas, apelamos à unidade dos metalúrgicos, do Movimento Sindical Unitário e Popular de Massas.

Apelamos à sua participação em todas as iniciativas e acções em defesa do regime democrático e especialmente nas Comemorações do 25 de Abril e Jornadas de Unidade e Luta do próximo 1.º de Maio.

Confiantes, renovamos a nossa mensagem de esperança no regime democrático e no futuro socialista.

P'LA DIRECÇÃO
(Assinatura ilegível)

Pub.

LÊ E DIVULGA

Ano I
Número 3
Abril
1978

O trabalhador QUÍMICO

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS

1º MAIO 78
GRANDE JOR
UNID

Ano I
Número 2
Março
1978

O trabalhador QUÍMICO
...CATOS DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍ...

ORGÃO DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS

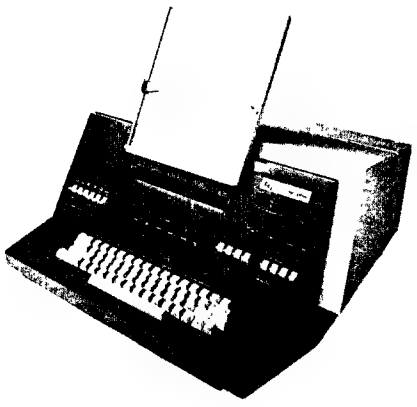
HERMESGRÁFICA

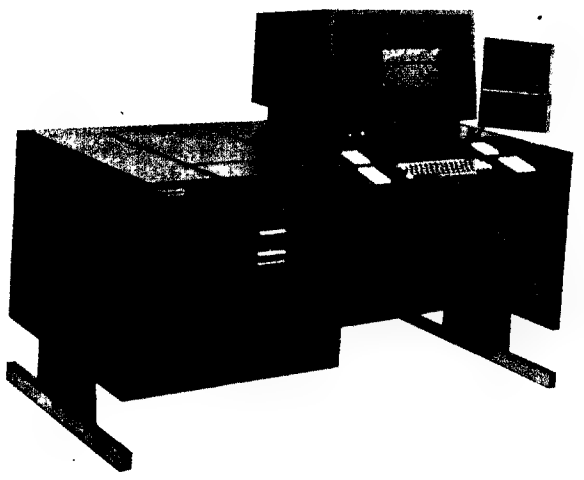
APRESENTA AS FOTOCOMPOSITORAS MAIS ECONÓMICAS DO MERCADO, FABRICADAS POR

COMPUGRAPHIC
LÍDER MUNDIAL EM FOTOCOMPOSIÇÃO

CG 4600

- **Formatos:** 100 formatos com a capacidade total de 15.000 caracteres.
- **Tabulação:** 4 modos de tabulação
- **Misturas:** 4 tipos e 8 corpos.
- **Matriz:** Em português com 118 símbolos por tipo.





Editwriter ED 7500

- Produz composição, texto, tabulação.
- Formatos e paginação de livros misturando 12 corpos de 6 a 72 pontos.
- Permite corrigir ou mostrar no *écran* enquanto a unidade fotocompositora compõe qualquer outro trabalho contido no disco magnético.
- Possui um disco magnético com capacidade de 300 000 caracteres, reutilizável sempre que se pretenda.

HERMESGRÁFICA Sociedade Portuguesa de Representações Industriais, Lda.
Rua de Coelho da Rocha, 2 • LISBOA • Telefs.: 60 68 49-60 54 81

HERMESGRÁFICA DO NORTE Representações Industriais, Lda.
Rua de S. Brás, 288 • PORTO • Telef.: 48 36 95

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
AUTO-GRÁFICA Sociedade Luso Americana Fotocomposição, Lda.
Rua de Luís Derouet, 11, 1.º • LISBOA • Telef.: 60 54 81

farmácias

Lisboa

TURNO 23
Até às 22 horas

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B. Tel. 666971; **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B.º Encarnação). Tel. 311216-310172; **BELO** — Av. de Roma, 53-A. Tel. 776314; **CENTRAL** — Rua de S. Paulo, 108. Tel. 320389; **DOURO** — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131; **FRAZÃO** — Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92. Tel. 847019; **GARANTIA** — Av. P. Manuel da Nóbrega, 54-A-B. Tel. 727300; **GONÇALVES, LDA.** — Rua da Rosa, 176-178. Tel. 362687; **IMPARCIAL** — R. General Taborda, 28. Tel. 680931; **LEMOS** — Rua Cidade da Beira, Lote 19-A. Tel. 331692; **LINAIDA** — Rua Ferrira Borges, 30. Tel. 660955; **MACEDO** — Estr. Poço doChão, 69-C. Tel. 703697; **MAGALHÃES** — Av. Almirante Reis, 4-D. Tel. 549479; **MARBEL** — Av. de Roma, 131-A. Tel. 776235; **MARLUZ** — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395; **MORÃO** — Largo da Graça, 63. Tel. 860700; **NEVES** — Rua Bela Vista à Lapa, 35. Tel 661251; **SALDANHA** — Av. Praia da Vitória, 53-55. Tel. 43938; **S. BARTOLOMEU** — V.º Paulo Jorge, 1. Tel. 790969; **S. JOÃO** — Estrada da Luz, 124-A. Tel. 783179; **S. SEBASTIÃO** — Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9. Tel. 548642; **SEREJO** — Rua Rui de Sousa, Lote 65 (Chelas); **SIMÕES PIRES** — Rua da Prata, 115. Tel. 362350; **TANARA** — Rua Rodrigo Reinel, 3-A. Tel. 611814; **TELES** — R. João de Barros, 2-Frente. Tel 638176; **UNIVERSITÁRIA** — Rua Alfredo R. Gameiro, 29-D. Tel. 778953; **VALE** — Av. Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043; **VITÁLIS** — Rua Morais Soares, 69. Tel. 841779.

PERMANENTE

ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311216-310172; **GARANTIA** — Av. P. Manuel da Nóbrega, 54-A-B. Tel. 723000; **LINAIDA** — Rua Ferreira Borges, 30. Tel. 660855; **MARBEL** — Av. de Roma, 131-A. Tel. 776235; **S. JOÃO** — Est. da Luz, 124-A. Tel. 783179; **MORÃO** — Largo da Graça, 63. Tel. 860700; **S. SEBASTIÃO** — L. S. Sebastião da Pedreira, 1-9. Tel. 548642; **TELES** — Rua João de Barros, 2-Frente. Tel. 638176; **SALDANHA** — Av. Praia da Vitória, 53-55. Tel. 43938.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerrm das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Galeno — Rua Capitão Leitão, 85-B. Tel. 2760565. **COVA DA PIEDADE — Louro — Rua Alexandre** Herculano, 6-B. Tel. 2763517. **LARANJEIRO — A. Araújo** — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA — Carlos** — Av. do Mar, 34-A. Quita de St.º António. **SESIMBRA — Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028. **BARREIRO — Pimenta** — Rua Cons. Joaquim Ant. de Aguiar, 259. Tel. 2073012. **SEIXAL — Godinho** — Largo da Igreja, 51. Tel. 2218580. **MONTEPIO — Montepio** — Rua Almirante Reis, 93. Tel. 2310035. **MOITA — Silva Rocha** — P. da República, 16. Tel. 239029. **ALHOS VEDROS — Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8. Tel. 204250. **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137.

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Combatentes G. Guerra, 166. Tel. 2113953. **CARCAVELOS — Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B. Te. 260085. Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás** — Rua Costa Pinto, 184. Telef. 2432034. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE — Aisir** — Av. Gago Coutinho (B. das Caixas de Previdência) Telef. 2472948. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CASCAIS — A. Costa** — R Freitas Reis, 24-C. Tel 280214 Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA — Central — Av. Cardoso Lopes, 25. Tel. 932210. Permanente. **DAMAIA — D. João V** — Av Gurgel do Amaral, 2-A. Tel. 970461. **QUELUZ — Simões Lopes** — Av Elias Garcia, 28 Tel. 950117. **CAMARATE — Batalha** — R. Avelino S. Oliveira, 6. Tel. 2518669. **CACÉM — Guerra Rico** — Entre Lotes, 6 e 79, Freixo Capitão Tel 2944002. **MEM MARTINS — Mem Martins** — Est. de Mem Martins, 285 Tel. 2910012. Permanente. **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. Até às 23 horas. **S. PEDRO DE SINTRA — Valentim** — Telef. 980456. Permanente. **COLARES — Abreja** — Tel. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380. Tel 680127; **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593; **CENTRAL** — Rua 31 de Janeiro, 203. Tel. 21684; **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148. Tel. 490889; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106. Tels. 25963-311065; **LAPA** — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697.

(De dia e toda a noite)

CORREIA — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 473. Tel. 58928; **LUSO-FRANCESA** — Rua de Sá da Bandeira, 140. Tel. 251341; **MAGALHÃES** — Rua de Serralves, 566 Tel. 63561.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

NAZARÉ — R. Ferreira Borges, 135-139. Tel. 22605; **CRUZ & COSTA** — Rua A. Vasconcelos, 71-71-A. Telefone 22715.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade

14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 h.
Não acons. a men. de 18 anos

O COW-BOY DA MEIA-NOITE

Sala B — Não acons. a men. 13 anos
15.00 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
3.ª semana
ANNIE HALL

ALVALADE — 897480
Av. de Roma

2.ª Semana
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h

TEMPO DE ASSASSINOS
Rossano Brazzi

Interd. a men. 18 anos

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
em 7.ª semana — Para todos
AS FÉRIAS DO SR. HULOT
de Jacques Tati
Hoje às 23.30 h
«A LENDA DA CASA ASSOMBRADA»
(M. 18 anos)

AVIS — 547163
Av. Duque D'Avila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
A VOZ DO SILÊNCIO
Não acons. menores 13 anos
O mais fascinante de todos os filmes indianos

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
OS REVOLTADOS DO ANO 2000
Int. men. 18 anos
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CALEIDOSCOPIO — 795093
Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
OS REVOLTADOS DO ANO 2000
Int. men. 18 anos
Este filme contém cenas eventualmente chocantes (Colorido)

CASTIL — 580194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h..
ESPOSAMANTE
Int. menores 13 anos
Com Laura Antonelli e Marcello Mastroianni

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
A cama que fala... tem muito que contar
CAMA QUE FALA
Às 24 horas
ENTRE A LOUCURA E O CRIME
Interd. a men. 18 anos

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45

UM DIA INESQUECÍVEL

com Sophia Loren, Marcello Mastroianni
Não acons. men. 13 anos

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A LEGIAO ESTRANGEIRA
Com Terence Hill

Nao acons. a men. 13 anos

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Algés

Às 15.30, 18.00 e 21.30 h

JOVENS APAIXONADOS

Não acons. a men. 18 anos

D. JOÃO V — 971794
Praça Centro Comercial — Damaia

Às 21.15 h.

A ENFERMEIRA DO MEU PAI

Não acons. a men. 18 anos

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

OS CINCO MESTRES DO SHAOLIN
Interd. a men. 18 anos
Um filme de Chang Cheh

ESTUDIO — 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. a men. 13 anos
Oscar melhor actor do ano
Richard Dreifuss
Globo de ouro melhor filme do ano
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS

ESTUDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
5.ª semana
VIOLÊNCIA E PAIXÃO
Maiores de 18 anos

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35

Às 15.15
PRIMEIRO AMOR

Não acons. a men. 13 anos
Às 21.30 h
A SUPERPATRULHA

IMPÉRIO — 555135
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h

Nao acons. a men. de 13 anos

Não estamos sós

6.ª semana

«ENCONTROS IMEDIATOS» do terceiro grau

70 m/m — Ecran gigante
O espectáculo mais deslumbrante de todos os tempos

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Não acons. a men. 18 anos
JULIA
com Jane Fonda
Filme de qualidade

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 18.15 h.
Interd. a men. 13 anos
BARREIRA DE FOGO
com Clint Eastwood
As 21.30 h

NO PALCO:
DANÇAS E CANTARES DE TIMOR
NA TELA
BARREIRA DE FOGO

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30

OS CONTOS DE BOCACCIO

Com Enrico Montesano, Sylvia Koscina
Não acons. menores 18 anos

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Prémio de Realizaçao do Festival de Cannes
FEIOS, PORCOS E MAUS
de Ettore Scola
com Nino Manfredi
14.ª semana

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7

Às 15.15 e 21.15 h.
A COMPANHEIRA DA MINHA VIDA
Não acons. a men. 13 anos
Hoje às 00.15 h.
Não acons. a men. 18 aos
A ESPOSA VIRGEM

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15. h.

Não acons. a men. 18 anos

A JUSTICEIRA

Com Sandra Currie

OLYMPIA — 325309
Rua Condes, 11 a 23

Sessoes continuas a partir das 14.00 h.
em 2.ª semana
PARAÍSO CARNAL
Int. menores 18 anos
com cenas eventualmente chocantes

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122

2.ª semana
Às 14.15, 17.45 e 21.30 h.
Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Não acons. a men. 13 anos
Colorido

POLITEAMA — 326305
R. Portas de St.º Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

AS AVENTURAS DE ZORRO

Com Franco Franchi

Para todos

QUARTETO — 771378
R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — 14.30, 16.45, 19, 21, e 23.30
OBSESSÃO
Interd. a men. 13 anos
SALA 2 — 14.30 16.45 19 21.15 e 23.30
A DAMA DO PRAZER
SALA 3 — 15, 17, 19, 21 e 23 horas
O TESTA DE FERRO
SALA 4 — 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Interd. a men. de 18 anos

RESTELO — 610375
Av. Torre de Belém

Às 15, 18.15 e 21.30

NEM GUERRA, NEM PAZ

Não acons. a men. 13 anos

ROMA — 887778
Av. de Roma, Lote JRB

2.ª semana
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h

A LEGIÃO ESTRANGEIRA
com Gene Hackman, Terence Hill e Catherine Deneuve

Não acons. a men. 13 anos

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.345 e 21.30 h

Interd. a men. 13 anos

Bruce Lee em

O REGRESSO DO TIGRE

SÃO JORGE — 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
(13 anos)

ANNIE HALL
em 4.ª semana
de Woody Allen
Melhor filme do ano
4 oscares

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
Não acons. a men. 18 anos
TENTAÇOES
Às 24.00 — Teatro
GUILHERME E MARINELA
de Agustina e Pedro Ramos
Não acons. a men. 18 anos

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Int. menores 18 anos
A grande emoção do ano

SUSPIRIA

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188

3.ª semana

Às 15.15, 18.30 e 21.30
O GRANDE MAGNATE
Não acons. a men. 13 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO)
Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
Richard Dreyfuss
Não acons. a men. 13 anos

VOX — 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h.

UM DIA INESQUECÍVEL
Com Sophia Loren
Não acos. menores 13 anos

PASSAGENS
de avião, barco ou comboio
PREÇOS OFICIAIS - reservas na Central de Passagens da
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 | Telef. 536121 | Lisboa 2

cinemas

Lisboa

VARIEDADES — «Aldeia da roupa suja», às 20.30 e 22.45 (18 anos).
MARIA VITÓRIA — «Alto e pára o baile!», às 20.30 e 22.45 (18 anos).
LAURA ALVES — «Calcinhas Amarelas», 20.45 e 22.45
TEATRO DO NOSSO TEMPO — «R.T.X. 78/24», às 21.30 (13 anos).
A.B.C. — «Põe-te na bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos).
ADOQUE — «Ora Vê Lá Tu», às 21.30 (18 anos).
TEATRO ABERTO — «O Caso da Mãozinha Misteriosa», às 21.45 (13 anos).

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO — «Paraíso Sexual, às 19.00,21.00 e 23.30 (18 anos)
PARIS — «O Caminho da Felicidade», às 21.00 (13 anos).
JARDIM — «A Rapariga Isolada», às 21.15 (18 anos).
COLISEU — «Os Terríveis», às 21.30 (13 anos).
CINEARTE — «Ivanhoe», às 21.30 (10 anos).
NOVO CINE — «Irmão Contra Irmão», às 21.15 (13 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «Um americano em Paris», às 21.30 (6 anos).
PAREDE — Royal Cine — «Bobby», às 21.15 (13 anos).
ESTORIL — Palácio — «100 Quartos em Barafunda», às 21.15 (13 anos).

Linha de Sintra

MEM MARTINS — Cine Chaby — «King Kong», às 21.15. (13 anos).
SINTRA — Carlos Manuel — «Os dois Missionários», às 21.15 (6 anos).

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Fuga no Século 23», às 21.15 (13 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Sofrimento de Amor», às 21 15 (13 anos).

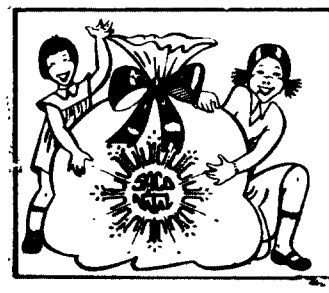
Porto,

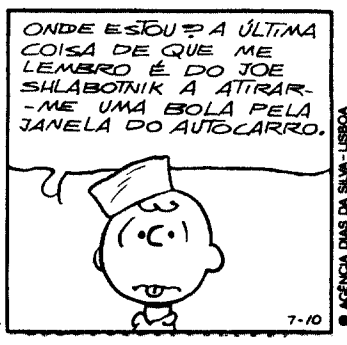
ESTUDIO FOCO — «Adopção», 21.30 (1? anos)
S. JOÃO — «Problema de Raparigas», às 21.30 (18 anos).
TRINDADE — «Encontros imediatos do 3.º grau», às 21 30 (13 anos)
COLISEU — «A Liceal», às 21.30 (16 anos).

SALA BEBE — «O Sorriso do Grande Sedutor», 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL — «Almas Condenadas», às 21.30 (13 anos).
VALE FORMOSO — «Ben Hur», às 21.00 (13 anos)
RIVOLI — «Crazy Horse de Paris», às 21.30 (13 anos).
ESTÚDIO — «Roleta Russa», às 21.30 (13 anos).
AGUIA DE OURO — «Passado Inesquecível», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Salão Elizabeth», às 21.30 (18 anos).
CHAPLIN — «O Regresso do Inspector Martelada», às 21.30 (13 anos).
JULIO DINIS — «Cavalgada Fantástica», às 21.30 (18 anos).
CARLOS ALBERTO — «Coração de Ferro», às 21.30 (13 anos).
BATALHA — «Ladrão que Rouba Ladrão», às 21.30 (13 anos).
OLIMPIA — «Texas Adeus», às 21.30 (13 anos).
ESTÚDIO 400 — «O Diabo Dentro Dela», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «A Honra Perdida de Katharina Blum», às 21.30 (18 anos).

Coimbra

AVENIDA — «O Herói do Regimento», às 21.30 (6 anos).
TIVOLI — «Herbi no Rali de Monte Carlo», às 21.30 (6 anos).
S. TEOTÓNIO — «França, Sociedade Anónima», às 21.30 (18 anos).
GIL VICENTE — «Os Carabineiros», às 21.30 (13 anos).


O SACO DE NATAL
Fungagá
é o bom e o bonito!
INSCREVA-SE JÁ!
CONTACTE-NOS NA
Av. 5 de Outubro, 77-4.º Dt.º
LISBOA Tel. 548369



DL
RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 654531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5 320271/2/3, 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21): PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Golpe contra a Democracia

Continuação da pág. 1

cisão grave não poderá deixar de ser objecto de reconsideração pelas instâncias superiores e de exame pelo Conselho Superior Judiciário, não consegue **libertar-se dos seus ressentimentos pessoais, e com a presente decisão assumiu uma tremenda responsabilidade. A defesa da Democracia não pode estar entregue a homens que não sentem os problemas deste Povo e desta Pátria.**

A atitude do juiz ficará registada nos anais desta Revolução cujo quartó aniversário hoje se comemora. Constitui uma advertência. Representa um imperativo. Urge democratizar o «Poder Judicial». O Governo e a Assembleia da República não podem ficar indiferentes. Terão que tomar medidas legislativas de defesa da Democracia e que, garantindo a independência da magistratura, a prestigiem, libertando-a dos aspectos da reacção e do fascismo.

Dos onze mandados de prisão que tinham sido emitidos só cinco puderam ser executados. Seis dos agressores do ministro Almeida Santos estão em fuga, contam com protecções, com cumplicidades. A decisão judicial que sabota as investigações e que faz dos agressores fascistas «heróis separatistas», cria uma situação gravíssima para o povo democrático dos Açores e para a Democracia portuguesa.

«TRIBUNAL DE OPINIÃO PÚBLICA»

«É grave que factos destes possam ter acontecido», disse Mário Soares, referindo-se à libertação dos suspeitos de agressão a Almeida Santos, no decurso de um jantar de homenagem a José Magalhães Godinho, promovido pela secção de Alcântara do Partido Socialista.

O Primeiro-Ministro pormenorizou que o juiz responsável pela resolução é retornado. «O veredicto», disse, «não pode desprestigiar toda uma classe que tem de ser respeitada.»

Disse ainda Mário Soares que «sem uma magistratura verdadeiramente independente não se pode consolidar uma verdadeira democracia». E terminou afirmando que se for necessário o Partido Socialista apelará para «um tribunal de opinião pública e de consciência nacional».

«DEFENDER LIBERDADE CONQUISTADA»

Por sua vez, na Guarda, o ministro Almeida Santos, ao agradecer a homenagem de que foi alvo no decorrer dos trabalhos da Assembleia Municipal daquela cidade, e ignorando ainda a libertação dos seus presumíveis agressores, disse:

«Temos que defender a liberdade que conquistámos e não podemos deixar que a violência volte a instalar-se em Portugal para destruir essa mesma liberdade.»

Referindo-se ao ambiente açoriano, disse Almeida Santos:

«Todos os partidos têm que estar unidos, num programa comum de defesa da nossa soberania, onde quer que ela tenha sido posta em causa.»

Entretanto, em Ponta Delgada, a companhia de intervenção da Polícia de Segurança Pública, que, desde há dias, se encontrava estacionada em S. Miguel, foi rendida — indica um comunicado da Presidência do Governo Regional.

Auto do 25 de Abril

A figura do 25 de Abril, uma República com arma à bandoleira e empunhando um ramo de cravos vermelhos, ocupa o centro da eira e dirige-se ao pastor, com voz severa:

. — Onde estavas tu que não me viste?

. — Estava já a pé, a rilhar uma côdea de pão. Enquanto abria os currais, olhava as estrelas desmaidas que faziam adivinhar a manhã que se aproximava.

O 25 de Abril perguntou com voz ainda mais severa a um antigo agente da PIDE:

. — Onde estava tu que não me viste?

. — Estava em Caxias, a interrogar um preso renitente.

Depois de suspirar, o 25 de Abril encarou o Grande industrial:

. — Onde estava V. Ex.ª que não me viu?

— V. Ex.ª está muito enganado — respondeu o grande industrial compondo a gravata de seda. Reconheci-o perfeitamente pelo monóculo.

— Eu não uso monóculo! — indignou-se o 25 de Abril.

Mas já usou. Já usou. E isso é que nos deu tempo a respirar!

Nisto surge o revolucionário, seguido do povo e exclama:

. — Aquele é que é o 25 de Abril.

O povo, em coro, comenta:

. — Não pode ser. Os cravos estão murchos!

. — É natural — diz o revolucionário. Já passaram quatro anos. Mas tirai-lhe as flores secas e ide buscar um ramo de espigas.

O povo dispersa, pressuroso, em busca de espigas gradas para o ramo do 25 de Abril.

Ao longe ouve-se uma melodia, que tanto pode ser a «Grândola», como a «Internacional», ou o simples trinado de um rouxinol.

MANUEL DE AZEVEDO

Mensagem de Eanes

«As Forças Armadas são instrumento do Povo Português ao serviço da Independência Nacional, da integridade do território e das conquistas democráticas tal como a Constituição livremente aprovada as define», sublinha o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, na mensagem que esta manhã foi lida às forças militares em paradas comemorativas do 4.º aniversário do 25 de Abril em Lisboa, Porto, Coimbra e Évora.

O CEMGFA refere na sua mensagem os desvios ocorridos ao longo dos quatro anos desde a libertação do Povo Português, para acentuar que os militares não se deixarão manipular por aqueles que agora os procuram instrumentalizar para objectivos que não conseguiram pelo voto popular. Finalmente, e depois de acentuar de novo a «missão histórica» das FA na defesa da Independência Nacional, da integridade territorial (alusão ao separatismo nos Açores e Madeira) e da defesa da «livre expressão das opções políticas» Ramalho Eanes reafirma que os militares saberão cumprir «com dignidade e honra» tal missão.

Na tribuna em Lisboa, na Praça do Império, estavam presentes membros do CR, do II Governo Constitucional, presidente do STJ e figuras militares e civis.

AS PRIMEIRAS COMEMORAÇÕES

As primeiras horas de hoje eram ainda muitas as pessoas que pelas ruas da capital comemoravam o Dia da Liberdade, afirmando com a sua alegria que o 25 de Abril está vivo.

Na Praça do Comércio em Lisboa, alguns milhares de pessoas deram aso à sua alegria desde as últimas horas da tarde de ontem até às primeiras horas de hoje. «Slogans» como «25 de Abril sempre!» e, em desafio, «Afinal como é, o 25 de Abril está de pé» pontuavam rodas que se faziam ao som da «Grândola» ou filas que se improvisavam e rompiam entre a multidão que assistia ao espectáculo popular que ali decorreu. Algumas figuras conhecidas, da política e do Governo, encontravam-se presentes. Vimos Octávio Pato, Lopes Cardoso, Carlos Costa, António Arnaut e muitos outros terão passado despercebidos do reporter.

Mas não foi apenas à Praça do Comércio que Lisboa ontem acorreu. Noutros pontos da capital, em iniciativas partidárias ou órgãos autarquicos, de comissões de moradores ou produto da espontaneidade popular, o 25 de Abril esteve igualmente presente, Frente ao centro de trabalho do PCP na Avenida da Liberdade concentraram-se centenas de pessoas, enquanto num «ecran» gigante montado na fachada do do edifício eram projectados filmes evocativos de algumas das grandes datas da Revolução, começando pelo 25 de Abril e pelo «primeiro» 1º. de Maio. Na Alameda Afonso Henriques também se festejou o 25 de Abril por iniciativa de uma comissão promotora das comemorações populares.

No Norte, no Porto, largos milhares de pessoas desceram também às ruas, concentrando-se sobretudo na Praça Humberto Delgado onde dois grandes painéis proclamavam «Fascismo nunca mais!» e «25 de Abril sempre!». Na Câmara Municipal seria inaugurada pelo governador-civil, Cal Brandão, e pelo presidente da edilidade, Aureliano Veloso, uma exposição sobordinada ao tema «25 de Abril — da Resistência à Liberdade». Na Avenida dos Aliados fanfarras soaram toda a noite, acompanhando a alegria da multidão ali concentrada. Outros locais onde a capital do Norte comemorou as primeiras horas do 4º. aniversário do 25 de Abril foram a Praça da Liberdade e junto ao mercado Ferreira Borges.

Em Coimbra, no Parque da Cidade, junto ao Mondego, um convívio popular concentrou as atenções da população. Grupos artísticos actuaram durante a noite e, às 24 horas, procedeu à queima simbólica do 24 de Abril. Cerca das 22 horas grupos afluiram para a «baixa» da cidade, cantando «Grândola, Vila morena», e vitoriando o 25 de Abril.

Noutros pontos do País o Dia da Liberdade começou também a ser ontem comemorado. Foi o caso de Setúbal, de Faro, de Beja, de Évora, de Braga, de Viseu, de Vila Real, de, enfim, praticamente todo o País, sendo impossível obter já hoje um balanço de todas as iniciativas.

Fundo EFTA para Portugal durante dois dias em Lisboa

Decorre a partir de amanhã em Lisboa, prolongando-se até ao dia 28, a IV Reunião da Comissão Directiva do Fundo da EFTA para o Desenvolvimento Industrial de Portugal.

Amanhã regista-se a chegada dos representantes dos Estados membros do Fundo e do Secretariado da EFTA, incluindo o seu secretário-geral adjunto, Arne Langeland.

Durante a sua estada em Portugal os membros do Fundo efectuarão visitas a diversas empresas por ele financiadas realizando-se no dia 28 uma reunião da Comissão Directiva nas instalações da Fundação Gulbenkian.

Freitas do Amaral regressa da Áustria

..Já como membro da recém-criada União Democrática Europeia, Freitas do Amaral, presidente do CDS, regressou esta madrugada a Lisboa, vindo da Áustria, onde 18 países reuniram nos últimos dois dias para formarem uma frente internacional de direita. À sua chegada Freitas do Amaral não fez declarações.

A UDE, que no acto da fundação contou com a presença de representantes da direita legal de Portugal, Áustria, Inglaterra, Dinamarca, Finlândia, França, República Federal Alemã, Grécia, Itália, Malta, Noruega, Espanha, Suíça Suécia e Islândia não conseguiu levar o maior partido democrata-cristão europeu a aderir (o italiano) nem os seus congéneres do Benelux, todos denunciando a presença nesta frente de partidos demasiado à direita.

Em próximos actos eleitorais o CDS poderá entretanto contar com o apoio financeiro da UDE.

ELOGIO DO ANTIGO REGIME

Os problemas suscitados por declarações de Custódio Guerreiro e Freitas do Amaral no recente encontro de núcleos socioprofissionais do CDS, em Setubal, foram objecto de comunicados deste partido, que pretende desmentir que tenha havido contradição entre as intervenções daqueles dois membros e mesmo que no referido encontro alguém tenha feito a apologia do regime fascista.

Segundo o CDS o que Custódio Guerreiro teria feito foi um ataque ao pós-25 de Abril, designadamente ao «gonçalvismo». O desmentido «centrista» surge depois de toda a Imprensa, incluindo mesmo a considerada próximo das posições daquele partido, ter denunciado o que se passou no encontro, nomeadamente o teor dos ataques desferidos por Custódio Guerreiro.

Imprensa açoriana assinala condignamente o 25 de Abril

PONTA DELGADA, 25 — Sob o título «Data Gloriosa», o matutino micaelense «Correio dos Açores» escreve hoje, ao alto da primeira página, que «as Forças Armadas demostraram no 25 de Abril a sua inequívoca vocação nacional. Respeitando e interpretando a vontade do povo português, intervieram no momento preciso e abriram o caminho da concórdia. Disciplinadamente. Intrepidamente. Desinteressadamente».

Mais adiante, o jornal acrescenta que «a juventude e a mocidade dos oficiais, sargentos e praças ofereceu à Nação a maior oportunidade deste século».

Por seu turno, o «Açores», o outro matutino de Ponta Delgada, observa, também ao alto da primeira página, que «sem dúvida que, para os Açores e os açorianos, o 25 de Abril trouxe a primeira consagração da autonomia no texto fundamental do País: a Constituição».

«Foi o Movimento de 25 de Abril, impulsionado pelos capitães — acrescenta — que veio permitir ouvir-se, na primeira câmara parlamentar eleita livremente em Portugal ao fim de cinquenta anos, a voz dos legítimos representantes do povo açoriano.

A concluir, o mesmo jornal escreve: «Nunca poderemos nós, açorianos, esquecer que o 25 de Abril nos abriu as portas da autonomia constitucional. Mesmo que fosse só por isto, o dia de hoje será um dia de alegria».

Aldo Moro

Continuação da pág. 1

especificar: «As exigências dos terroristas são inaceitáveis porque vão contra a liberdade de todos e contra a ordem jurídica da República».

Depois desta decisão do governo, foi recebida mais uma carta de Aldo Moro, encontrada na sequência de um telefonema anónimo dirigido ao jornal «Vita Sera». Aldo Moro escreve «estamos na altura da matança», «quase na hora zero», «mais a segundos que a minutos dela». A seguir condena a intransigência defendida pelo PCI e ataca sobretudo os seus correligionários membros do Governo, declarando. «Não absolverei ninguém. Não aceito a iniqua sentença da DC, não justificarei ningm. Nenhuma razão política ou moral poderá obrigar-se a fazê-lo». Por fim, Moro pede que no seu funeral não participem nem «personalidades de Estado nem homens do Partido».

CRAVOS DE ABRIL: FORA, JÁ!

Esta foi a «Revolução dos Cravos». Balas rubras de fraternidade nas espingardas que venceram sem disparar tal era a força da vontade popular, tal era o isolamento da tirania. E os cravos ficaram na memória e na «imagem de marca» desta Revolução.

Não podemos acreditar que se tenha feito saber aos artistas dos serviços competentes que o cartaz oficial do 25 de Abril não deveria ter cravos.

Não os tem.

Soares à «France-Inter»

Evocando o 4.º aniversário da Revolução de Abril, Mário Soares disse ontem à noite aos microfones da «France Inter» que os ideais de então continuam a animar Portugal. Soares defenderia, contudo, e mais uma vez, o adiamento do socialismo alegando que a sua edificação neste momento em Portugal equivaleria a criar um «socialismo de miséria» devido às condições económicas do País.

Para o Primeiro-Ministro português e secretário-geral do Partido Socialista é necessário criar as condições para que exista uma certa abundância, a fim de se poder caminhar, em seguida, para uma forma evoluída de justiça social. A primeira prioridade consiste, para Mário Soares, em relançar a economia para «consolidar a democracia e somente em seguida se pode pensar no socialismo».

A rejeição de uma coligação com o Partido Comunista foi mais uma vez expressa, embora defendendo a manutenção de boas relações entre os dois partidos.

Contrastando com recentes declarações, Mário Soares já admite que «haja descontentamento no Povo» (recorde-se que ainda há pouco tempo o Primeiro-Ministro afirmava não haver sinais nsse sentido) mas insistiu em que a generalidade da população «compreendeu que devia fazer sacrifícios para salvar o País».

Tiragem deste número especial
50.000 exemplares
Hoje 28 páginas

HOTEL DA LINHA DO ESTORIL

Terreno, no Monte Estoril para Hotel de Categoria 3 estrelas, para 124 apartamentos , compostos de quarto, sala comum, kitchnet, quarto de banho e hall, sauna para Homens e Senhoras, Restaurante, Snack Bar, como complemento da Piscina.

Licenças pagas. Pronto a Construir.

Trata Predial Delma, Av. Ant.º Augusto Aguiar, 150 - 1.º Esq. tel: 578231

25.4.74/25.4.78

QUATRO ANOS DE CULTURA EM PORTUGAL

TEATRO DE ABRIL (E NÃO)

Carlos Porto

Cristina Reis inventa para um espaço europeu — «Ah Q»

O teatro de Abril começou, manhã cedo, no primeiro dia de Liberdade, quando todos nós deixámos o (des)conforto dos nossos lugares de espectadores e fomos para a rua criar/participar no maior «happening» que Lisboa conheceu. Momento em que cidade e teatro, povo e teatro se encontraram se deram as mãos, foram um no outro. «Então, quando dezenas de jovens ocuparam os blindados das Forças Armadas que, aliás, ainda não tinham acabado a sua maravilhosa missão, Lisboa, além de outras cidades viveu inconscientemente esse gigantesco «happening» que foi um espectáculo incomparável com outro qualquer porque acontecia simultaneamente com o próprio acto militar/político da libertação do País. Podemos mesmo considerar que em certos momentos os espectadores (os populares) ultrapassaram os actores (os militares) impulsionando a actuação destes, contribuindo para a sua radicalização, impedindo até que fossem atacados (como aconteceu no Carmo).

Sem se dar por isso, milhares de pessoas encontraram-se nas ruas, deram-se as mãos, os olhos, os sorrisos encontraram finalmente as palavras que tinham esquecido ou que nunca tinham aprendido, nasceram desse ventre imenso é inefável que é a vida em liberdade e em verdade. Ocupando os tanques — **estão vestidos de gente. Transformaram-se em carne viva através da cidade. Vão como se fossem para a grande festa, para o encontro marcado há muito** (como escreveu Mário Castrim); oferecendo pão e cravos aos soldados que era os guardadores da liberdade e da justiça; destruindo os veículos que eram como animais de ódio e pondo letreiros em estátuas derrubadas (o que foram muito concretamente actos de «happening» ocupando antros onde a vida cheirava a ratos (censura, pide, etc.); cantando as canções do amor claro, das madrugadas azuis, das mãos abertas as canções proibidas; gritando «slogans» improvisados; simplesmente estando uns com os outros — o povo de Lisboa (como o de outros sítios) foi um actor colectivo que nenhum homem de teatro, nenhum crítico poderá conceber».

Quis evocar estas palavras escritas há muito (há tanto?) para melhor me situar neste momento em que é necessário recordar mais do que uma data — o itinerário contraditório que dela guardamos.

O teatro de Abril foi a mão que escreveu as apalvras espantosas com que sonhávamos e pelas quais a censura (pelo menos uma delas e a pior) era pura, simples e irremediavelmente abolida.

Abriram-se os microfones .. e pudemos falar; abriram-se os espaços e pudemos actuar. Aí estava o teatro do (nosso) Abril: a palavra e o gesto, o pensamento e o acto em liberdade.

Reunimo-nos em sítios vários, actores, escritores, técnicos, críticos, espectadores, e dissemos sem temor o que deveia ser o teatro, o que queríamos que o teatro fosse. Em festa, participámos do cortejo em que actores julgavam enterrar o monopólio — mas o monopólio aguentou de pé firme e de tal maneira que já inunda Madrid com as suas piscinas (nem tudo é Abril).

Sonhadores, porque não há realidade digna que não comece por ser um sonho, encontramo-nos, alguns de nós, semana a semana, continuando a discussão que vinha da clandestinidade (por exemplo: do Congresso de Aveiro). Semana após semana, noite após noite, debatemos e redigimos as bases de uma lei que, pensávamos, permitiria transformar o teatro num autêntico serviço público. Falámos mesmo, com a timidez que as circunstâncias impunham, na hipótese da nacionalização do teatro. E quanto revolucionários havia então no teatro! Centenas, como o demonstram documentos que possuímos.

Desta febre do discurso, desta guerra (pacífica) de acção, algumas coisas nasceram, algumas coisas ficaram. O Centro Cultural de Évora, é um exemplo; a expansão do movimento do teatro de amadores, outro; e o enriquecimento do único teatro profissional que temos digno desse nome, o dos grupos independentes.

Vejamos, um pouco mais de perto. O Grupo 4 inaugurou o seu teatro e estreou um exemplar, inesquecível Brecht («Círculo de Giz Caucasiano»). A Comuna ampliou e aprofundou as suas experiências: de «A Ceia» até à «Mãe», um itinerário coerente, um trabalho colectivo que consegue a osmose entre a expressão corporal e vocal e o conteúdo político, entre didáctico e o dialéctico, através formas de grande poder criativo. O Teatro de Campolide passou de amador a profissional e viu, finalmente, reconhecdio o seu labor prolongado por um teatro de qualidade e de combate ao serviço das classes trabalhadoras. O Teatro da Cornucópia transformou-se, e com a entrada de Cristina Reis criou dos mais belos e inventivos espaços do teatro europeu: assim surgiram «Ah Q», «Tambores na Noite», «Casimiro e Carolina» — uma trilogia sem paralelo no teatro português do após-guerra.

Nos Cómicos, Ricardo Pais explode com «As Cuecas», do germânico Carl Sternheim, com «A Mandrágora», de Maquiavel, que finalmente se estreou em Portugal; com «Matinées Mágicas», de Wolfgang Bauer. Na Cornucópia e nos Cómicos um novo encenador (universitário) surge: J.A. Osório Mateus que dirige (e de que maneira) dois espectáculos excelentes: «O Treino do Campeão Antes da Corrida», de Michael Deutch, e «A Guarda», de Beniamino Jappolo. Além disso, Osório Mateus (que prepara um novo espectáculo com um novo grupo) publicou «Escrito do Teatro», que é uma das poucas coisas inteligentes e actuais (discutíveis) que sobre o assunto se tem escrito em português.

Outros grupos trabalharam, mais ou menos bem, com maior ou menor interesse, procurando sempre fazer um teatro que se integrasse num País em evolução e ebulição. Teatro Experimental de Cascais, Teatro-Estúdio de Lisboa, que vai reaparecer depois de uma suspensão que dificuldades de toda a ordem explicam, Os Bonecreiros, que outras dificuldades vieram suspender apesar de um passado tão importante, Seiva Trupe, Teatro Experimental do Porto, A Barraca, que se renovou com a entrada de Augusto Boal, A Centelha, que lá anda por Viseu, descentralizando...

Um dramaturgo que vinha de um «absurdo» muito seu, converteu-se a um teatro político de intervenção directa, já implícito, aliás, nesse «absurdo». Com «Os Preços» e Inauguração da Estátua», Jaime Salazar Samapio coloca-se aqui, neste teatro de Abril, com a sua melhor arma, a sua escrita (como outros: Carlos Coutinho, Bernardo Santareno, Ary dos Santos, Augusto Sobral, etc). E o teatro de Abril nunca deixará de ser (imagem pessoal) a visão das mãos brancas de uma uma jovem jornalista da RFA apertando durante todo um espectáculo, precisamente com uma peça de Salazar Sampaio, as mãos escuras e encarquilhadas de uma velha camponesa transmontana.

Mas o melhor discurso teatral sobre a Revolução portuguesa veio de um francês, sentimentalmente português pelo casamento e pelo amor pelo nosso Abril: falo das «Quatro Fábulas sobre a Revolução Portuguesa», de Richard Démarcy e Teresa Mota.

O teatro do Não-Abril foi o poeta do cachimbo transformado em secretário da Cultura, homem que não gosta de teatro e tentou acabar, tolo ou sabidão, com os grupos independentes, o teatro de Abril foi a reacção destes e dos dez mil espectadores que se juntaram na FIL numa jornada de luta sem paralelo no sector.

Teatro de Abril, nas Caldas da Rainha, num espantoso «Canto de Fantoche Lusitano» feito por amadores, ou aquela gente admirável da Trafaria, como esse admirável homem de teatro que é Rogério de Carvalho, recriando maravilhosamente «As Três Irmãs», de Tchekhov; teatro de Abril numa aldeia de Viseu onde a apresentação da peça de Dorst «A Curva» leva a população a resolver o problema de uma estrada que se arrastava há anos.

No Teatro Maria Matos, Artur Ramos, teimoso, remou contra a maré representando os autores portugueses: por lá passaram Santareno, Manuel da Fonseca, Miguel Franco. Mas, como já se percebeu, nem tudo é Abril eis Artur Ramos na rua, como na rua foi posto o programa da RTP de Fernando Midões. Do teatro comercial, um grupo de actores, bailarinos, técnicos, organizaram uma cooperativa: aí está o Ádoque, a renovação da revista num país que quer ser (mas não deixam) novo. Sei: nem tudo é Abril no teatro (como de resto) português. Aí estão as últimas revistas do Maria Vitória e do ABC para o demonstrar. Mas aí está, de Abril, Ivone, a maior.

Muita gente passou pelo palco de Abril; muitas palavras e muito silêncios. Muita alegria e alguma tristeza. Quatro anos de sucesso e de fifias. Não tive a pretensão de trazer todos os nomes nem todos os acontecimentos. Falei, ao fim e ao cabo, de símbolos. O teatro português, o que nele há de melhor, de mais autêntico e vivo e coerente, continua a fazer o velho gesto do Zé Povinho aos que se vendem por um prato de lentilhas (ou pelo nome do cartaz ou pelo Mercedes), aos que não perdoam a liberdade o ter-lhes posto à mostra o que neles havia de falso, o rabo fascista que fingidamente democratas, pretendiam ocultar. O melhor teatro português, como o que há de melhor neste País, continua em Abril. E o melhor elogio que lhe podemos fazer.

«O círculo de giz caucasiano», de Brecht, obra do Teatro Aberto para o português ver como é

QUE CINEMA DESDE ABRIL?

Jorge Leitão Ramos

A 25 de Abril de 1974 o cinema português saiu para a rua em duas frentes: por um lado gravar em película os acontecimentos, por outro ocupar os locais de poder. (Instituto Português de Cinema, Cinemateca, Direcção de Censura). No dia 29 tais objectivos estavam a ser plenamente alcançados e no dia 1 de Maio foi já possível ver equipas organizadas de cineastas filmando a Libertação (filme que, oh! andanças do destino, nunca foi exibido comercialmente).

Ainda em Maio (25) César Monteiro, na sua proverbial incomodidade e lucidez, escreveria no «Cinéfilo»: «É preciso afiar, quanto antes, o dente cinematográfico para que o cinema seja capaz de triturar, digerir e cagar a realidade. Só assim poderá ter uma função transformadora. Se o cinema não correr mais veloz que a realidade, corre o risco de se subjugar como um pálido reflexo. Estou profundamente convencido que, infelizmente, esse cinema neoparasitário será o cinema dominante na sociedade portuguesa como, aliás, sempre foi, aqui e em toda a parte.» E (a 26/6/74, ainda no «Cinéfilo») Eduardo Geada interroga-se: «Aqui entre nós, modestamente, não vejo como um cinema, antes da revolução, possa ser um cinema revolucionário. Quer isto dizer, no campo social dos problemas específicos que dizem respeito ao cinema, que se os realizadores são agora, aparentemente, livres de fazer os filmes que querem, fica por saber com que meios (onde estão os produtores? O que vai ser do Instituto Português de Cinema? E o famigerado Centro Português de Cinema?) e ao serviço de quem e de quê vão eles fazer os filmes».

Entretanto, ainda em Maio, um importante documento (da autoria de Fonseca e Costa e de Luís Galvão Telles) propunha uma base programática para a organização do IPC. Trata-se de «Situação do Cinema em Portugal na Queda do Fascismo» onde se avançam as primeiras ideias para a constituição de um novo poder na esfera do cinema.

As duas frentes estavam lançadas: Por um lado o poder (sobretudo ao nível do IPC), por outro a(s) prática(s) fílmica(s). Um combate que permanece.

Foi sobretudo nas esferas do poder (luta que acompanhou e por vezes foi vanguarda na luta mais geral ao nível de toda a sociedade portuguesa) que as questões mais agudas se levantaram. Nunca por nunca foi possível ultrapassar as querelas partidárias e os interesses pessoais na definição do que seriam a estrutura e a gestão do IPC. Um a um passaram os ministros e os governos (e os regimes?) e sempre tudo foi ficando mais ou menos na mesma. Hoje, quatro anos depois, é ainda no IPC que se centram os conflitos fundamentais.

Quanto às práticas fílmicas a mudança foi importante mas não decisiva. A experiência voluntarista e irreflectida de «ir ao povo e dar-lhes a palavra» (prática seguida sobretudo em inúmeros trabalhos para a RTP) quase não deixou rasto e os discursos imediatamente políticos revelaram que as afirmações de César Monteiro eram exactas e proféticas. É curioso que tenha sido num outro âmbito (o da ficção ou o da ficção documental) que alguns sólidos passos tenham sido dados; filmes como **Que farei com esta espada?** de César Monteiro, **Trás-os-Montes** de António Reis e Margarida Cordeiro, **Ruínas no interior** de Sá Caetano, **Os demónios de Alcácer-Kibir** de Fonseca e Costa ou **A Santa Aliança** de Eduardo Geada atestam que algo de profundo mudou, que algo de novo nasceu. E, no campo da intervenção política directa, é revelador que tenha sido necessário o tempo de refluxo para ver surgir obras maduras e estruturadas (**A lei da terra** do Grupo Zero, por exemplo).

Mas, não tendo sido resolvida a questão do poder, a situação básica não mudou muito. Continua em vigor (cada vez mais em vigor?) a Lei de Cinema 7/71 sem que os seus pontos positivos tenham sido, sequer, postos em prática (a reserva de mercado, por exemplo). Continua por criar um circuito alternativo onde um certo cinema português pudesse ser visto e discutido. O filme português está ainda fadado a ser parente pobre e (mal) tolerado da produção estrangeira com a qual, em termos de livre mercado, é impossível concorrer. O IPC burocratizou-se e tornou-se uma pesada e pouco eficaz máquina administrativa. A distribuição e exibição privadas (ligadas directamente às multinacionais americanas) fortaleceram-se e nenhuma intervenção moralizadora e proteccionista (como a referida reserva de mercado) houve nesse campo.

Quatro anos depois, nós por cá não vamos nada bem.

«Os demónios de Alcácer-Kibir», de Fonseca e Costa

António Reis, co-autor, com Margarida Cordeiro, de «Trás-os-Montes»

«A santa-aliança», filme de Eduardo Geada

ALVORADA EM ABRIL

2.ª EDIÇÃO

Otelo Saraiva de Carvalho

Prefácio de EDUARDO LOURENÇO

Da resistência e da guerra colonial ao 16 de Março e 25 de Abril, "o quem é quem" desmistificador do filme de um tempo que continua em aberto

uma edição

LIVRARIA BERTRAND Apartado 37 — Amadora

10 de Junho de 1974: fracção do mura

por **Alice Jorge, Ana Vieira, Ângelo**

Rosa, David Evans, Eduardo Nery,

Fernando de Azevedo, Helena Alme

João Vieira, Jorge Martins, Jorge

Pereira, Júlio Pomar, Lima de Carva

Pereira, Nikias Skapinakis, Nuno de S

René Bertholo, Rogério Ribeiro, Sá

Vítor Palla

colectivo do Mercado do Povo, assinado
de Sousa, António Domingues, Artur
Escada, Eurico Gonçalves, Fátima Vaz,
da, Henrique Manuel, João Abel Manta,
Ribeiro, José Dias Coelho (filho), Júlio
ho, Manuel Baptista, Maria Velez, Moniz
ampayo, Palolo, Parente, Querubim Lapa,
Nogueira, Sérgio Pombo, Vítor Fortes,
e Vespeira

O 25 DE ABRIL E O TRABALHO DE UM COMPOSITOR

Mário Vieira de Carvalho

A propósito do 25 de Abril em música, é inevitável falar de Fernando Lopes-Graça. Toda a gente sabe porquê. Poderá haver até quem pense que o tema já está gasto e preferisse ver aqui abordados hoje, 25 de Abril de 1978, outro ou outros aspectos. Mas não: de tal forma Lopes-Graça tem ligado o destino da sua obra (e da sua vida) ao destino deste povo que falar do seu trabalho de compositor é conhecer da música em Portugal, é reconhecer a problemática do País na problemática artística, é compreender como o seu caso típico, no que se cumpriu e no que se frustrou, é o nosso próprio «caso colectivo».

Muito trabalho quotidiano... eis o 25 de Abril deste compositor

Da redacção do «DL», uma destas manhãs, telefono:

«Faz favor...» responde como habitualmente Lopes-Graça do seu «posto de trabalho» (permitam-me que lhe chame assim) na Parede. Saúdo-o e digo-lhe o que pretendo: a lista das obras que escreveu desde o 25 de Abril.

«Mas quer isso já, pelo telefone?»

«Se for possível e não lhe der muito trabalho...» arrisco.

Não esperei um minuto. A lista estava pronta, actualizada, no borrão do seu «catálogo». Assim, por géneros, tal qual o autor ma ditou:

Obras corais: «Parábola do Samaritano (ou a Morte do Carvoeiro)» (poema de José Terra); «Acorda, meu Povo» (textos de Maria da Purificação, poetisa popular de Santarém); «Recordação de Catarina: I Choro; II Natal na Planície; III Catarina-Rosa-Flores» (poema de J. Ferreira Monte); «Canto da morte de todos os militantes de esquerda assassinados pela PIDE» (poema de J. C. Ary dos Santos); «Dois coros do Cântico dos Cânticos de Salomão: I Quam pulchri sunt...; II Quae est ista quae ascendit...»; «Os mortos do Tarrafal» (poema de Maria da Purificação); Canções Regionais Portuguesas (vários arranjos, segundo documentos autênticos, cujos títulos me dispenso de enumerar aqui). **Música de câmara**: «Tre Capriccetti», para flauta e guitarra; «Duas árias», para flauta solo; «Dois movimentos» para flauta solo; «Quatro peças em suite» para violeta e piano (dedicadas a Ana Bela Chaves); «Sonata n.º 5», para piano (dedicada a Olga Prats); «Música de piano para as crianças» (colectânea); «In memoriam Bela Bartok» (1.ª e 8.ª suites para piano); «Mornas caboverdianas», para piano (dedicadas ao povo da República de Cabo Verde); «Duas Canções de Bernardim Ribeiro» (canto e guitarra) «Canções do 25 de Abril», para canto e piano (7.º caderno das canções heróicas, sobre poemas de Armindo Rodrigues, José Maria Amado, Ferreira Monte, Ary dos Santos, Orlando da Costa e Gabino Alejandro Carriedo); Três canções para o ciclo «Mar de Setembro» sobre poemas de Eugénio de Andrade (4. Ostinato; 5. A tua sombra; 6. Espelho); Quatro canções para o ciclo da «Clepsidra», de Camilo Pessanha (3. Passou o Outono já; 6. Voz débil que passas; 7. Quem poluiu, quem rasgou os meus lençois de linho; 8. Ao longe os barcos de flores); **Orquestra**: «Fantasia sobre um canto religioso da Beira Baixa», para piano e orquestra.

A lista não estava, porém, ainda esgotada. Com a sua preocupação de precisão, foi então a vez de o compositor me telefonar para acrescentar mais estas: **Suite Rústica n.º 3**, para banda (encomenda da Secretaria de Estado da Cultura); **Grândola, Vila Morena**, versão coral; novos arranjos corais das «heróicas». E para confirmar que tem entre mãos um **Requiem** (sobre o texto litúrgico) dedicado às vítimas do fascismo: a obra, encomendada pela SEC, destina-se a solistas, coro e orquestra; já se encontra esboçada, devendo ter uma duração de cerca de 45 minutos.

Para quando a recompensa histórica a que Fernando Lopes-Graça tem direito?

Mas houve ainda as múltiplas digressões do Coro da Academia de Amadora de Música, os concertos no País e no estrangeiro (nomeadamente na URSS), as gravações, a preparação das obras literárias em curso de publicação, a militância cultural e cívica. O 25 de Abril significa para Lopes-Graça isto mesmo: muito trabalho quotidiano. O que ele tem feito é o espelho do que se não tem feito: no Conservatório que o impediu de ensinar nos anos trinta e se excusou de reintegrá-lo (mesmo formalmente, como reparação moral e material) depois de Abril de 74; no ensino da música em geral, desorganizado e medíocre; na difusão da música portuguesa através das edições impressas, do disco, dos concertos da rádio e da TV; na política cultural, contraditória, senão inexistente.

As encomendas da SEC a Lopes-Graça e a outros compositores portugueses têm um significado positivo; têm-no, igualmente, as edições em disco que por aquele departamento estão a ser planeados. Teve-o, enfim, o oficial e geral reconhecimento do valor da obra multímoda do autor do **Canto de Amor e de Morte**, por ocasião do seu 70.º aniversário. No entanto, as instituições musicais (públicas e privadas, como a Gulbenkian) não foram abaladas nos seus alicerces, na sua paz podre, na sua rotina mais ou menos obscurantista.

O que dói, e bem fundo, é que ao fim de mais de cinquenta anos de trabalho, Lopes-Graça não tenha ainda recebido a compensação histórica por que vem lutando, por que lutaram com ele homens como António Sérgio e Bento Caraça: fazer do seu potencial de resistência revolução activa, levar ao Poder a **mentalidade** nova que quer transformar o mundo. Aberta a esperança do 25 de Abril, estes quatro anos de retrospectiva, na música, como no resto, são ainda afinal quatro anos de resistência: resistência secular, isto é, a alternativa única para a gente criadora deste País, votada eternamente, ao que parece, a sua condição atávica de Oposição.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE TELEBIXÃO

Mário Castrim

«Televisão é um processo electrónico que permite transformar a luz reflectida pelos objectos em impulsos eléctricos e enviá-los para outro lugar onde são retraduzidos em imagens.»

Esta é a definição tão simples de uma coisa tão complicada. Tudo começou em 1817 quando o sueco Berrelins reparou que a luz alterava a capacidade do selénio em deixar passar uma corrente eléctrica.

Portanto, a culpa não é do Parente, nem do Balsinha, nem do Tomás Rosa. Quando quiserem culpar alguém, culpem o Berzelius.

TANTO MAIS QUANTO MENOS

«O carácter político do **processo-TV** não pode ser esquecido em momento algum, especialmente na abordagem de problemas em que ele não se manifesta de forma evidente, pois ao estar oculto torna-se mais esquivo à percepção do observador.

«O **processo-TV** é sempre político, porque actua ao nível do sistema social, estando intimamente ligado às estruturas económicas e ao Poder. Ter isto em mente é fundamental para quem se dispõe a analisar a televisão como meio de comunicação de massa.»

As palavras são de João Rodolfo do Prado, no seu livro «TV quem vê quem». Aprendamos leitores, que a televisão é tanto mais política (e tanto mais perigosamente política) quanto menos política parecer.

TELEPITÁFIO

Os meios de comunicação, particularmente a TV, podem causar certas perturbações, ou disfunções, se proferirem. Por exemplo: a **ansiedade**, a **privatização**, a **apatia**.

As imagens demasiado cruas, as notícias não criteriosas, o carregar nas tintas negras, etc, podem provocar a **ansiedade**. Ao dar ênfase aos raptos, aos atentados, às violências, aos desastres, a televisão portuguesa tem contribuído para criar um estado de medo.

O excesso de informações precárias, anedóticas, superficiais, oficiais, oficiosas, tortuosas, etc levam o indivíduo saturado a fugir-lhes, a refugiar-se na sua vida privada, a desinteressar-se dos problemas sociais.

Os **Telejornais** da Televisão portuguesa têm vindo cada vez mais a empurrar o espectador para a privatização.

O telespectador age consoante os estímulos que revele. Se o noticiário não lhe diz respeito, se o afoga em generalidades, o indivíduo torna-se apático.

Experimente cada um dos leitores, após o **Telejornal**, saber o que, com vista à acção ou à cultura, a memória reteve dele. Ficará mais no conhecimento da sua época se souber que se deu não sei onde um desastre com seis mortos? Que o inverno foi rigoroso na Califórnia? Que se efectuou uma reunião para se escolher três representantes das relações públicas não sei para onde? Que o Carter teve uma sessão com os congressistas? Que Begin disse que?

Não têm nada com a vida as notícias dos cemitérios. Por isso cada Telejornal é um cemitério de notícias.

TELAVANDARIA

Tem completa razão aquele estudioso que escreveu: «Pouco a pouco, os meios de massa podem impor directivas de uma propaganda básica estrutural que cria determinados hábitos de comportamento. As películas de Hollywood contribuíram fundamentalmente para formar certos juízos do público médio sobre a sociedade americana.»

Esse papel do cinema foi, nos nossos dias, transferido para a televisão. A Televisão portuguesa é veículo permanente dos patrões, desculpem!, dos padrões, dos esquemas e da propaganda dos Estados Unidos, em particular, e do capitalismo, em geral.

PERGUNTA SEMPRE PORQUÊ

Para jovelhanos (vai para cerca de 200 anos...) as entradas do teatro deviam ser caras para afastar os trabalhadores. «Esta carestia acentuava afastar à o povo do teatro a ninguém; mas convem dificultar indirectamente a entrada a gente pobre que vive do seu trabalho, para quem o tempo é dinheiro e para quem o teatro mais casto e depurado é uma distracção perigosa.»

Punhamos então a cabecinha a funcionar. Porquê encarecem os bilhetes do teatro e do cinema? Porquê encarecem os preços dos transportes públicos? Porquê se procura alongar, ou destroçar, o horário de trabalho, sendo certo que Marx ensinava ser a redução do tempo de trabalho «condição fundamental para criar o autêntico reino da liberdade»?

Bilhetes caros... Transporte caro... Meios de transporte morosos, incómodos, raros... claro, assim os trabalhadores não frequentam os teatros, os sindicatos, os centros de convívio. Ficam em casa, isolados, segregados, entregues a esse monstro que se chama televixões.

O POVO É O MAIS FORTE

Foi Maquiavel quem disse: «o Príncipe deve contar com o amor do povo, porque nada existe tão poderoso e tão forte como o povo».

Afinal, Maquiavel já conhecia o segredo para a saída da crise em Portugal.

Mas aqui vamos encontrar igualmente o segredo do êxito da TV. Quando, logo a seguir ao 25 de Abril, milhões e milhões de portugueses se juntaram diante do televisor, isso acontecia porque a televisão estava com ele, estava com o mais forte e podia contar com o seu amor.

Hoje, a televisão esquece sistematicamente a vida, a realidade. É uma televisão de plástico e de pastilha elástica. Foge aos problemas. Quando não é fútil, é chata. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. A televisão não é fermento, incentivo para a acção. Ela não quer saber o que fazem os trabalhadores, as comissões de moradores. Ela esconde as grandes e pequenas tarefas que a força da vontade popular leva a cabo por esse País fora. É uma televisão congelada.

Com o povo, não se parece nada. Parece-se muito mais com o polvo.

A POESIA PORTUGUESA DEPOIS DE ABRIL DE 74

Luís de Miranda Rocha

Não os lemos todos, evidentemente, nem contâmos aqueles que lemos, mas podemos certamente dizer: nestes últimos quatro anos publicaram-se em Portugal algumas centenas de livros novos de poesia de autores portugueses. Muitos? Poucos? Questão de importância relativa. O que aqui importa não é a quantia numérica de livros novos que foram sendo publicados (os mais deles depois de 76, poder-se-ia entretanto anotar), mas saber se foram significativamente muitos ou poucos os textos de qualidade que entre tantos nos foi dado ler. Principalmente, interessa saber que textos dos que lemos se nos propuseram como alguma coisa de novo, diferente e enriquecedor de perspectivas, de futuro, na situação e no estado actual da poesia portuguesa, do texto e do discurso da poesia portuguesa. Não é forçoso que se trate de trabalho de novos poetas, de poetas que se tenham revelado nestes anos: pode tratar-se de poetas de que já conheciamos produção de antes de 25 de Abrilde 74 e que entretanto se tenham reafirmado diferentemente de tal modo que isso nos altere sensivelmente a imagem global que até então nós tinhamos da sua obra.

NOVOS

Mas aqui trata-se de saber o que é que de poesia se publicou nestes últimos quatro anos. Temos de limitar-nos a um registo muito sumário daquilo que nos parece hoje mais importante e passe-se o lugar-comum. É justo que se refiram primeiro as revelações. Não foram muito numerosas, mas também o período de tempo considerado não é muito extenso. Dois nomes, antes de mais: A. M. Pires Cabral e Joaquim Magalhães. A revelação de Pires Cabral foi em 74, com «Algures a Nordeste». Quem então leu o livro ficou por certo alvoraçado e numa forte expectativa. Isto por pouco tempo: menos de um ano depois, em 75 «Solo Arável» apareceu (livro mais denso e estruturado) como a confirmação dum poeta largamente dotado. Nota curiosa: tanto o primeiro como segundo livro foram publicados pelo autor, um em Macedo de Cavaleiros e outro em Vila Real, com a particularidade ainda de o segundo ser uma edição a «stencil» e policopiador, tiragem de duzentos exemplares que não não chegaram a entrar no mercado. Mais recentemente (ou dentro de poucos dias não podemos garanti-lo de momento) aparecerá nas livrarias um terceiro livro do poeta: «Trirreme»: não é ressalva para o lugar-comum tão importante como «Solo Arável», mas é uma oportunidade para o leitor conhecer desde já, embora minimamente uma obra que é um dos lugares onde se resolve o impasse que ameaçava a poesia portuguesa nos anos 60. Outro lugar assim será a obra de Joaquim M. Magalhães: «Poemas» (74), «Consequência do Lugar» (74) «Três Poemas» (75), «Dos Enigmas» (76), «Vestígios» (77) e «Pelos caminhos da manhã» (78). Mas importaria referir outros poemas que publicaram nestes últimos quatro anos livros (ou chamemos-lhes assim, em alguns casos, já que, em alguns casos trata-se de edições tiradas a policopiador), livros de poemas onde não apenas é sensível a presença de vozes novas, de falas dotadas de inflexões originais e tonalidades próprias, mas também se pode falar da procura trabalhada de soluções diferentes para os problemas (de composição, de elaboração e organização textual e discursiva) que se põem hoje em dia aqueles que escrevem poesia e português e em Portugal perante toda uma pesada, vasta e complexa herança poética a que o seu fazer poético não pode ser indiferente. Pensamos em J.H. Santos Barros, por exemplo: é um nome que já vem de antes de Abril de 74, mas o melhor da sua obra são os avulsos dispersos por cadernos policopiados feitos nos últimos anos; e não valerá a pena referir-lhes os títulos porque se trata de edições muito difíceis de encontrar; (aqui aguarda-se uma edição «a sério» para se poder ver largamente como é). Falávamos no entanto de revelações ocorridas nos últimos quatro anos. São obrigatórias referências a José Agostinho Baptista («Deste lado onde», em 76), Henrique Manuel Rodrigues («Memória dos Ácidos», em 75), Diogo Alcoforado («Sobre as Casas, seguido de Doze Textos das Prisões Diárias», em 75), Rui Dinis («Ossuário», 1977). Os livros de estreia citados podem não ser indispensáveis entre os títulos da poesia portuguesa mais recente. De qualquer modo, trata-se de provas de estreia que deixaram alguma expectativa em relação a trabalhos futuros.

Outro nome: Fernando Guerreiro: publicou três livros («Livros I e II», «Francis Bacon» e «O Feminino Corpo»), reunindo práticas escriturais muito variadas e a deixarem talvez, sobretudo na imensa avalancha verial, a impressão de alguma confusão, de uma certa perplexidade. Beneficia aqui a dúvida, e fica a expectativa suspensa. Enfim — a última menção, mas não a menos importante, bem pelo contrário —, Luís Guerreiro, que foi certamente uma das mais importantes revelações poéticas dos últimos anos: em «Guia de Salto» (74), viu-se uma certa tendência poética dos anos 60 levada a extremos de um construtivismo que nem os mais minuciosos (como, por exemplo, Nuno Guimarães) tinham conseguido ainda.

OUTROS

Mas é mais do que de suspeitar que os textos mais importantes publicados nestes últimos quatro anos foram de poetas que já vinham «lançados de (e sim ou não integrados em) ciclos de produção datados de antes. Não há neste enunciar nada de sequer inadvertidamente hierárquico, mas é evidente que a poesia asseguradamente de mais alta qualidade publicada de Abril de 74 para cá pode encontrar-se em livros como «Ciclo do Cavalo» (74), «Boca Incompleta» (7) e «A Nuvem sobre a Página» (78), de António Ramos Rosa; «Cobra» (77), de Herberto Hélder (e fale-se de poesia ou do que se quiser falar a propósito deste livro de Herberto Hélder, que, tal como toda a obra do autor anteriormente publicada, e tal como, aliás, também, outras obras de outros autores, que Herberto Hélder não é caso único continua a aguardar a atrevida generosidade dos críticos que escasseiam ou a quem escasseiam disponibilidades e condições de trabalho); «Toda a Terra» (76), de Rui Belo; «Homenagem a literatura» (77), e «Área Branca» (78), de Fiama Hasse Pais Brandão; «Armas Brancas» (77), de Armando Silva Carvalho; «Ascensão de Dez Gostos à Boca» (77), de Alberto Pimenta, «Recitativos» e «O Mês dde Dezembro e outros poemas» (77), de Vasco Graça Moura; «Catalabanza, Quilolo e Volta» (uma reedição mas duma obra reescrita, por isso mesmo) «Memórias do Contencioso» e «Siquer Este Refúgio» (em 76), de Fernando Assis Pacheco. Isto sem esquecer, evidentemente, «Limiar dos Pássaros» (e mais duas sequências), de Eugénio de Andrade, em 76, e três (ou quatro, ou não nos ocorre de momentos quantos) livros novos de Raul de Carvalho, havendo ainda a referir (se não falta) um livro novo de Pedro Tamen «Agora Estan» (75), outro de Sophia «O Nome das Coisas» (77) e «Luz Vegetal», de Egito Gonçalves, em 74 e na melhor forma do autor. Esqueciamos Jorge de Sena e duma curta sequência dele que pudémos ler, numa plaqueta: «Sobre Esta Praia» (77). E esqueciamos, agora imperdoavelmente, João Miguel Fernandes Jorge, «Alguns Círculos» (75) «Meridional» (76), «Crónica» livro de referência absolutamente indispensável no contexto da poesia portuguesa mais recente onde a obra do autor já mesmo antes destes últimos livros ganhara uma relevância invulgar.

ETC.

Um relance pelas referências (titulares) da poesia portuguesa desde Abril de 74 não pode deixar de deter-se em algumas revistas que entretanto surgiram, e ainda noutras iniciativas de grupo ou empreendimentos do mesmo âmbito. Antes de mais, «Nova». Desnecessário tanto enaltecer como dizer aqui a pena que é não ver sair depois do seu segundo número a revista do «Jornal do Fundão». Depois, «Pasárgada», não era propriamente um revista de poesia, mas, revista de cultura que era incluia a poesia na sua programação; saiu um número somente. Revistas não, mas cadernos, ou o que se lhe quiser chamar: «Lugar - Comum» «Exercícios de Dizer», «Cadernos para o Degelo». «Lugar-Comum», coisa de poucas de zasseis páginas, foi em três números uma simpática carolice interessada na publicação de poemas de poetas dos países onde se fala e escreve em português.

«Exercícios de Dizer»: saiu um número, colaboração de poetas radicados no Porto. «Cadernos para o Degelo»: saíram dois números, poesia, de poetas de Trás-os-Montes. Algumas destas iniciativas devem ter morrido. Pena. Outras não. Ainda bem.

PROSA DO 25: O CEGO DIZ QUE NÃO VIU NADA

Fernando Assis Pacheco

Quatro anos de prosa desde o 25 à primeira vista, diria o cego, não houve nada. Entendamos este cego nada que valesse a pena.

Esperavam-se os originais guardados em gavetas. A partida do blindado «Bula» ladeira do Carmo abaixo, com Caetano e seus pares lá dentro e o maralhal aos urros e às punhadas à chapa, parecia o baixar da bandeira para essa frustrada inundação de prosa (e poesia, e teatro). E então não surgiram os tais originais, o escritor fora obrigado à obliquidade, ao relato entrelinhado, assim são as censuras e as asfixias lentas, o escritor, muito escritor, pura e simplesmente escrevera o que escrevera, e fizera por publicá-lo «antes». Originais clandestinos? «Kaput».

Depois sucedeu a queima dos dias, as estruturas que se montavam e desmontavam e remontavam à nossa vista; uma espantosa sensação de velocidade, como se o tempo, o 25, nos precedesse sempre, irónico esse 25!, de um metro intransponível. Também isso não ajudou a escrever, ou impeliu algumas vezes a escrever na gáspea, mal. Andamos todos a aprender com as novidades, é o que é.

Se entretanto não tivessem mesmo saído vários livros de prosa a reter repetiria o dito do cego no primeiro parágrafo. Afinal saíram, e para os curiosos de gestos (gostos) alheios aqui enumero uma lista de títulos tirados agora mesmo da estante, um por um e sem preocupação de esgotar a alínea (que me desculpem os injustamente olvidados, há-os em todas as estantes). Vai pois:

José Gomes Ferreira, «Gaveta de nuvens» e «Revolução necessária»; Miguel Torga, «Diário, XII»; Fernando Namora, «Estamos no vento», «A nave de pedra» e «Cavalgada cinzenta»; Vergílio Ferreira, «Rápida, a sombra»; Agustina Bessa Luís, «Crónica do Cruzado Osb»; Urbano Tavares Rodrigues, «Viamorolência»; Maria Judite de Carvalho, «A janela fingida»; José Cardoso Pires, «E agora, José?»; Mário-Henrique Leiria, a sequência «Fábulas do próximo futuro» na 2.ª edição dos «Novos contos do gin»; José Saramago, «Manuel de pintura e caligrafia» e «Objecto quase»; Nuno Bragança, «Directa»; Maria Velho da Costa, «Cravo» e «Casas pardas»; António Tavares Manaças, «Falar António»; Dinis Machado, «O que diz Molero»; Armando Silva Carvalho, «O uso e o abuso» e «Portuguex»; Nelson de Matos, a 2.ª edição muito reescrita de «O que vai morrer»; Olga Gonçalves, «A floresta em Bremerhaven» e «Mandei-lhe uma boca»; Rui Nunes, «Sauromaquia» e «Os deusês da antevéspera»; Mário Cláudio, «Um Verão assim» e «As máscaras de sábado»; João Camilo, «Retrato breve de J.B.»; e Manuel da Silva Ramos e Alface (dois autores), «Os Lusíadas». Falta-me aqui, desde já, um livro que não li de Virgílio Martinho (corro hoje a comprá-lo) e falham-me dois prosadores que têm estado no choco, sem dizer água vai Carlos de Oliveira e Augusto Abelaira, de quem continuo a esperar «o livro» do 25.

Cardoso Pires: questão de moral

Como vemos, e o cego lerpa do olho que é para não ser parvo, trata-se de um rol aceitável. Forneceria um idêntico a qualquer estudioso de prosa portuguesa que me viesse procurar a propósito do boato de que não houve nada. Houve. Escolha o leitor na lista acima. (E pode completar a sua estante de prosa por mim, que o servidor não lhe cobra emolumentos.)

Dinis Machado e «Molero»: a memória lancinante

Façamos sério nestas laudas, já que a ligeireza cansa. Os meus títulos preferidos, de entre a lista, seriam «Directa», de Nuno Bragança, «O que diz Molero», de Dinis Machado, «Casas pardas», de Maria Velho da Costa, «Sauromaquia», de Rui Nunes, e «Mandei-lhe uma boca», de Olga Gonçalves, de uma certa linha para cá. Linha etária, creio, porque da linha para lá fixo sobretudo «Rápida, a sombra», de Vergílio Ferreira, «Crónica do cruzado Osb», de Agustina Bessa Luís, e «E agora, José?», de José Cardoso Pires. Por motivos muito pessoais eu gostaria de ter escrito (a tanto não chego apenas gostaria, com total franqueza) «E agora, José?» e «Mandei-lhe uma boca», o primeiro porque tenho a certeza de que uma moral vale mais uma missa do que Paris, o segundo porque me parece que a autora abriu uma saudável janela nos hábitos prosadores nacionais, janela já entrevista entreaberta, se me não engano, n' «A floresta em Bremerhaven».

A revelação creio bem ter sido no plural — Dinis Machado com a sua memória lancinante, Rui Nunes possuído de um inesperado «daimon» que os óculos de aros grossos ajudam a camuflar. Mário Cláudio, João Camilo e a dupla Ramos-Alface proporcionaram-me página de intensa gozação, como se tem a ouvir um Chick Corea. Ando ainda a redescobrir Tavares Manaças de cada vez que publica no «Diário Popular» mais uma «Cronografia». Emocionou-me o Mário Henrique das fábulas coladas na etiqueta do «Gin». Uma crueza, um despacho de prosa que só param na ternura (na armadilha onde o escritor felizmente se despenha, despenha-se sempre, vem nos livros).

Vergílio Ferreira deve ter escrito em «Rápida, a sombra» o seu melhor texto, e ainda que eu não lhe aderisse por completo remastiguei-o longamente. Agustina, a tal escritora «que ninguém lê, só os agustinistas», prendeu-me, como Mário Henrique, numa teia subtil de alusões e efusões deliciosas. Mas é o diabo, alo da Agustina a um «não-agustinista» e mostra-me os dentes!

«Casas pardas» é o livro a ler um pouco todos os dias. Quando tiver chegado lealmente ao fim escusar-me-ei a dizer se é melhor ou pior que o «Molero», jogo muito em voga. Não jogo «essas barajas».